

**LUIZ CLAUDIO FERREIRA ALVES**

**Travessias nos modos do existir na espacialidade: ser intelectual docente**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

**Travessias nos modos do existir na espacialidade: ser intelectual docente**

**LUIZ CLAUDIO FERREIRA ALVES**

**Niterói – Primavera de 2013**

**LUIZ CLAUDIO FERREIRA ALVES**

**Travessias nos modos do existir na espacialidade: ser intelectual docente**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia, na área de concentração Subjetividade, Política e Exclusão Social.

Orientador: Prof. Dr. Luis Antônio dos Santos Baptista

Niterói - RJ

Primavera de 2013

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

A474 Alves, Luiz Cláudio Ferreira.

Travessias no modo de existir na espacialidade: ser intelectual docente / Luiz Cláudio Ferreira Alves. – 2013.

191 f.

Orientador: Luis Antônio dos Santos Baptista.

Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2013.

Bibliografia: f. 183-191.

1. Psicologia. 2. Espaço. 3. Viagem. I. Baptista, Luiz Antônio dos Santos. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 158

## Dedicatórias

Mesmo privatizado, com preço cobrado até mesmo para se andar, sentar ou embarcar por ele, o terminal rodoviário se destaca por continuar sendo um lugar de “*multiterritorialidades*”. Ou seja, ali, as possibilidades e os encontros são vários e todos os que por ele passam, recebem alguém, despedem-se ou anonimamente embarcam em viagens.

Chega-se apressado pelo adiantar da hora que se aproxima do horário da partida. Encontra-se uma pequena fila. Aproxima-se e, após o olhar identificador, ouve a fala cortês para assumir o lugar na frente. Recusa-se e procura entender aquele ato como de uma aproximação. Retribui-se com indagações cotidianas como: para onde vai? Mora lá e está a passeio? Viaja sempre? Estabelecem vínculos provisórios.

O falar do senhor Adílio parece nervoso, com palavras trôpegas, quase indecifráveis. Insiste-se e o entendimento torna possível pelo menos o suficiente para ele usufruir de seu lugar na fila e ser o próximo a ser atendido.

A submissão com a qual ofereceu seu lugar incomoda. Sente-se o opressor a ditar modos de ser em que ainda impera a relação senhor e escravo.

Quando no guichê, o atendente, desatento e robotizado, mostra-se insensível. Em seu linguajar de palavras limitadas e ditas entre os dentes, quase que imperceptíveis, Adílio procurava estabelecer uma difícil comunicação com o mundo ao redor. Mesmo que centrado e dirigindo sua comunicação diretamente para o atendente, percebeu o imenso muro existente e quase intransponível à sua frente. Recorreu com um olhar certo em ajuda. Traduziram-se as informações padrão e mecanicamente transmitidas pelo atendente: destino do ônibus, valor da passagem, conferência do troco.

Já próximos, caminham juntos até a plataforma de embarque. Atravessam a cancela de conferência dos aptos a se instalarem do outro lado da grade à espera da partida. Ali, somente com o bilhete quitado e sob o olhar atento do vigia a enriquecer o dono da empresa que recebeu os serviços desprezados pelo poder público em concessões duvidosas. Despedidas e últimos olhares agora têm preço no terminal rodoviário das cidades ditas modernas.

À espera, seu Adílio recebe um de seus filhos que pagou pelo abraço do adeus. Falam o suficiente para que o senhor embarcasse recebendo o acalento de quem

fica com a saudade já presente a determinar modos de existência no contemporâneo.

Nas exigências igualitárias para pessoas desiguais, em um país que insiste em manter um exército de 14 milhões de marginais a engrossar as estatísticas dos analfabetos a partir dos 15 anos, o último guarda a controlar o embarque exigiu a prova da existência.

Ao ler a tarja ANALFABETO, impressa em letras garrafais no documento que classificava o senhor negro, de sorriso fácil e amado pelo filho que pagou para o abraço de despedida e que, submisso, ofereceu seu direito de estar à frente na fila para a compra do bilhete de embarque, tem-se a intensidade de um encontro a transformar em experiência o momento de embarque.

\*\*\*\*\*

As viagens em deslocamentos espaciais possibilitam encontros em experiências constitutivas dos modos de vida. Encontram-se os senhores Adílios nas viagens empreendidas no cotidiano: nos terminais de embarques e desembarques; na cabine do caminhão da Transportadora Eureka, em histórias das estradas do Sr José Ângelo rumo ao Nordeste de Minas e sem solicitar que se abra a mochila; nas ruas de pedras disformes, à luz do dia em Diamantina, com a Lilian, seus filhos e as fotos de Eustáquio Neves; numa esquina no silêncio da noite em Muriaé com o errante morador do Morro do Cristo, de Itaperuna; no embarque rumo ao trabalho, no ponto de ônibus com seus vendedores ambulantes de sabedorias tantas; no cafezinho cheiroso servido pelo Júlio às escondidas, em burlas às normas da faculdade, entre um intervalo de uma aula e outra; nas acolhidas em casas, como a do casal Everaldo e Fátima Cavalheiro, de portas abertas aos passantes e aos que decidem ficar; no Mercado de Diamantina, de vendas e trocas a alimentar sonhos de tropeiros, garimpeiros, artesãos e artistas em diferenciados modos de singularidades expressas. Tantos e tantas.



Garimpeiro - Mercado em Diamantina-MG

A essas pessoas, personagens desses encontros intensos, dedica-se este trabalho de pesquisa e estudos aqui restituído ao público.

Dedicado, ainda, ao Caio, Igor, Gabriel, Rafaela, Ugo, Caiuá Potã, Chúri, Vitória e  
Cauê, crianças em devires.

À Dona Virginia, pela acolhida em seu nutrir na culinária acolhedora de uma cozinha  
aberta e na arte dos modos de fazer à mineira.

## **Agradecimentos**

Estar grato ao término de uma viagem abrange muitos. Considera-se cada passo dado, cada encontro tido. Agradecer a todos nominalmente torna-se restritivo o anúncio do que cada encontro vívido provocou. Desde o que se deu na casualidade do lugar comum ao que perdurará nos devires que compõem a espacialidade praticada. Tenta-se colocar em evidência a intensidade em que se afetou com aquela presença. Deixa-se a medida do tempo. Quisera citar a todos vindos à memória a afetar a experiência de construção lapidar de uma Tese. Evidenciam-se alguns por motivos que não se apresentam, mas se sabe permanecerem ali nos isolamentos tidos, no estar só prazeroso da escrita. Alimentam o corpo e a alma, provocam risos e choros por suas existências e se lamenta não poderem os ter ali, ao lado, durante todo o percurso feito. Erremos ao deixar de lado alguns agradecimentos a serem lamentados em encontros vindouros. Aos que acompanharam e fizeram diferença mesmo sem o saberem fica o registro:

A CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior, por ter possibilitado o privilégio de receber a Bolsa de Pesquisa no momento em que a mesma teve reajuste depois de anos congelada. Ao Professor Doutor Luis Antonio Baptista, que orientou a produção da Tese e ainda dispensou amizade, companheirismo e conhecimentos outros. Aos Docentes que dispuseram compor essa quase *“ala de escola de samba”* em que se transformou a Banca de Qualificação e a Banca de Defesa de Tese. Aos Intelectuais Docentes da UFVJM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campi Teófilo Otoni e Diamantina que se dispuseram a lembrar e narrar suas histórias. A UFF – Universidade Federal Fluminense que, mesmo sem formalidades maiores e em percursos distintos, tem-se como parte da história da construção do Programa de

Pós-Graduação em Psicologia. Aos Docentes da UFF, com os quais se dialoga em aula, a distância, na mesa de um bar, nos corredores. A escolha dessa Universidade se deve aos saberes de vocês e a disposição em socializá-los. Da turma do Programa de Doutorado em Psicologia da UFF, o Carlos, Paulinho de Tarso, Danichi e Geraldo Arte pelos diálogos. Aos alunos de Psicologia, na pessoa dos já psicólogos, Étore Mazzini, Yara Vermelho, Luiz Coimbra, Lízia Eller, e aos estudantes Ronaldo Roberto e Victor Silveira. Sintam-se todos agradecidos. Ao Jefté Moraes, pela admiração recíproca e por sua valiosa contribuição nas reflexões teóricas empreendidas. Aos Docentes da UFV – Universidade Federal de Viçosa, que se deram ao diálogo em vários e diferenciados espaços. Abraçando o Professor Doutor Willer Araújo Barbosa, abraça-se a todos e todas com fraternura. A Lúcia Boarini, endereço da próxima viagem planejada, pela amizade e em sua insistência boa em permanecer junto nessa espacialidade da existência. Ao Ilo Paes Alves, pela ausência consentida. Ao Cauê Silveira Alves pela cumplicidade construída. Ao Edu, Regina (*in memoriam*), Tião, Paulo e Kaizer crescidos juntos, pelas experiências constitutivas na Praça Léviro de Oliveira Pieruccetti e na Rua Jorge Elias, 1273.

À Francine, por atravessar o caminho.

## Resumo

O espaço e sua potência deflagradora dos processos de subjetivação. Nos modos impostos ou naqueles inventados no cotidiano, o tornar-se docente na transitividade da viagem, em movimento. Desde aquela primeira, ousada constitutiva, aos deslocamentos pela espacialidade na busca de um dizer - fazer profissional. Constituir-se intelectual docente ao lançar-se às incertezas de práticas como incerto o embarque na plataforma em aceno para os que ficam; na exigência ao que chega errante, estrangeiro ou viajante aos olhos dos moradores da cidade que abriga a Instituição Federal de Ensino – IFE. Os desvios trilhados levam ao sertão do Nordeste de Minas Gerais, altera a permanência em uma contínua e intensa “des-re-territorialização” de Si. Verticalidade das práticas cotidianas. Lembrar e narrar essas experiências prenes surgidas nas andanças; nas artes de morar da casa distante na infância; sob a lona preta dos acampamentos; dos abandonos rumo ao país estrangeiro; da busca do calor da cidade sertaneja; do optar pelo nordeste deixando as cidades - origens de acúmulos materiais, ao leste. Os caminhos percorridos no escapar das armadilhas capitalísticas ou no se render a elas nas políticas públicas expansionistas do ensino universitário.

Palavras chaves: Espaço, Des-Re-Territorialização, Viagem, Invenção de Si.

## **Abstract**

The space and its deflagrating potency of the subjective processes. In the imposed modes or in those invented in daily life, the making teaching in transitivity of the trip, in motion. Since that first, bold constitutive, to the displacements through spatiality in search of a saying-doing professional. Constituting intellectual faculty by launching the uncertainties of practices as uncertain boarding platform in nod to those who remain; in the requirement to the one who arrives wandering, foreigner or traveler in the eyes of the residents of the city that houses the Federal Institution of Education - IFE . The deviations trod lead to the Northeast hinterland of Minas Gerais (Brazilian State), change the permanence in a continuous and intense "de-re- territorialization" of the self. An upright of the daily practices. Remembering and recounting these pregnant experiences encountered in wandering; in the arts of living far from home in childhood; under the black canvas of camps; of the abandons toward foreign country; of the search for the heat of the hinterland city; of the choosing from the northeast leaving the cities - origins of material accumulations, to the east . The paths taken in escaping the capitalistic traps or in surrendering to them in expansionary public policies of university teaching.

**Keywords:** Space. Re-De-Territorialization. Travel. Invention of the self.

## Résumé

L'espace et sa puissance qui déclenche les processus de subjectivité. Dans les modes imposés ou dans ceux créés dans le quotidien, le devenir enseignant de la transitivity du voyage, en mouvement. Depuis le premier, osé constitutif, aux déplacements par la spatialité à la recherche d'un dire - faire professionnel. Constituer l'intellectuel enseignant en lançant aux incertitudes de pratiques l'embarquement incertain en gare, en saluant ceux qui y restent; dans l'exigence à celui qui arrive errant, étranger ou voyageur, devant les yeux des habitants de la ville qui abrite l'Institution Fédérale d'Enseignement – IFE. Les détours battus conduisent au 'sertão' du nord-est de Minas Gerais, changent la permanence dans une constante et intense "dé-re-territorialisation" de soi-même. Verticalité des pratiques quotidiennes. Rappeler et raconter ces expériences enceintes venues des marches; les arts de vivre dans la maison, en enfance, sous la toile noire des camps; des abandonnements vers le pays étranger; la recherche de la chaleur de la ville du 'sertão' ; l'option pour le nord-est, en quittant les villes – origines des accumulations matérielles, à l'est. Les chemins parcourus en s'échappant aux pièges capitalistes ou de leur rendre dans les politiques publiques expansionnistes de l'enseignement universitaire.

Mots-clés: Espace, Dé-Re-Territorialisation, Voyage, Invention de Soi-Même.

## Sumário

. Dedicatórias.....	05
. Agradecimentos.....	09
. Resumo .....	11
. Abstract.....	12
. Resumé .....	13
. I - Embarque.....	15
. II - Cenários .....	25
. A viagem primeva, entre tantas .....	25
. Oximoro: o sedentário e o viajante.....	35
. Caminhos em limiares espaciais.....	45
. A viagem seguinte .....	69
. III – Experiência .....	86
. Deslocar como modos de ruptura .....	86
. Errância em modos de subjetivação .....	100
. Desvios em constituição de Si .....	117
. IV – Espaços .....	128
. Espacialidade .....	128
. Deslocamentos em modos do existir	
. Territorialidade – Desterritorialidade – Reterritorialidade .....	138
. Intencionalidade do existir	
. Lugar .....	157
. Externalidade do existir na vertical de Si	
. V – Ligação .....	176
. VI – Referência Bibliográfica .....	183

## I – Embarque

A “*força do espaço*”, termo emprestado por Michel Foucault (2006), acompanha no transitar empreendido para que se possa evidenciar o constituir docente na invenção de Si, processando na espacialidade. O “*espaço aberto, não finalizado, sempre em devir*”, imprescindível para o tempo acontecer no agora, nas propostas teórico – filosóficas de Doreen Massey (2004) e Doreen Massey & Milton Keynes (2008). A prática da espacialidade no constituir a Si. Experiência constitutiva, nas interpelações provocativas de Walter Benjamin (2007, p. 840), diferenciando-a de vivências tantas de algo em bagagens acumulativas. Diz, “*a experiência (Erfahrung) é o fruto do trabalho, a vivência (Erlebnis) é a fantasmagoria do ocioso*”. Segundo nota de detalhe importante, existe uma aproximação de *Erfahrung* do verbo *Erfahren*, que originalmente significa “*viajar*”, “*atravessar*”.

Com um propagandeado fim das fronteiras, nos dias atuais, os deslocamentos vêm, forçados ou forjados, como constituidores de modos de vida e de habitabilidade de um indivíduo que se faz a Si, ali, no espaço percebido e defendido como constitutivo. As contribuições de Frédéric Gros (2004) e seus colaboradores angariadas na tentativa de se pensar alguns dos conceitos foucaultianos e que sustentam o transitar do indivíduo pela espacialidade e dela fazendo usos de Si, nos atos tidos, na coragem da verdade de dizer – fazer nessa mesma experiência em uma verticalidade constitutiva. Como a bússola a guiar rumo ao norte, Foucault e os neofoucaultianos afetam a cada passo a escrita ora restituída dos desenhos e modos de práticas cotidianas do indivíduo em seus processos de subjetivações.

O vívido desses percursos, iniciados em seus desvelamentos já nas trilhas dos primeiros passos, são registros de memória esquecidos pelas naturalizações

desse mesmo cotidiano e que, se provocados em diálogos, são lembrados e contados para registros e subjetivações outras ao vir à tona em cenas constituidoras da espacialidade em cenários praticados. O forjar-se, ocorrido nos deslocamentos de intelectuais docentes chegados e partidos das IFE – Instituição Federal de Ensino -, no lastro de uma política expansionista em vigor e em que a oportunidade oferecida não precisa se desenhar como captura fácil da mão de obra especializada. Atenta-se para Jeanne Marie Gagnebin (1994), que oferece reflexões sobre o necessário lembrar que se transfigura em métodos provisórios ao se calcar com ele os passos diversos em escutas e descrições das cenas de memórias de um constituir-se, atravessado no espaço das viagens em deslocamentos corpóreos, tentativas de se “reconstruir um passado que escapa”, resguardando “alguma coisa dentro da frágil existência humana”. Cenas inventadas na experiência que define modos de vida e os indivíduos em seus atravessamentos e que Benjamin (apud Gagnebin, op. cit.) aponta como necessário restaurar, para que narradores de experiências constitutivas se revelem aos que chegam ao nordeste mineiro, espaço aberto a constituições de fazeres na verticalidade do existir ali, no inóspito e arenoso terreno, em sua feitura de uma arquitetura dos prédios a comporem os campi universitários, no tornar intelectual docente operando.

Evita-se a descrição de resultados da opção feita pelo docente e estampada em uma felicidade dita via um estar “*tudo dando certo*”, modo de totalização que impede questionamentos outros, desveladores. Abandona-se a transcrição de um assumir dizer que se tenha errado com a viagem empreendida. Equívoco a causar arrependimentos confessáveis, sustentados no erro moral que precisa ser penitenciado como se pecado religioso fosse. Aos que voltam antes da chegada à espacialidade almejada, o fazem diferentes, movimento de recuo para avançarem.

Faz lembrar os caminhos percorridos por Rimbaud em suas “*fugas raivosas obstinadamente*”, tendo retornos para recuperar-se das debilidades físicas até a próxima partida elaborada em mente no descanso do corpo, firmando assim o caminhar analisado por Gros (2010, p. 45-58). As estadas de Rimbaud são fugazes, passagens por um ou outro leito na recomposição das forças corpóreas para tão somente tornar a partir.

Transeuntes, nos Vales do Mucuri e do Jequitinhonha, intensificam, ali, em contínuos, dinâmicos, constitutivos movimentos do ir e vir, na espacialidade da casa, no trajeto da rua e do bairro da urbe que habitam, no percurso de ida e vinda até os campi do trabalho praticado em transitividades de possibilidades de rotinas tidas e de quebra dessas em invenções cotidianas. Se na sala de aula, olhares, falas, passos e gestos outros diante do que se apresenta na cena de rotina em seu sentido asséptico de acordos em modos de sentar, levantar, caminhar, vestir e se portar dos ouvintes e falantes atentos; uns, nem tantos, se permitem em silêncios.

Na volta, as ruas rumo ao lar se articulam em cenas diversas das relações possíveis nas quais se juntam os que diferem e afetam os sentidos em subjetivações processadas no coletivo cidadão. No abrir da porta de casa em que se chega transtornado por transformado em processos contínuos a persistirem ali no lugar privado das relações na arte de morar. Ao leito, psicanaliticamente se creditam aos sonhos manifestações da economia das pulsões, de vida e de morte, a nortearem os intensos processos no estado de sono do indivíduo inquieto adormecido.

Gravam, na escrita feita, as narrativas de vidas ouvidas, de cenas vistas e de processos tidos nos atos praticados pelos sentidos corpóreos na espacialidade. Possibilidades de que os narradores, escutados no sertão do nordeste mineiro, se desloquem dali e transitem alhures ao se reconhecerem no escrito, acrescentando

dúvidas, compartilhando com outros, outras e tantos mais possíveis. Oportunidades ao se debruçarem sobre o texto lido, ou, de soslaio, se perceberem sem identidades com nada e em nada, tão somente como reconhecimentos efêmeros de um conjunto que um fio ou ponto tênue liga para se desfazer no singelo e intenso desvio dos sentidos. Longe de um decifrar reconhecendo-se no texto lido, insiste num alargamento para fora, um extrapolar.

O uso insistente do Si é tentativa que se espera assimilada de distanciamentos, de afastamentos do único, do mesmo, da autoria em identidade que se fixa em holofotes reveladores. Afasta-se do narrador único, do dito e ouvido restrito a um ser em seu modo particular de constituir-se. Preferência dada ao que se torna esse docente em detrimento de quem seja ele já que múltiplos, em constantes transitividades. A evidência na escrita do Si maiúscula é tentativa de dissolvência, de um inominável ao não nomear por relevância, ousadia ou prêmio de conquista. É o indizível que se opera no Si evidenciado. Que multidão disforme compõe as viagens em processos de deslocamentos tidos, ditos, ouvidos, escritos e restituídos? Exercitar na leitura e ler indivíduos plurais, intelectuais docentes que se forjam na espacialidade.

O pensar o limiar como zona a ser praticada, em viagens a serem ousadas, fluxos, contrafluxos e transições constantes nas transposições pela espacialidade transitada, é Jeanne Marie Gagnebin (2010; 2006; 1994) em suas elaborações dos pensamentos benjaminianos a que se recorre para se estar junto aos passos nas travessias empreendidas.

Tem-se, em outros estudiosos, um debruçar sobre o entendimento, reflexões e escrita da passagem de uma era centrada no tempo para uma em que o espaço passa a ser privilegiado como definidor dos habitantes e dos mais diversificados

lugares que ocupam, focando no que se intensifica, no final do século XX e início do XXI, com os modos de vida empreendidos amparados pelas mudanças geopolíticas e econômicas a afetarem os mapas. Juntam-se a Foucault (1988; 1988; 2006; 2010) filósofos como Gilles Deleuze & Félix Guattari (2010), que têm apropriações as mais diversas em uma “*geofilosofia*” de tentativas muitas vezes bem sucedidas de fazerem transitar terminologias conceituais importantes como as de “*território*” e seus desdobramentos, que expandem a questão espacial e nela fazem importante entrada para que se possa ter o pensar o sujeito em sua constituição.

Os estudos de Rogério Haesbaert (2006) propiciam um entendimento mais crítico e atento à questão do espaço constitutivo e que ultrapassa as dimensões territoriais com as quais muitas vezes se detêm os geógrafos. Pode-se perceber um trato do autor com a espacialidade que difere e, pode-se dizer, auxilia sobremaneira a pensar a constituição dos processos em subjetivações dos indivíduos. Somam-se os importantes estudos de Milton Santos (2004) , notadamente aquele em que trata do espaço e da paixão pela espacialidade.

Ainda em Haesbaert (op. cit.), a procura insistente de se discutir a desmitificação do propagandeado fim dos territórios para que se possa entender o engendramento que se processa no transitar do indivíduo pela espacialidade, territorialidade e lugares constitutivos, remetendo à Geografia e à Psicologia possibilidades de se deterem sobre em um aprofundar e trazerem à luz do debate os usos do espaço nos dias atuais. Aproximação tida com a geografia anglo – saxã de Massey & Keynes (2004), com a qual se estreitam diálogos na perspectiva de aflorarem para os estudos contribuições “*filosóficas e políticas da espacialidade*”, para que se possa perceber e transitar por esse espaço praticado pela experiência humana, definindo-

o, questionando-o diante da intensidade que o mesmo permite em seu habitat a modos de constituições dos que lhe ousam integrar.

Deleuze e Guattari (2002; 2010), presentes nas conceituações haesbaertianas sobre a des-re-territorialização, auxiliam o pensar o “*território*” em suas implicações expansivas nas chamadas Ciências Humanas, em um extrapolar os entendimentos, diversificando-os sobre as visões tidas das transitoriedades dos indivíduos pelo espaço.

As “*artes de fazer*” no espaço, elevando-o a categorias de lugar pela prática que nele e dele se faz, são alocadas ao pensar o indivíduo no trânsito pela cidade, caminhos e percursos os mais variados. É Michel de Certeau (2008), que convida a um diálogo sobre essa prática do espaço, numa possibilidade de se aproximar seus estudos com os de Richard Sennett (2010a; 2010b) naquilo que este aponta ao discutir o espaço ocupado pelo trabalho no capitalismo que se oferece cada vez mais dilacerador dos modos cotidianos de vida. A esses autores podem-se solicitar, de empréstimo, suas escritas definidoras e desveladoras de modos de ser e de se fazer em um cotidiano de intensidades em subjetivações, na especificidade de um possível entendimento do intelectual docente a se constituir a Si no construir dos campus e campi universitários das IFE.

Que espaços são praticados no percurso que leva esses docentes ao lugar sala de aula?

Nas invenções reclamadas nos fazeres da Psicologia que se aproxime da diversidade que impregna as relações neste novo século, alguns autores têm se dedicado aos estudos e escritos dos processos de subjetivação no trânsito. Aparece Luis Antonio Baptista (2010a; 2010b; 2008; 2007; 2000 etc), José Sterza Justo (2012; 2011; 2008; 2004; 2000) e outros que se articulam no que tem provocado a

transitoriedade nos dias atuais, impulsionada pela virulência do capitalismo em seus trabalhadores e desempregados que ousam desviarem-se do caminho retilíneo dos modos de produção imposto em modos de vida únicos.

Atingidos por processos de transformações e de modos de produção, os docentes são tragados nessa ebulição transformadora de estados fixos para estados moventes na execução de sua tarefa de intelectuais, já que pretensos pensadores do mesmo cotidiano em que operam.

Esse constituir na experiência difere longamente de uma vivência cotidiana capturada e destituída de um inventar-se intenso. Modos de existir que fazem retornar a Benjamin (1994), a balizar sobre essa intensidade ao se procurar trabalhá-la junto de novo e persistentemente a Michel Foucault (op. cit.). Este teoriza e pratica a experiência em suas inventividades de intelectual e, de empréstimo, auxilia sobremaneira pensar os docentes em deslocamentos vívidos e que saem em busca de um concurso público para ingresso numa IFE. Como que migrantes, trecheiros, estrangeiros em seu próprio país, em um nomadismo dos dias atuais a lhes fixar endereço, não sem antes lhes remeter a Si ao se depararem com uma espacialidade a possuir todos os ingredientes de um deserto sem pegadas-guia, sem lhes mostrar possibilidade única, mas sim como portais a abrirem-se em limiares múltiplos e intensos em se constituírem docentes ali, no pisar do solo em experiências de um atravessamento constitutivo, em constante devir.

As viagens empreendidas e expostas levam ao sertão do nordeste mineiro atravessado em anúncios antes de Guimarães Rosa e Manuelzão. Um pouco mais a oeste de onde trilharam em suas caravanas, emerge do árido dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri uma IFE. Chegados de todos os cantos do país, docentes têm buscado ali não mais as pedras preciosas e diamantes que trouxeram tantos

outros em aventuras, a extraírem do solo os sonhos sonhados de uma Chica da Silva, em vislumbres de veio salvador a se fitar abaixo do chão pisado. Lapidar os que ousam permanecer nos Vales e ali alargarem horizontes em travessias da espacialidade hostil e inventiva para que se constituam outros modos de vida intensos e intensificados no encontro dos viajantes que passam, dos muitos que ficam e fincam possibilidades em processos de subjetivações.

O cenário dos encontros em escutas das narrativas em diálogos foram cidades mineiras do Vale do Mucuri: Teófilo Otoni, latitude 17°, 51', 21" e longitude 41°, 30', 57"; Diamantina, latitude 18°, 14', 14" e longitude 43°, 36', 36" esta, portal de entrada do Vale do Jequitinhonha. Em ambas estão localizados os campi de expansão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri – UFVJM. Encontraram ali os docentes que aceitaram narrar em diálogos seus caminhos que os fizeram chegar à IFE, implantada em 2005 naquela parte das Gerais, em desdobramentos da Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina. Os encontros ocorreram em Teófilo Otoni: na livraria e cafeteria Papo Café, na antiga Rua das Flores; na área de lazer da Pousada do SESC; nos arredores do Terminal Rodoviário; caminhando pelas ruas do Centro e no campus em construção já comportando as salas de aulas e gabinetes dos docentes em seus lugares de trabalho. Em Diamantina, os diálogos se deram na casa do casal de docentes que se dispuseram a revezar o cuidado do filho de meses com o registro de suas falas; os encontros com outros docentes ouvidos aconteceram também no campus em construção, em seus lugares individuais de trabalho. Ao todo foram quinze registros, alguns se perderam com o extravio do HD externo em que estavam armazenados; permaneceram na memória aqueles que a experiência do diálogo possibilitou.

Dos registros aqui restituídos, é apresentado, na sequência do texto, o do pesquisador implicado que compõe “A viagem primeva, entre tantas”, maneira de início procurar desenhar os percursos que se seguirão guiados pelos trilhos da Leopoldina, numa alusão à Estrada de Ferro Leopoldina, que cortava cidades da Zona da Mata e ligava Minas Gerais ao Rio de Janeiro; em “A viagem seguinte”, tem-se a trajetória de um dos docentes em viagens iniciadas no Sul e que, cortando o país, chega ao Norte e ruma, na sequência, ao Sudeste, passando por algumas IFE. Compõem também os “Cenários” apontamentos sobre o “Oximoro: o Sedentário e o Viajante” em que aquele que viaja é o norte da pesquisa e estudos desenvolvidos. Em “Caminhos em limiares espaciais”, procura-se delinear a metodologia da pesquisa em que a narrativa em diálogo é definida como modos de saber dos processos constitutivos dos intelectuais docentes interpelados em e por seus modos cotidianos nas IFE. Tem-se tão somente o Cenário do Vale do Mucuri e Vale do Jequitinhonha como espacialidade transitada na pesquisa.

Os tópicos seguintes trazem, à presença, as outras narrativas que compõem “Experiência”. “Deslocar como modos de ruptura” diz do processo de uma Assistente Social transformada docente sob as lonas pretas dos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. O ponto seguinte, “Errância em modos de subjetivação”, traz a psicóloga paulistana que opta pelo Vale do Jequitinhonha e que, casada com o também docente narrado no tópico “Lugar – Externalidade do existir na vertical de Si”, constitui ali a pesquisadora, intelectual docente que deseja. Em “Desvios em constituição de Si”, a docente, também Assistente Social de formação, deixa a Cidade Maravilhosa e seus enfrentamentos cotidianos e opta seguir rumo ao calor quase desértico do Mucuri, em modos de se constituir docente.

Em “Espaço”, a espacialidade, como centro da pesquisa e estudos feitos, atrela-se definidora dos processos de subjetivação vívidos em cada um dos docentes em diálogos na pesquisa e quiçá atrelada a todos e a todas docentes em seus processos de subjetivações. Segue entremeada com a “Territorialidade – desterritorialidade – reterritorialidade: intencionalidade do existir”, narrativas da psicóloga, pós-graduada na França, atravessada por abandonos e perdas em seus modos de constituir-se intelectual docente. Antecede o fechamento das viagens narradas o “Lugar – externalidade do existir na vertical de Si”, nas narrativas do psicólogo docente casal da também docente em Diamantina. “Ligação”, tem o filósofo docente em diálogos narrativos com o pesquisador implicado, ante a decisão do rumo a tomar, na plataforma, até o próximo desembarque.

A viagem de trem é a primeira entre tantas nas experiências dos deslocamentos de cheiros, cores, texturas, sons e gostos múltiplos, variados e intensos nas diferentes lidas cotidianas na espacialidade praticada. Viajar nas poéticas da geografia de Michel Onfray (2009) e na filosofia do caminhar de Frédéric Gros (2010) junto a docentes em cuidados de Si. Ali.

## II - Cenários

### . A viagem primeva, entre tantas

O avistar para além das montanhas que circundam a cidade provoca indagações. Do tocar o céu ao se chegar ao alto do morro nas elaborações infantis, nos sistemas cognitivos de causalidade; imaginar chegar-se ao mar navegando na canoa de pescar do vizinho, ou levado pela agressividade das águas das chuvas a refazerem o rio Carangola transformado, raivoso e insolente com as margens que o comprimem; as grandes terras existentes sob domínios vários, muitas vezes vis, ou as possibilidades de escavações quase sem sentidos alimentando fantasias da chegada ao outro lado do mundo; as estações ferroviárias emolduradas nas cidades ao norte a ao sul, a leste ou oeste em informes latitudinais e de altitudes em paradas do trem anunciadas pelas sinuosas linhas paralelas que cortam a cidade. Chegadas e partidas fomentando a imaginação na construção de possibilidades do fora mesmo que ainda fincado na terra.

De tantas outras cidades chegam fluxos da exploração da força de trabalho em mercadorias e novidades para abastecer o comércio local. Maquinarias ditas modernas afetam a todos, anunciando o avanço do capitalismo para os mais distantes lugares. Nas malas dos que chegam dos grandes centros urbanos, os esforços da sobrevivência. Na tentativa de agradar, presentes e novidades, narrações de vidas moldadas em um cotidiano em que se é presa fácil nas artimanhas capitalísticas para o consumo desnecessário.

A que caminhos leva a viagem de trem? Até onde se pode chegar sustentado no desejo por experiências deflagradoras de outras descobertas do mundo existente atrás dos morros que circundam a cidade?

A intensidade da busca predomina, a possibilidade de sua concretização se transforma ao se vislumbrar maravilhas, agora ultrapassando os limites circundantes a designar normas, ao se deixar o sedentarismo desde sempre percebido e experienciado como provisório e com data marcada para findar.

Torna-se, nos dizeres de Gros (2010, p.13), necessário provocar partidas, rupturas e transgressões, alimentando finalmente o sonho como ao se aceitar um convite para se transitar por um lá fora que impregna os escritos de um Kerouac. Abandonam-se as convenções imbecis, o tédio de um cotidiano do mesmo em um desgaste provocado pela repetição a alimentar o ódio pela mudança.

O término da escolarização oferecida na pequena cidade anuncia o limite das experiências possíveis no lugar ao se pretender a continuidade dos estudos. O limiar da travessia desafia o limite imposto ao desejo de se tornar professor, já que ali se é impedido. Transitar por esse entremeio do limite e o limiar que se descortina, numa flutuação entre o lugar deixado e ainda sem estar acolhido naquele sonhado, como nos provoca Onfray (2009, p.35) em seu hedonismo, sem se dar conta da ocorrência do contraponto em que a viagem aponta e em que aportam modos constitutivos em prazeres de muitos. Para o autor, o viajante vislumbra um cuidado de Si a partir da atenção em todos os seus sentidos para as cenas que compõem cada paisagem em travessia, sem um registro dessas cenas em um acúmulo fotográfico, já que supera o turista e dele em muito se diferencia. O viajante se afeta em sua corporeidade pelos caminhos flutuando, navegando, passeando pelas paisagens vislumbradas aos olhos e as tão somente sonhadas alcançar.

Por uma indeterminação e possibilidades a se definirem na provisoriedade, o estar após o limite imposto divisor, ingressando no limiar de um percurso outro, é o desafio constante que funda o constituir a Si no ousar da viagem. Mover como

massa enquanto forma, corpo a deslocar pelo espaço muitas vezes reconhecido, outros tantos imersos no desconhecido a desvelar.

Encontra-se nos ensinamentos de Jeanne Marie (2010, p. 14) outro olhar sobre a emergência e diferenciação entre o limite e o limiar, o fronteiroço e o movimento ao transpor. O limiar deixa de separar territórios como o limite imposto “*mas permite a transição, de duração variável, entre esses dois territórios*”.

Realizar uma cerimônia, encontro comemorativo, ou uma festa de conclusão de algo pode apontar para o que Benjamin (2007, p. 535) chama de “*transições*” e estas “*tornam-se cada vez mais irreconhecíveis e difíceis de vivenciar*”, são experiências compondo com o que denomina limiar que, para ele, “*é uma zona. Mudança, transição, fluxo...*”.

Para além de cumprir apenas uma programação para quem conclui etapa da vida escolar, como num rito de passagem benjaminiano, a festividade pela conclusão do ensino médio aponta a hora da partida. Desfaz-se ali a rotina cumprida durante os anos. Os risos manifestos, os registros para a posteridade, o primeiro porre de cuba libre anunciam a travessia para além do limite imposto pela geografia dos morros e pelo modo de vida ditado pelo Estado, em anos de chumbo ali vívidos e que insistem permanecer em disfarces e astúcias impositivas com suas capturas, nos ditados modos de ser que instam cuidados para que essas “*microliberações do sistema*” não aprisionem com mais força ainda, alerta Gros (2010, p. 12).

O rito de transição avança e compõe com a noite. Tem a caminhada pelas ruas abandonadas na madrugada a enunciar tantos outros becos e ruelas a comporem a urbe, o sentir o corpo em movimento em que brota de Si energia a compor mapas e guias inexistentes para o embarque imaginado. Emergem ali, ao caminhar, os medos anunciados nas notícias que chegam pela multimídia, desfazendo distâncias,

igualando diferenças, compondo as urbes desconhecidas e vigiadas na imensidão das ruas e praças pelos olhos que não pegam no sono e deixam de sonhar em noites mal dormidas, auxiliados por olhos do desenvolvimento tecnológico ditatoriais. Na urbe, sabe dos vigias em espreitas para delação, a cada esquina e avenida de aparência pacífica e silenciosa.

Na terra natal, o conhecimento tácito de cada rua, esquina e terreno baldio nos dias e noites da cidade é talvez a força arrebatadora para fora. Um fora composto pelo estar do lado de fora da casa acolhedora e protetora nas andanças iniciais pela rua, pelo bairro, até o atravessar amedrontado da ponte sobre o Carangola caudaloso nas chuvas, num ir e vir desvelando possibilidades em bairros outros, esquinas, becos e praças a aguçar curiosidades. Até que se arrisque a se perder naquelas paragens diversas e diferentes das já dominadas. Abandono das orientações definidas nos cruzamentos da cidade em que o transitar se define por permissões e proibições impostas. Segue percursos obedientes até que as invenções de novos e diferenciados itinerários pela urbe sejam possíveis em experiências urbanas outras, praticando a cidade, seguindo os passos de De Certeau (2008), ao burlar em desobediências as normas e aplacando as fantasias punitivas a elas articuladas. Descobre a cidade proibida, desvelando seus outros e segredados lugares em ruas e bairros em que se ousou perder.

O não estranhamento mais da cidade exige um fora para além das montanhas e em busca de Si, seguindo os trilhos paralelos que apontam para pontos desconhecidos a serem desvendados alhures, já que nos dizeres de Thoreau, apontados por Gros (2010, p. 91-106) em sua filosofia do caminhar, *“tomar a iniciativa de viver uma vida verdadeira é empreender uma grande viagem”*, com *“o vento batendo na pele, o sol faiscante, as tempestades de estarrecer”*. Permitir a Si

essas experiências sensíveis e ainda angariar a “*energia arcaica*” delas, oriundas como que em ritos os mais solenes em que os sábios se deleitam.

A dita proteção familiar se articula com os ditames governamentais, estilos ditatoriais vigentes, impedindo oposições para contestar as imposições e falsas delações. Em auxílio, os apelos religiosos das homilias dominicais, anunciadoras dos destinos de muitos como desígnios, a serem obedecidos, de uma vida religiosa imposta, levam ao aniquilamento de descobertas outras.

A viagem se sustenta e se planeja há muito, “*na carne pelas horas do ventre materno, arredondado como um globo, um mapa-mundi*”, novamente nos elogios da viagem de Onfray (op.cit.p. 9). Talvez iniciada nas imposições dos limites geográficos, arquitetônicos e morais das experiências infantis, ou nas imagens oníricas dos sonhos, realizações freudianas do desejo. Planejamento que deixa de fora aprovações e provisões externas. Ocorre nas teceduras de um existir em que se percebem constantes burlas de uma ordenação das relações familiares, e depois outra, e mais outras, que virão incorporar a existência como num plano de viagem, este sim, produzido e concebido como pacote de vivências existenciais com codinome destino. Desviar das formas retas do existir como em busca de um desfazer dos modos traçados. Burla que possa garantir travessias até que haja outros encaixes, em outra obediência, em que devem persistir quebras de certezas em discontinuidades nas buscas vislumbradas como em uma constante constituição de Si.

No aproximar da partida, tudo se justifica no segredo da sabedoria materna: “*na hora certa você deixará a cidade*”; “*isto aqui não é para você*”; “*na cidade grande se tornará homem de verdade*”, e tantas outras falas indecifráveis das experiências

anunciadas sendo transmitidas nos momentos de dúvidas e de perguntas com respostas evasivas, silenciosas.

Da viagem, a de trem é uma possibilidade sonhada. Já não mais circulando depois da última, despedida. Os deslocamentos são realizados por outros meios, não apagando narrativas ouvidas das viagens sobre os trilhos, descerramento do percurso que poderia ser na primeira estação, a poucos quilômetros do início, ou em outra qualquer que se apresente nas diversas paradas para chegada e partida de passageiros a comporem o vagão. Num misto de apreensão com quase culpa pela burla ao romper com a proteção do lar, aproveita a despedida para uma troca de olhares conhecidos até deixar a plataforma, olhar que a seguir mira o desconhecido em vislumbres das descobertas imaginadas.

No sucessivo de paisagens avistadas no limite do frio transparente da vidraça da janela, o pensar as experiências até então constitutivas, provoca e indaga os novos modos no porvir, *"ver sem ser visto; simultaneamente, os trilhos possibilitam travessias, provocando desapego ao que passou (Baptista, 2009,p.55)"*. Seguindo viagem com Baptista, o acomodar intensificador em que *"lá fora, os fatos que a paisagem descortina passam com pressa, fragmentados e envelhecidos, perdendo textura até a sua extinção"* (ib.idem.). Teso em corpos imóveis acomodados no restrito assento de madeira dura da segunda classe, sente a sensação corpórea da divisão social da viagem. Contrapondo com a segurança tutelada pelo bilhete pago a definir iniciais percursos, permite instável com as possibilidades apresentadas em rápidos quadros moldurados no embaçado do vidro, anteparo com a realidade, como nos quadros de HQ ou no movimento captado nas projeções do Cine Alvorada a comporem as noites dos finais de semana, ainda no ajuntamento das tiras resgatadas do refugio dos remendos dos reprisados filmes de heróis, deuses gregos,

ou nos rastros empoeirados dos filmes de *bang bang*, desafiando a constituição de brincadeiras cinematográficas nos segredos do quarto escuro da casa. Resta a inserção das legendas na composição das imagens captadas nas passagens em paisagens rápidas enquadradas, das paradas programadas, de chegadas e partidas variadas em cada estação ferroviária. Desafia agora o enquadre das cenas a serem decifradas no cotidiano inventivo, deflagrador, da cidade grande.

Aos poucos, as imagens passadas vão se diferenciando num desenho de paisagens ainda não experienciadas. Como nas narrativas das viagens de Marco Polo (2006), tornado o descobridor de maravilhas e jamais avistadas por outrem, sempre a desvelar o diferenciado apreendido a cada parada exigida para se seguir adiante. Os Polos se deparavam com maravilhas no diferente: “*povos idólatras, vassalos, sarracenos; monogâmicos, poligâmicos ou misóginos; em línguas próprias ou comuns a outras cidades; em corpos seminus ou cobertos de ouro, pedras preciosas ou pinturas que a cor nunca mais desbota*”. Narrar cidades e reinos em que o diverso se intensifica em pluralidade de modos de existir buscados no silêncio do vagão lotado e no limite da vidraça do trem.

No enquadre, cidades divididas ao meio pela passagem férrea como que facilitando a divisão cotidiana até que se atinja a periferia em moradas monocromáticas de aparente falta do diverso na construção das casas, ruas e constituição de pessoas. Olhares citadinos, fixados nas janelas que passam, como que desejosos de descobrir o que os difere dos viajantes na composição do vagão de passageiros. Talvez a mirarem a coragem adiada para o embarque solicitado a cada apito do trem.

Cidades em que o correr em vão das crianças atrás do trem pode dizer do querer antecipar partida já sonhada desde sempre. Acenos leves, outros graves, apontam

oportunidades negadas aos que, presos, forjam a Si em compromissos de uma existência limítrofe.

Cidades atravessadas que parecem as mesmas com suas árvores de oitis repetidamente plantados, suas pedras enfileiradas em calçamentos uniformes, ordenando os passos a fazerem na métrica dos pedestres passantes naquele “*espaço praticado*” (De Certeau, 2008) a se tornar lugar para encontros e despedidas antes da viagem que virá ou apenas intuída. Um urbanismo ordenado e que, para De Certeau, será atualizado em segredo pelo usuário “*em fragmentos do enunciado*” a ser por ele apropriado, transformado e adequado à circulação, ao ir e vir de quem usa o espaço criado para tal.

Cidades, molduras de imagens captadas retinidas, a produzirem, em um átimo, o constituir a Si naquele espaço atravessado na viagem empreendida. Mudanças de urbe e de Si de cidade em cidade, diante do que se apresenta ao viajante nos quadros compostos sucessivamente na diversidade das paisagens passageiras. O visto se transforma aos olhos que vê e transforma aquele que vê, compondo possíveis narrativas a dizer de símbolos, trocas em desejos nas cidades visíveis e invisíveis de Calvino (1991), avistadas e praticadas no enquadre da vidraça.

Cidades sonhadas, em que “*chegar e partir são dois lados da mesma viagem*” nos encontros e despedidas de Nascimento e Brant (2012), vão anunciando possibilidades de retornos assim que o vagão põe-se a mover sentindo a potência que o arrasta até a próxima parada, em cuja plataforma o movimento de descer e subir se repetirá, alterando a composição dos assentos no entorno.

Alguns descem antes do termo do itinerário impresso no bilhete. Confrontam-se com um ver que os demove do ir mais além e em busca. Como que desistindo de Si em constituição a ser experienciada na espacialidade a ser atravessada pelo

deslocamento em curso. O que fica, compõe com fragmentos de solidão do burburinho e acenos da plataforma antecipada. O último apito alerta da viagem interrompida. Barrados pelo desconhecido perturbador frente às certezas constitutivas, retornam. Alívio e constituição no sedentarismo.

No seguir adiante, intensifica a lida de Si consigo. A experiência familiar, segredada da descoberta na cidade grande, permanece aumentando a tensão a indicar o percurso esculpido e cada urbe avistada. O vagão lotado é a expressão maior do estar só. Apenas a solicitação do bilheteiro a conferir a ordem do assento e o barulho do atrito dos trilhos lá fora desperta do mergulho na verticalização da experiência de Si, um consumir a todos. O cansaço advém da intensificação corpórea provocada pelas emergências das experiências se contrapondo com cada última parada.

Deixa-se a primeira estação, descansado. A cada quilômetro percorrido, o corpo vai se moldando na veemência do atravessamento. Transborda em cada passageiro o isolamento individualizante, individualiza-se o estar no vagão lotado, evidencia-se a indiferença, a divisão entre os que estão próximos rumo ao fim único e os de início do fim ainda não revelado.

O silenciar na imobilidade do assento de madeira se assemelha ao fixo do sedentarismo. Aqui, porém, há a possibilidade de desembarcar no espaço a se constituir e isto faz diferença nas experiências e modos de existir. Deixa o silêncio externo inaudível do deslocamento espacial sobre os trilhos, certo de vencida a primeira viagem. Persiste um perceber a Si e um constituir, a mirar outras tantas paragens.

Das proibições impostas e que muito fazia pensar na busca das respostas omitidas, não poder iniciar na arte professoral ali, aos olhos de todos, é o que

intensamente incomoda. Sem obter uma justificativa que acalentasse as dúvidas surgidas, a proibição de cursar o magistério, oferecido na cidade limítrofe, serve como limiar de uma existência diferenciada daquelas impostas no lugar. Projetar-se para além dos morros, modos de constituir o professor, docente, intelectual. Os impedimentos cotidianos se conectam com mais essa proibição configurando-a como fato deflagrador de práticas de Si a serem buscadas num caminho que emerge constituído e definido pela espacialidade, em contínuos processos de “*des-re-territorialização*” (Haesbaert, 2004) na viagem, entre tantas, iniciada.

Permanece-se “*prisioneiro do nascimento, da terra natal, murados nas dobraduras primitivas da infância?*”, como afirma Onfray (2009, p. 60), ao traçar sua teoria da viagem embebida na poética da geografia.

Atento na plataforma, o aguardo do último apito do trem. A viagem.

## . Oxímoro: o sedentário e o viajante

Afirmam alguns autores, aos quais se junta Rouanet (1993), que tudo começou na viagem que alguns dos antepassados do sábio homem de hoje empreendeu em algum lugar da África. O que leva esse autor a dizer que o processo de hominização do *homo sapiens* se originou no transitar de um longínquo *homo viator*. Nos apontamentos de Gros (2010), *homo viator* é “o homem que caminha, o homem natural, não deturpado pela cultura, pela educação, pelas artes: o de antes, antes dos livros e dos salões, antes das sociedades e do trabalho”.

Deslocamentos espaciais empreendidos por tantos em processos intensificados em que diferenciados modos existenciais operam subjetivações. Das diásporas em remoções forçadas diante da implantação de políticas de assepsias cidadinas; em passos primeiros, entre tantos, podem ser vivenciados como transgressores dos ditames da existência única traçada pelos afetos e ordenamentos familiares, capturas do Estado e domínios religiosos impostos ao sedentário, fixo. Sendo que “a paixão da viagem não abandona o corpo de quem experimentou os venenos violentos do despaisamento, do corpo ampliado, da solidão existencial, da metafísica da alteridade, da estética encarnada” de Onfray (2009).

Prática da constituição de espaços tidos de início incertos, sempre evocando limiares, desregulando fronteiras. Espacialidade em que se operem processos e estratégias de experiências nas quais se alterem e se produzam novos e diferenciados modos de existir a se contraporem ao limitado, ditado e imposto, mesmo que tendo dele partido. Romper do ponto fixo em um deslocar a trazer, na composição dos quadros em metáforas existenciais, formatados na transitividade do movente pelas fendas, trechos e percursos em cruzamentos ou em linhas retas a

definirem modos de ultrapassagens do existir, na constituição de Si. Limiares a provocarem emergências de atos a diferirem daqueles praticados na estagnação abandonada do limite. Intensidades a reger relações, a apontar o indivíduo remetido e situado entre, nos dizeres de Gagnebin (2010, p. 15), ao situar na experiência coletiva benjaminiana a consumir e a constituir numa transição que coloca em movimento entre o sedentário e o viajante. Constituem travessias, transposições de estados em um lançar em operações composicionais do intelectual docente.

É na tensão da insistência, para que cada passo dado se articule com o chão pisado do percurso composto por enfrentamentos decifráveis e outros mais exigentes, que o intelectual experiencia a constituição de Si na intensidade do limiar, na transgressão do que constitui o limite designando a norma e o molde ditado pelo Estado, ao apropriar-se das relações cotidianas impedoras da transposição.

O avistar das paralelas linhas férreas da Leopoldina a cortar a cidade, aguça o desvendar do depois da curva, ultrapassar o limite, transpor o reconhecível, constituindo no limiar convidativo dos deslocamentos.

Abandonar os ditames governamentais embebidos numa moral religiosa sustentadora das relações de mando e submissão societária exige transpor. Sair de um fazer sedentário e buscar outro modo de ser e estabelecer fluxos existenciais. Deixar a circunflexão apreendida nas celebrações dogmáticas dominicais infantis e investir de possibilidades frente ao proibido. Um limiar da experiência do existir que opere relações outras em que se celebrem diferenças, se intensifique o diverso.

Morrer o cediço de destino fácil e existência única, para emergir o viajante a descobrir-se no fazer cotidiano das incertezas próprias das rupturas de normas e sabedorias herdadas, provocando passagens.

No desfrutar de uma espacialidade, evidencia-se o estabelecimento de uma ética do existir que deve ser outra daquela até então provada de gosto e poder único. Com que ética se estabelecem essas relações ditas transgressoras para a confecção de desenhos e quadros existenciais em desvios das capturas?

Nas transitividades, a liberdade é vívida. Solto das amarras das normas, o viandante depara com possibilidades que o remetem a Si, na perspectiva que Michael Foucault (2010, p. 333 e seg.) aponta e que fundamenta a liberdade grega em que *“o tudo – dizer da parrhesía tornou-se libertas: a liberdade de quem fala”*. Talvez o lançar-se na travessia coloque o sujeito a perceber a Si, lidando consigo frente ao desbravar que opera na constituição do espaço, que, aos poucos, vai se desvelando a cada passo dado, a cada centímetro, conduzido pela escolha, decisão e atitude de partir, em atos e palavras.

Experiência com seus fluxos de saberes ditos científicos, de saberes populares em expressões dos cidadãos e passageiros a cada plataforma de embarque e desembarque. Expressividades de desejos, modos de ser outro a constituir o intelectual nas relações cotidianas que o deslocamento possibilita. Relações que estabelece consigo mesmo e que lhe permitem transitar pela verdade de Si em seus enfrentamentos das capturas capitalísticas, suprimindo ou intensificando o dizer-se verdadeiro. Elaborações de constantes invenções e fugas do poder de dominação que venham a intensificar ou a bloquear e cristalizar as estratégias que modifiquem o viajante, intelectual docente, ao compor uma política estatal da qual é percebido como parte constituída.

Para além de um perceber-se cumprindo projetos que lhe cabem nas experiências do existir, ou se redimindo ao buscar caminhos outros em sua viagem empreendida, o que o viajante faz dos caminhos que passa a viver ao deixar o fixo e

buscar caminhos outros, é, como defende Foucault (2010, p. 266), um exercício da definição das práticas de liberdade, mais importantes do que a afirmação da liberdade.

Pertinente pensar essas práticas do intelectual e deter-se no que fundamenta o *cuidado de si* foucaultiano. Expor o vívido de trajetos percorridos em acontecimentos cotidianos em exercícios dos usos que se faz de Si nas relações consigo mesmo e com os outros. Ao ser parte de um projeto capitalístico de expansão universitária e apropriar-se dele alterando o rumo em planejamentos encomendados, forja ações para além da reprodução de modos de vida que interponham obstáculos percebidos como intransponíveis frente aos embates empreendidos nos enfrentamentos. Provocar a eclosão de novos modos do existir em contínuos processos de “*des-re-territorializações*” no alargamento dos limites. Talvez se localize nesse viés um fazer político outro em que se possa pensar o intelectual.

Obstáculos que se colocam a cada caminho tido e a ser incorporado como intensificadores da própria viagem, evidenciando o que ela tem de constitutiva dos indivíduos. Pelo que vive e que impulsiona no retido, expulso, apropriado ou negado, no que domina, aperta ou afrouxa nos percursos feitos.

Os desvios, durante o caminhar rumo a cidade escolhida ou do retorno antecipado para casa, conduzem como se houvesse o destino já traçado e impeditivo dos estados de suspensão das certezas e descobertas tantas em processos diversificados de subjetivação provocados. Por vezes, impele a uma volta breve, já que os passos medidos impedem o alargamento do espaço percorrido. Outras, impulsiona ao desconhecido do caminhar em que opta por caminhos diversos, anúncios de possibilidades que diferem daquelas planejadas como guias.

A travessia vívida do percurso é a experiência constitutiva de Si. Constituição que desconhece pontos de chegada e se percebem intensificados no devir em que se lançam. A viagem pode ser interrompida como nas imagens nas estações de trem, que se estendem pelas cidades cortadas pelos trilhos de ferro. Pode, ainda, ser estendida, se o espaço atravessado incite ao desavisado e pressentido na busca iniciada. A descida planejada numa estação ferroviária, aeroporto ou rodoviária qualquer é ligação tênue com o já traçado. Até ali a espacialidade se diversificou com aportes intensos na suposta garantia de uma ocupação de cada canto a ser desvendado, de cada território a ser conquistado, de um lugar para apropriar, um nicho transformado ninho numa composição existencial até a próxima fuga das capturas que se planejam desde o provisório desembarque.

Possível pensar na restauração benjaminiana como ensina Gagnebin (1994), em que se elabora, com o deslocamento espacial empreendido, o reconhecimento das perdas de uma ordem anterior imposta com a tentativa de uma moldagem da qual pretende escapar e é, nessa espacialidade, que se operam buscas de garantias provisórias assumidas e que se apresentam como frágeis e definidoras provisórias. O que remete à intensificação de modos de existir ainda singulares, “*interrogações fundadoras*” da experiência em detrimento de meras vivências existenciais, para evidenciar-se ainda nos ensinamentos de Benjamin.

Inexiste o conforto de um pretense porto seguro para o viajante que chega estrangeiro. Os diferentes espaços constitutivos das cidades, para além da topografia dos morros circundantes e das divisões territoriais Estatais a estabelecerem os limites impostos de vivências limitadas, são de uma externalidade hospitaleira para uma decantação. Ali, as tentativas reconstitutivas de Si se

exteriorizam na criação inventiva a se inserir na provisoriedade. Alteridade e multiplicidade nas relações, experiências de estrangeiro em um perder-se a Si.

Inegável a presença da força do capital garantindo a força produtiva tanto para o sedentário que fica, como junto ao viajante a sentir-se nômade, que parte. Como diz Rouanet (1993), se o *homo viator* é o que faz surgir o *homo sapiens*, pode-se evidenciar que esse constituir-se filogênico como ontogênico encontra-se capturado pelo sistema capitalístico e seus tentáculos nas diversificadas frentes de empregabilidade e de trabalho.

As Instituições Federais de Ensino - IFE ocupam essa função de tentáculo capturador que as fazem forjar deslocamentos de norte a sul, de leste a oeste. Mais para oeste, mais precisamente no nordeste mineiro em que se localizam os Vales do Mucuri e Jequitinhonha, tornam-se paragens a serem habitadas por migrantes, estrangeiros, viajantes, errantes, marginais e mesmo vagabundos (Mafessoli, 2001), dentre as tantas designações possíveis para os que chegam em suas “*trajetividades*”(Virilio,1993) provisórias, numa troca do leste de frente para as maravilhas oceânicas para se alojarem ao oeste, no arenoso que resiste desertificar. Espacialidade em suas fendas e brechas provocadas com a ocupação dessa por uma IFE. Transpor os umbrais de Teófilo Otoni, no Mucuri e de Diamantina, ainda mais acima, no fervilhar do Jequitinhonha.

O inóspito retineado, logo na primeira imagem daquela imensidão, provoca retornos precoces para os que vão só olhar. O deserto\* visto permanece sem

---

\*Deserto - Figura utilizada como metáfora das possibilidades de se constituir a espacialidade com a presença do indivíduo em trânsito, constituindo a Si nas aberturas encontradas, convidativas ao traçado inesperado de tantas saídas em caminhos elaborados no ato da prática no movimento, no deslocar.

pegadas-guia e convida a constituí-las. A vegetação rasteira em tudo difere ao Sudeste mais a leste, a caminho dos portos firmes. Esse calor sentido sem a brisa do mar, esse “mosaico inconcluso”, prenhe de um existir diverso, talvez garanta a permanência dos que ficam. Chegados nômades em busca da fixidez expressa na fala da docente interpelada: “*da construção da casa para a velhice quando a aposentadoria chegar*”. Senilidade a ocupar o lugar privado da casa em desenhos e modos de existir cunhados pelo que se percebe fixo na terra antes desconhecida.

Na potencialidade de sair de um habitat determinado e restrito, de um arriscar na espacialidade desnudada e convidativa do desconhecido a compor lugares em ambientes de modos de vida também diversificados, talvez esteja o que determina o ser viajante, migrante no nomadismo atual, como apontado por Justo (2012) o “extracomunitário”, o exilado de Baptista (2009). Constituindo a Si na composição dos trajetos eitos, deflagradora da ocupação em entradas e um espriar por aquelas paragens. Esse estrangeiro que chega ao sertão mineiro defronta-se com essa amplitude vislumbrada, suscitadora de um existir outro: cores, sons, luzes, cheiros, expressões em intensificadas manifestações nas relações implementadas com os autóctones, já que moradores antigos a espera ou em susto com os desembarcados. Diferenciada estética do existir.

A imbricada articulação entre chegar e partir necessita ser percebida para além de determinantes apriorísticos desses dois movimentos em que, se se parte, a volta é certa. Pode-se partir sem o retorno agendado; ocupam-se outros espaços que se forjam em territórios e lugares diversos nesse deslocamento, intensificação de Si nas travessias. Tendo partido em antinomia às composições do fixo, sabendo poder retornar já não o mesmo.

Chega-se na imensidão a um ponto na espacialidade em que a experimentação alquímica da travessia despotencializa o retorno, intensifica a conquista empreendida e constitutiva de Si. À terra natal, uma visita como que em agradecimentos ou em despedidas emolduradas no escutar do atrito do trilho do trem; no ajeitar da mercadoria na carroceria para entregas de uma cidade a outra como que vendido a varejo até o abandono do clima ameno do Sul para o enfrentamento do sol escaldante e cheiro forte das terras molhadas do Norte a provocar retorno precoce; no aprendizado sob as lonas pretas dos acampamentos campesinos; na maresia que sopra no vento marítimo a invadir na costa cidades de vidas coletivas ou construídas sob o julgo único que não se permite destronar; nos carimbos em idiomas vários no passaporte; na falta sentida do circuito cultural paulistano. Limites rompidos em que as normas são transformadas a cada retorno em acolhidas de perguntas e respostas inesperadas.

O constituir nas travessias empreendidas não cabe nos limites demarcadores do lugar de origem. O transbordamento provocado impede refazer as margens alargadas. Estar aqui e em passagem sem parada. Já não se fixa neste chão cediço. É tão somente um dos pontos constitutivos da guia construída nas travessias, no espaço desenhado em linhas e traços outros. É como um grão na espacialidade da imensidão da areia do deserto atravessado.

Os que ficam permanecem fixos, sedentos e nutrindo-se da origem inesgotável. Os que partem constituem-se no lançar, intensificam no misto de ansiedade provocada pela ousadia, levados por uma leveza fremente nos limiares espaciais elucidados em modos de ser. Molda o constituir a Si. Burlam destinos traçados a lhes retirar a autoria, intensos processos fugazes das capturas planejadas e tidas

pelas manobras e engenharias capitalísticas presentes nos diversificados lastros a comporem o tecido societário em que as IFE são estratégias.

Assimilar o paradoxal do sedentário e o viajante. Saber de alguns embarcando e deixando aos que ficam o cantarolar indecifrável e contagiante como os da mãe e filha de Sorôco, de Guimarães Rosa (1988, p. 18-21), em que a cidade acompanha atenta o embarque de ambas. Já na plataforma, elas cantam uma cantiga indecifrável, que fica. Após o não avistar mais o trem que as leva, Sorôco volta para casa, e a distância parece multiplicada, como se outro, o trajeto de volta diferisse do percorrido de casa a plataforma de embarque. Nesse retorno alongado, *“num rompido – ele começou a cantar, alteado, forte, mas sozinho para Si – e era a cantiga, mesma, de desatino, que as duas tanto tinham cantado”*. Num caminhar de retorno, no acompanhamento de Sorôco que cantava, todos estão juntos cantando. Os habitantes da cidade cantarolam a mesma cantiga das mulheres, mãe e filha de Sorôco agora já distantes.

Os que partem ficam nos sedentários e levam a fixidez como possibilidade de constituir a Si em outra estação ao desembarque. Oxímoro?

Imanência da paradoxização. Pensar o viajante, migrante, trecheiro, estrangeiro, entre outras designações para aquele que parte, deixando o “lar doce lar” nem sempre adocicado, como que apoiado no que fica sedentário.

Para além da fixidez desenhada com uma estrutura como a casa a abrigar no retorno, os que deambulam por trechos de certa forma delimitados, como os trecheiros estudados por Justo (2011) e sem parada certa, têm nessa delimitação algo que se relacionaria diretamente com a fixidez. Possível retornar ali e ser abrigado. Retorna-se repleto de histórias a narrar do que viu, ouviu e sentiu pelos

espaços atravessados: experiência. Como possível sempre em retornos aguardados, como o retorno dos Polo (2006) a desvelarem o mundo.

Em deslocamentos, encontrar alguém para ouvir as narrativas em histórias das experiências. Engendramento outro do sedentário movente e o viajante que fica. Possibilidade ímpar de dizer do tornar intelectual docente em viagens em que se desembarca nos Vales. Constituir na travessia pelo sertão do nordeste mineiro, expor o atravessamento nas práticas de Si daqui e de acolá. Narradas, ouvidas.

## . Caminhos em limiares espaciais

A emergência ocorrendo no afrontamento é algo explicitado por Foucault (1988, p. 24), já que não se trata de uma proveniência natural como que alimentando no instinto o seu grau ou o seu desfalecimento. Na emergência, diz ainda, o embate travado ocorre entre desiguais e em diferentes modos de ser, evidenciando que não há autores a se vangloriarem dela já que ocorre no interstício, na fenda de uma espacialidade movediça a atrair para a batalha os que em pé de desigualdade propulsora de algo que aponte um percurso outro, inesperado, improvável, em que os desejos expressos nos confrontos não nutrem um *a priori* sobre o emergir e o que dele se apresenta a romper da fresta. Os percursos feitos têm seu combustível na imprevisibilidade do caminhar adiante ou na desistência de prosseguir. Confronto do caminhante com um inimigo que o habita no incômodo gerado restituindo medos infantis das brincadeiras e das projeções cinematográficas no quarto escuro, ou mesmo o êxtase frente uma imagem primeira vislumbrada e fitada. Persistindo em ações continuadas em abundância que denominam e alteram os componentes com os quais transita.

Acredita que, mais que a certeza do retorno, o constituir na espacialidade, construir ali o sonho, a experiência de tornar-se intelectual docente é o deflagrador do deslocar rumo ao norte, afastando da costa, embrenhando no sertão nordestino mineiro. Erguer os prédios de uma IFE, se perceber ali em profusão de constantes des-re-territorializações, fazendo emergir do diferenciado diversificados modos de ser. Talvez se impregne o indivíduo dessa disposição e sanha humana para “*viajar, deambular, deslocar-se de um lugar a outro*”, tendo nas relações de trabalho vislumbradas um deflagrador desses dispor-se a, apontamentos em estudos que Justo (2012, p.29) faz ao seguir os passos de seus “*errantes trecheiros*”.

A busca de condições de trabalho docente, ainda inexplorado no atual avanço, geográfico diga-se, da expansão das IFE, chegando ao nordeste mineiro, abre um rasgo para o escorrer da política pública educacional se afastando da costa, forjando levadas de imigrantes que operam deslocamentos espaciais em movimentos para se alocarem ali. No calor regional, em silêncio de efeitos precisos, subjetividades se moldam definindo os modos de expressão dos relacionamentos compostos nos novos modos de vida dos intelectuais docentes. Assim, o sertão abriga “garimpeiros” diferentes daqueles desbravadores de outrora e que ainda sonham o lapidar da pedra preciosa para o saldar das dívidas financeiras acumuladas em anos de contínuos e esperançosos revirar da terra, penetrando buracos, entranhas abaixo do solo. Os “garimpeiros” hoje “lapidando gente”, como aponta o frontispício de boas vindas da cidade portal de entrada do Vale do Mucuri a caminho até o Vale do Jequitinhonha, composição de uma região geopolítica dessa parte do mapa. Intempéries do Sudeste abastado.

O processo de escolarização universitária, sob a luz forte, cheiro, calor e cor do arenoso sertão a erguer prédios no abrigo de fazeres desses docentes que chegam em busca da experiência do constituir nas relações de Si na imensidão vislumbrada nesta parte das Gerais preme de pedras preciosas, quer lapidar gente no espaço e lugar em que docentes inter-relacionam a Si em maneiras de subjetivações.

Experiências fazendo oscilar a agulha do sismógrafo nos registros do espaço a que se propõe a atravessar em seus sulcos, brechas e fendas constitutivas, em suas epifanias dos complexos naturais e manifestações culturais tão próprias. Uma IFE sonhada e vívida no Sudeste ao leste, de frente para o mar, difere e aponta diversidades daquela a que se chega, no mesmo Sudeste, com o detalhe diferencial de estar de costas para o mar, a oeste. Nas narrativas dos docentes chegados, a

instigação sempre presente dos que ficaram a leste: “*quando vai fazer concurso para voltar*”?

As possibilidades do alcance do sensível do docente instalado em modos de ser mágico e mirífico são desprezadas pelos que ficam e invisíveis para tantos dos que chegam, como se inexistisse ali “*a ocasião para ampliar os cinco sentidos: sentir e ouvir mais vivamente, olhar e ver com mais intensidade, degustar ou tocar com mais atenção – o corpo abalado, tenso e disposto a novas experiências*” registrando ali mais dados que de costume em outras paragens, como nos provoca Onfray (2009, p. 49).

A sustentar o aportar no nordeste, pode apontar a coragem da verdade como maneira do cuidado de Si com que o indivíduo engendra. Foucault (1988; 2010) dá pistas para uma concepção do intelectual docente que se acredita constituído nos espaços, nos quais vai traçando e compondo relações de saberes e poderes diante das políticas Estatais da qual é parte intrínseca. Em sua invenção das experiências de liberdade, como apontado no “*tudo-dizer*” da *parrhesia* nas elaborações foucaultianas, esse sujeito intensifica, opera fazeres nos embates e acontecimentos protagonizados. Experimenta as relações de captura capitalística a naturalizar, por exemplo, um produtivismo que se faz contagiante no modelo em vigor ou está operando relações de desvios para emergir urgências outras, inventivas de um novo modo do existir.

Que experiências são possíveis nas relações cotidianas desveladoras em um espaço constitutivo do intelectual?

Espaço com múltiplas aberturas em devires constantes, expressão do intenso que habita e leva a habitar outras paragens. Numa perspectiva de Massey & Keynes (2004) que propõem compreendê-lo “*como a esfera da possibilidade da existência*

*da multiplicidade; como produto das inter-relações e que opera sempre em um processo de devir”,* está sempre sendo feito no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias inter-relacionam; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Evidencia uma política do espaço em que as relações estabelecidas não se articulam como sistemas fechados, em que tudo se relaciona com tudo ao mesmo tempo. E nessa inter-relação é que o engendramento das ações vem possibilitar um constituir a Si diante e na intensidade dos fatos, em cenas cotidianas ali estabelecidas nas relações possíveis e naquelas impensadas. Nutre-as a autonomia na perspectiva da singularidade em que se opera, já que não se busca um ajustar ao moderno ou outra medida do tempo evoluído e sim, na possibilidade praticada, nos arranjos produzidos e direcionados, as satisfações reclamadas.

A inexistência de uma fixidez futura, pré - conhecida somente e a direcionar os atos e fatos, se sustenta na horizontalidade das ações expandidas ao se transitar até onde a vista alcança e um pouco mais adiante. Deixar de aludir a um fazer no agora como projeção de uma inexorabilidade futura somente se torna possível se atrelada ao assumir a Si na verticalidade da experiência radical no aqui intensificada no espaço praticado. Massey (op. cit.) aponta para o que denomina “abertura radical do futuro”, esta, fundada numa também radical democracia, citando Laclau, em que os fazeres provocam uma demolição da previsibilidade futura, propulsão sustentada nos passos dados a cada centímetro de terra caminhada nas ações do nomadismo dos docentes. Acresce-se a geofilosofia de Deleuze e Guattari (2010, p. 103-136) tantas vezes apropriada em um fechamento conceitual que lhes subverte a intensidade do deslocamento para o campo de batalha, não apenas no trata restrito na ordem das ideias, mas intensamente nas manifestações ao se praticar as

relações do “*autóctone e do estrangeiro que não se separam mais como dois personagens distintos, mas se distribuem como um só e mesmo personagem (op. cit. p. 123)*”, além daquela em que o “*hábito é criador (p.127)*”.

Teorizar sobre o espaço aberto e ativo a ser transitado em suas fendas de uma superfície inexistente. Ali, no abrigo das expressões dos modos do cuidado de Si a forjar diferenças em multiplicidades, cenário propício a abrigar essas atividades cotidianas em uma composição constitutiva do indivíduo em sua expressão singular engendradora nas e pelas maneiras de habitar.

Quebram-se em Massey & Keynes (2004) e Massey (2008), os conceitos de modernidade ou de pós – modernidade como temporalidades medidas de um pretense processo a ser chamado de evolução do indivíduo, como definidoras das experiências tidas como mais ou menos e atualizadas e praticadas neste ou naquele espaço. Mais do que os habitantes estarem correndo atrás de um tempo perdido, apropriam-se de uma autonomia que permite a eles praticar as intensidades que os provocam em ali estando, que há que se diferir de acolá em que as práticas podem vir a se constituir em tantas maneiras, nas exigências daquela porção outra de terra ocupada. Recusa a temporalizar o espaço em uma sequência cronológica apontando, sim, uma abertura para a multiplicidade.

Longe de ser percebida numa linha temporal evolucionista, a autonomia vívida diz de sua constituição nas diversidades das práticas nos percursos e trajetórias dos indivíduos. Massey & Keynes (op. cit.), e principalmente Massey, é enfática e com ela dialoga-se ao afirmar que “para que haja histórias múltiplas, coexistentes, deve existir espaço”(p.10). Praticar a espacialidade diferentemente no aqui e no agora, desfazendo uma linha reta medida pelo tempo ao se constituírem indivíduos diversos na singularidade da experiência.

Trajetórias autônomas e articuladas na diferença de pensamentos em ações. Em espaços outros praticados, constituem referenciais teóricos que, se aplicados no sertão, ferem a autonomia da especificidade locorregional em que o fazer cotidiano convive e brota de um chão árido, com vento a lembrar em poeira a areia que cobre os caminhos. Há uma cultura nos modos de cantar as riquezas secas não apropriadas pela mídia, a fortalecer a regionalidade, a impregnar a construção da IFE, a municiar o combate consigo do docente chegado com a cultura da brisa do mar, do sereno da noite da Mata Atlântica. Aqui as árvores contorcem na sobrevivência de água pouca. Apontar a pretensa formação em Humanidades, fincado no sertão mineiro, privilegiando a cultura midiática dominante a apontar o percurso acoplado a uma transmissão cultural trazida pelos que chegam, sem a garantia da derrubada de muros em barreiras impeditivas da entrada nos campi universitários da realidade na qual se inserem, é impingir a toda uma população locorregional teorias em ações vilipendiadas. Registro de uma quase perversidade intelectual a engrossar fileiras dos embates do dia pós dia.

Espaço como um conjunto de fluxos e de fixos, como aponta Santos (2004) e ainda, segundo o autor, em possibilidades da construção de sistemas complexos do existir, “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações não considerados isoladamente” (p.63). Sistemas que se imbricam e que têm ali a possibilidade de se elaborarem em trocas e engendramentos.

Heterosser no cotidiano de risos e descobertas de uma política de existência em que capturas culturais capitalísticas sejam burladas por uma prática inventiva do professor e da professora, intelectual docente que se constitui como tal desfazendo

políticas reprodutivistas e patrimonialistas impostas no dia a dia das instituições de ensino.

Atravessado e afetado na travessia pelo espaço, o docente constitui a Si na experiência sensível e no acontecimento que se forma nos edifícios que compõem os campi universitários no sertão. Talvez prefira aquietar expondo tão somente o resultado da viagem, como se uma relação física causal previsível de deslocamento na espacialidade, algo apresentável ao visível planejado pelo Estado, transformado em meta alcançável.

Certo intelectual teorizado e experienciado por Foucault, em que dizer e fazer se constituem mutuamente no cuidado de Si, auxilia ao se pensar o docente. Acredita que tantas outras conceituações estão presentes em um definir aos olhares e respostas esperadas socialmente do ser intelectual docente. Ao em trânsito em seus processos constitutivos de Si, intenso des-re-territorializar. No contraponto do enquadre classificatório, o saber fazer narrado evidencia um desenho, imagem real ou onírica de quem se apresenta no diverso inventivo em que os acúmulos trazidos em muito deixam de contribuir no processo. Desfazer, despir em apropriações outras que os caminhos de fazerem chegar aos Vales propiciam.

No cumprimento de uma formalidade de determinada prestação de serviços, como o ensino universitário, a ocupação do espaço pode se dar com rompimentos que remetam a inventividade cotidiana para além da execução do plano Estatal que se espera cumprido no atingimento de metas e que ocorre em contraste, localiza-se aquém, no deparar das provocações e desvelamentos possíveis com aquele caminhar rumo ao nordeste.

Deixadas de lado as nomeações apriorísticas apreendidas das importações dos modos de pensar que garantem o enquadre classificatório dos intelectuais docentes,

as narrativas registradas desses percursos, nos quais se creditam os processos de subjetivação desses viajantes que desembarcam ou passam no e pelo Mucuri e Jequitinhonha, são anotações de um constituir assumido ao se chegar e vislumbrar mais do que uma relação temporal e sim um fazer, constituir no aqui.

Pelo que se mira no sertão, o constituir passa necessariamente por um fazer micropolítico, molecular e específico. Os apelos corpóreos sentidos já ao pisar o solo sertanejo provocam e aguçam incertezas frente ao árido: invenções diante do platô desnudo para edificações, pelas diversidades que se descortinam em possibilidades que deixem de ser imobilizadoras e deflagrem invenções.

Constituir a Si em relações de coragem, em verdades que evidenciem o vívido movente pela espacialidade provocadora dos desertos, desenhados a oeste nos sertões.

Inexistem os prédios de vidros fumês, arabescos das fachadas dos prédios centenários, os modelos importados das estruturas das cidades universitárias de acordos internacionais da IFE sabida. Ali, a espacialidade convida a habitabilidade. O construir e constituir se processam em um transgredir fronteiras em experiências limiares espaciais. Ocupar um lugar que emerge com a chegada dos docentes vindos da rota Sul, Sudeste e outros pontos cardeais. Ter o afetar os sentidos no espaço aberto de visão longínqua, convite aos fazeres que combatam os vícios impeditivos de formações escolares que se vislumbram nas travessias empreendidas que remetem para a intensidade eruptiva do ainda não dado, não planejado, a ser transitado e constituído na lida diária.

Espacialidade que seduz ou assusta, para se constituir intenso ou abandonar em desgosto sem a experiência. Como no incitar da imensidão do deserto sem

pegadas- guia, entradas sem saídas definidas e a se fazerem no caminhar. Agrega ou dissipa o viajante que desembarca no estrangeiro que chega.

Na mobilidade como parte do trabalho, o docente se vê, no cenário do acontecimento em que é protagonista, a exigir de Si um colocar-se em um cotidiano a ser inventado e inventor de diferenciados modos do existir.

É nesse acontecimento espacial da construção da IFE no sertão que o intelectual docente se encontra, na busca da garantia da emergência da *“figura de um técnico da atualidade, que não expõe um discurso sobre os acontecimentos, mas atravessa fisicamente cada um deles”*, já presente nos dizeres do foucaultiano Artières (2004, p. 37).

Do viajante que chega no constituir docente, na construção e constituição de um estabelecimento educacional, a diferir com a emergência da força instituinte de um ensino escolarizado e do intelectual em Si. Diferença ímpar como nos ensina o movimento institucionalista, pode esperar um *“dizer e fazer”* engendrados, um face a face permanentemente em movimento.

Onde o espaço convida a modos de ser, em um construir objetivado nos prédios e artérias desobstruídas para circulações apressadas e insensíveis, presentes nos apontamentos de Sennett (2010) e ali a pulsar processos de subjetivação nos dizeres e fazeres de um intelectual moldado nas formas do cimento armado e intensamente nas práticas cotidianas dessensibilizadas encontradas como as únicas possíveis.

Numa análise da obra foucaultiana em que o filósofo aponta para a questão da verdade, Paolo Adorno (2004, p. 39-62) elucida a que intelectual Foucault se referia, não somente em seu fazer prático, como também em seu debruçar teórico sobre os

temas da época. Ambos, autor e analista da obra, oferecem a oportunidade de se pensar o intelectual contemporâneo sob determinado viés.

Para o analista, Foucault aponta a existência do intelectual universal e do intelectual específico ao dizer que

*“o intelectual específico possui certo número de conhecimentos, que põe em ação de maneira imediata, para operar uma crítica determinada, em um campo que recobre suas competências, sobre um ponto específico. Enquanto o intelectual universal não se limita a aplicar seus conhecimentos e críticas locais, mas mantém um geral sobre a sociedade, cujos pontos de injustiça ele visa, o intelectual específico age teoricamente sobre problemas bem definidos, graças a seus conhecimentos (op. cit. p. 41)”.*

Ao se pensar sobre as relações empreendidas e que conferem ao indivíduo que assim empreende ser chamado de intelectual e o que advém desse tratamento, ações apontam uma especificidade de seu fazer, seu existir societário. O intelectual exige uma percepção de Si a aguçar burlas para além de um domínio fácil, seja na especificidade de seus fazeres, seja na constituição de seu estar se relacionando no dia a dia e em outros modos de ser que encontra. Acredita poder eclodir desse fazer específico, localizado e deflagrador, um intelectual talvez raro, mesmo com um fazer tecido numa rede operadora capitalística. Lugar que provoca fugas das capturas que desenham as relações no contemporâneo. O fato humano apreendido raro e

emergido, talvez esteja exatamente de ele romper com fazeres ditados e uniformizantes em um modo padrão imposto.

Na mobilidade, há um fazer a Si que poderá suscitar o emergir de uma relação dizer e fazer frustradora do projeto de um intelectual serializado. Emergência de uma intensificação na atualidade local, por exemplo, nos campi e no campus universitário, e que os transborda. Experiência que traz em si problematização filosófica e de instrumental conceitual que se mira como definidoras do intelectual nos dias atuais.

Há muito se percebem dizeres em fazeres sustentadores das relações em que o antagonismo intelectual parece ser uma repetição em ladainha. Têm-se discursos como umbral de travessia para se chegar ao cotidiano, trazendo suas vantagens e a prática de atos outros quando da relação com os pares docentes, desprezando o que afirma Todorov (1993) para quem “os discursos são, eles mesmos acontecimentos, motores da história, e não apenas suas representações” (p.14).

Percebe-se, ainda, que se operam os ditames capitalísticos, como, por exemplo, do acúmulo patrimonialista e o desenvolvimentismo em que se intensificam o acoplamento do fazer docente à cena social desenhada. Aproximação entre acumulações de saber e de capital sendo naturalizada nos dias atuais, tendo o intelectual como protagonista.

No repeteco, em vez de intensificar no diverso, predomina uma via de mão única, desprovida de atalhos e obliterando possibilidades das relações poli, que acaba por se constituir em um pensar e fazer mono. Posterga-se o múltiplo, aglutinador de diferentes e modos diversos de existência.

Modos de existir em que descobertas instaurem o proibido em possibilidades outras e que se fazem cotidianamente nas experiências com viajantes, marginais em nomadismos chegados, que cruzam caminhos e adentram os portais dos campi. Ser,

em modos héteros, vários, diferenciados e praticados sem os limites geográficos determinados por modelos do existir e sim deflagrando em acontecimentos e eventos diversos a constituição de territórios e lugares tantos.

Pode-se falar de territórios nos espaços experienciados?

Num desenho de existências do intelectual em modos des-re-territorializantes, nos deslocamentos em busca e a ocupar um novo campus universitário, vê-se um processo de definição e redefinição de territórios existenciais numa imposição capitalística que o desterritorializa na mesma constância.

Nessa mesma composição do espaço em que os indivíduos experienciam territórios, desterritorializados pelas exigências do capital, são remetidos a processos reterritorializantes buscados. Aponta-se, ainda, o lugar como porção existencial a ser percebida e lidada como desenhos de fazeres a operarem no dinamismo espaço – território - lugar.

Território que se percebe “*sem dúvida como uma noção geográfica, mas é antes de tudo uma noção jurídico - política: aquilo que é controlado por um certo tipo de poder*”, aponta Foucault (1988, p. 157). Ainda em outras intensidades, seja ela a cultural, simbólica ou mesmo político – ecológica, amparada nos estudos de Haesbaert (2006, p. 40). Na perspectiva em que “*os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios* (Deleuze & Guattari, 2010, p. 103)”. Acrescida da noção subjetiva em que os processos que a definem ocorrem, debate assumido pela Psicologia que incorpora questão da geografia na qual o território a ultrapassa e diz da subjetivação e de constituição do indivíduo.

São os poderes nas relações tidas que constituem os territórios, atingindo, compondo e extraindo dos sujeitos a percepção de Si como territorial. Como na chegada do trem que vinha da metrópole, anunciando avanços industriais com a expansão do capital, como que destituindo os habitantes da cidade de suas potências inventivas. O artesão ferreiro precisava transformar para que a máquina não o desapropriasse de seu fazer, vendo substituída a utilização do forjar persistente do ferro a ser esculpido. Desterritorializado, esvaziado de Si em seu fazer cotidiano, a criar novos modos existenciais, se reterritorializando. Na intensidade dos desenhos das formas cotidianas e em “*pé de guerra*” com as relações sociais, os indivíduos se inventam.

Vislumbre do intelectual docente em seus deslocamentos e mobilidades geográficas, des-re-territorializando a Si, interrogando sobre as relações de poderes experienciadas. Talvez perceba, nesse constante, o esquivar-se ou entregar-se aos também fluxos capitalísticos em torrentes ditatoriais que impregnam e definem os modos de ser no cotidiano, compondo a agenda globalizante das políticas setoriais. Urge contínuos desrreterritorializar.

Nesse rumo, emerge o fazer operatório do lugar, designado para um pensar sobre o cenário da ação, numa composição espacial e territorial engendradas. Essa emergência do fazer se localiza num ponto “entretantos” desvelado no modo empreendido que difere.

Lugar em que o intelectual docente atua, gerando forças para embates cotidianos frente aos domínios capitalísticos que se querem totalizantes. Lugar como “*ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência*”, como quer De Certeau( 2008, p. 201), que completa evidenciando a

impossibilidade de duas coisas ocuparem o mesmo lugar. Ou ainda, lugar a se “*definir como relacional, histórico*” em concordância com Augé (2008, p.73).

Insiste-se para que se tenha a percepção dessas constituições políticas e de poderes – espaço, território, lugar - em um constante engendramento, cuja leitura em separado, se ocorre, é tão somente apenas para auxiliar na sua apreensão conceitual, filosófica e nos processos de subjetivação que produzem.

Fazeres, definidores de um modo estético de ser, propiciado por novos e estendidos contornos em espaços constitutivos de relações a evidenciarem outros olhares, agora, para os desenhos de diferenciadas paisagens de morros, planícies e imensidão no deserto do existir de entradas e rotas tantas. Função ética, política e estética do intelectual docente em seu des-re-territorializar, a produzir experiências inventivas. Desvelar e apontar deflagração de modos existenciais. Novas e diferenciadas lidas com o poder em que se possa ter uma relação em discursos e fazeres diversos do intelectual contra o poder e não mais um discurso sobre o poder coexistindo, como indica Foucault (1988, p.69-78).

Que processos de des-re-territorializações podem estar vívidos nos intelectuais em “*revides locais, contra - ataques e defesas ativas*” (idem, p. 74) para que emirjam os embates?

Um intelectual não mais representando alguém ou algo, uma categoria ou classe, mas fazendo acontecer experiências que talvez não atendam aos projetos globalizantes que se alastram, mas apontem inventivas experiências em se projetar outros. Talvez aqui se tenha um fazer a constituir o intelectual, em concordância com Foucault, ao apontar para experiências de fazeres que desobstruam os canais expressivos do desejo presentes na des-re-territorialização de

*“um intelectual destruidor das evidências e das universalidades,*

*aquele que localiza e indica as inércias e restrições do presente, os pontos frágeis, as aberturas, as linhas de força, aquele que, incessantemente, se desloca, não sabendo mais ao certo onde estará nem o que pensará amanhã, por estar completamente atento ao presente (Foucault, apud. Artières, op. cit. p. 16)”*.

Num contínuo expressivo da constituição do docente em travessias na experiência do existir, encontram-se tantos outros a narrarem suas histórias de vida, de feitura no cuidado e erupção de Si, aqui e acolá.

Sair do lugar sedentário e visual de certa cientificidade sob a égide de uma instituição de ensino e descobrir outros espaços, territórios e lugares, em que o intelectual opere. Espaços abrigando territórios no próprio campus universitário em que diferenciados modos de agir do intelectual com vez e voz. Para além dos muros definindo os limites do campus, têm-se as travessias empreendidas pelos profissionais docentes, em busca de Si e/ou de um *“lugar ao sol”* nas políticas educacionais expansionistas em vigor.

Sem querer repetir viagens de caravanas em travessias pelas imensidões desérticas em descobertas de maravilhas, o acompanhar passos, intervenções e ações dos profissionais nomeados como intelectuais docentes em suas viagens em busca do constituir a Si, definindo espaços, territórios e lugares de experiências ou meras vivências possíveis. O interagir em suas experiências, em registros de narrativas como expressão de suas histórias de vida, em um *“provocar rupturas nessa narrativa por demais convincentes, designar seus furos, seus brancos, retomar o tropeço e o ato falho para o sujeito arriscar, no seu presente, a andar, a agir diferentemente”*, já demonstrado por Gagnebin (1994, p. 123). Narrativas em

imagens do intelectual docente, colagens autobiográficas do pesquisador implicado em suas também travessias compondo caminhos.

Ao narrar a experiência da viagem no processo de se constituir docente na experiência vívida, deixada a cidade origem que expulsa. Expulsão em saída forçada e forjada num salto talvez rumo ao incerto em tantas paradas possíveis de paragens muitas em desembarques, até que se chegue a cidade – eito a ser transitada.

Prosperar em lembranças pela origem, nos devires do constituir a Si intelectual docente. Daquelas inscritas e distantes na mais tenra idade em que se é lançado à condição do estar sob proteções e em segredos privados da casa provisória a se instalar em diferentes cômodos e endereços habitados.

Daquela espacialidade praticada na infância nas metáforas do quarto de dormir e brincar, do quintal em suas rígidas divisas proibitivas de se ir além, da rua a caminho da escola e em brincadeiras até onde os olhos da mãe e dos vizinhos alcançam, lá longe, ao depois da curva, no seguir rumo a linha do trem. Da urbe transitada em limiares de outras tantas cidades praticadas e pressentidas no desconhecido desafiador daquela espacialidade de cheiros, cores e ruídos ligando o existir ali ao se constituir. Origem e devir.

Narrar posicionamentos em experiências no trânsito, no limiar em encontros como bússolas a orientar o percurso até que ocorram interferências a desorientar os ponteiros indicativos na próxima encruzilhada a exigir um definir outro provisório para que se detenha na travessia iniciada e sem o ponto de chegada definido.

Narrar experiências da travessia empreendida em as provocações do tornar docente a alterar o quadro social em que a estratificação apresentada desafia, provoca rupturas não previstas, aponta pontos dos passos pela espacialidade.

Rompe o evitável percurso já que imbatível nos norteamentos ditados pelas normas definidoras dos destinos prontos. Insere encontros vívidos, utopias compartilhadas a arrebatarem fronteiras.

Narrador de Si. Não há volta. O dito é ciclo lembrado da experiência a definir rumo e, ao ser trazido à tona em dizeres imprecisos, oferece os passos da travessia tida até ao ponto em que se detém a Si e narra. Esquece o dito frente à experiência vívida ali, absorvido na lembrança. O passo adiante provoca a morte sem volta do fato em ato narrado. Restaurado em devires tantos. Deixa de praticar o que fica sem retornos das lembranças elaboradas e feitas na constituição de Si, explicitadas no encontro com o ouvinte atento sem pergunta pronta. O vívido compõe o Si constituído no lugar provisório no desfile do discurso. É um Si outro no narrado do existir, inseparáveis o termo da narração e o declínio da experiência que ali jaz.

Dizer de Si no vívido do sertão mineiro remetido a distância da experiência tida alhures e o decidir estar ali, narrando, não como um retorno saudosista e sim na lembrança a possibilitar posicionamentos constitutivos naquela espacialidade em que se deixa em morte o tornado verbo.

Ditos da proibição de se tornar docente ali, na cidade interiorana; da utopia constitutiva em modos outros de fazeres impregnados dos estudos em grupo guiados pelo pensador comunitário de fora do circuito eclesiástico; da ausência dos apontamentos para a trajetividade rumo ao tornar docente nas exigências do cursar o mestrado e o doutorado alinhados; da curiosidade aguçada ao se frequentar o laboratório da escola em que o pai professor lecionava; no desafio posto pelo docente admirado ao apontar a urgência de se demolir a pirâmide do extrato social desenhada nas exclusões oficiais com a produção do “*exército de reserva de mão de obra*” desqualificada; no constituir sob a lona preta dos acampamentos e

assentamentos campestres. Desmoronamento de certezas umas e das tradições outras de uma sociedade impeditora da emergência de modos inventivos do constituir intelectual docente na tessitura da espacialidade convidativa das travessias.

No acolhimento e recolhimento das narrativas do intelectual docente na espacialidade do nordeste mineiro, em que se instalam e se ampliam as políticas educacionais expansionistas. Busca-se o falar francamente, desprovido ao máximo da captura capitalística que suprime das pessoas o “*dizer verdadeiro*” do parresiasta foucaultiano e deixa para uso de seu fazer tão somente o “*bem dizer*” retórico.

Buscar o narrar as imagens, desvios e atalhos dos caminhos que produzem a incidência daquelas presenças no sertão nordestino. Na especificidade de dizer do deslocamento no qual se detêm e que interessa investigar naquilo que a experiência da viagem em deslocamentos engendra a constituição de Si. Aproximar de “*uma forma artesanal de comunicação*”. Longe de se ouvir “o ‘puro em-si’ da coisa narrada como informação ou um relatório (Benjamin, 1994,p. 205)”.

Ouvir o que pode se pretender deixar de lado encostado numa posição que, se espera, não interfira na narrativa emergida e que sobressai dos atalhos como em atos falhos freudianos desveladores da experiência constitutiva.

Deixar que expresse a relação que se aproxima do artesanal no fazer cotidiano em que se define o intelectual docente “*artífice*” (Benjamin, 1994, p. 207) nas discontinuidades, devires e desafios de constituir a Si e a instituição educacional ali na aridez. Importa tentativas do deciframento desse constituir a Si na emergência do *parrhesia*. Levar o intelectual docente a praticar nas narrativas um desvelamento das aproximações e distanciamentos que compõem o engendramento do pensar e do fazer.

Pedaço que não virou mar e se desertifica presentificando as previsões mais otimistas de ambientalista de plantão, o nordeste de Minas Gerais e seus fluxos de saberes encarnados em docentes nas IFE localizadas nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, são o vislumbre de construções de Si nesses outros espaços, em experiências, processos de subjetivações em constantes des-re-territorializações. Desenharam-se os quadros narrativos em possíveis e diferenciados modos de existir, alguns já desvelados nas caravanas de Manuelzão e Guimarães Rosa em veredas prenhes.

Atendendo editais, aprovados e postos à prova, profissionais da educação têm chegado e partido. Alguns já com o precoce retorno planejado, jamais se desgarrando do sedentarismo da cidade – origem. Outros descobrindo, definindo e vivenciando diversamente como lugar de cuidado e constituição de Si.

Os que ficam ainda ligados à cidade – origem, ousam, transitam e, por vezes, desprovidos do sentir pertencente, operam em busca do tornar cidadão aos olhos ledores dos autóctones, confundidos com estes.

Ao se considerar o fazer dos profissionais da educação nesse espaço, evidenciando, assim, a especificidade de uma categoria e a produção de conhecimento a que se propõem, ou deveriam, percebe-se que fluxos de subjetivação têm sido deflagrados com o advento da mobilidade desses corpos em movimento das viagens, em busca da atividade laborativa.

Capturados na concretização de metas da política de universalização do ensino dito superior e a anunciada estabilidade financeira, o capitalismo se apropria dos trabalhadores ao anunciar a expansão do trabalho educacional em que tantos deixam o “*sedentarismo vulnerável*” (Nascimento, 2008), investem no modo de ser na espacialidade, o que remete aos povos nômades. Estes, lembram os Gadulia

Lohar e outros milhões que, na Índia, diferentemente insistem fugindo das garras e amarras capitalísticas, ao recusarem fixar endereços para comporem o banco de dados do controle estatal. Sobrevivem sem os endereços fáceis, sob as lonas, em fazeres artesanais e destoantes, em deslocamentos físicos como modos de ser e de existir nas fugas desencadeadas pelas tentativas de capturas em curso. Se seus ancestrais forjaram armaduras guerreiras nas conquistas imperiais, forjam um modo de existir que os intensifique distantes do jugo capitalístico empreendido.

Na percepção do processo de trânsito, se instaura a complexidade da experiência e a potencialidade dos moventes. Para além do atendimento ao chamado capitalístico de ampliação do campo de trabalho e alocação dos seus ocupantes, evidenciam-se invenções espaciais, na criação e elaboração de territórios e de lugares. Mais do que transformado presa fácil das capturas consumistas, a mobilidade imposta ao homem em seu deslocamento o faz demarcador de outros territórios. Nas aberturas que o devir engendra, atravessando o indivíduo em seu caminho, delineando espaços nunca pensados, definindo lugares para que se ocorra o indicativo da externalidade de Si.

A complexidade e experiência em fluxos de subjetivação desenhando o espaço buscado pelo intelectual docente. Em diversificados traçados, as rotas são muitas e apontam para o nordeste mineiro. Ali, a universidade acolhe e tende a encolher esse estrangeiro recém-chegado para cumprir as metas governamentais. Para além desse cumprimento do destino denominado pelo sistema, esses indivíduos são intensamente composições diversificadas. A condição de migrante pelas Minas Gerais já coloca os processos de travessia, des-re-territorialização e descobertas constitutivas em que acontece a “*ascese do desvio em oposição à rapidez da linha reta* (Gagnebin, 2006, p. 161)”.

O movimento, que se vislumbra intensificando o intelectual, é aquele sustentado na errância, viagem, deslocamentos inerentes à condição de experiência. Deixa a segurança do *lar doce lar* e se lança nas incertezas e sabores diversos e duvidosos do desconhecido, dos caminhos cheios de riscos.

Desloca o corpo viajante, engenhando processos de subjetivação. Deixa o fixo e parte para o desamparo descobridor de Si, no experienciar de relações improváveis, impensadas como planejamento inicial, por isto propulsor, arrebatador, como *sprung* (salto) “*para fora da sucessão cronológica niveladora à qual uma certa forma de explicação histórica nos acostumou* (Gagnebin, 1994,p.12)”.

Ao se deslocar em seu movimento pela imensidão espacial que bem se ilustra no deserto de pegadas-guia apagadas, sertões e suas veredas surpresas, esse intelectual docente se reterritorializa no processo desterritorializante traçado.

Evidenciar travessias é vislumbrar a potência no caos desconfortante a exigir redefinir em dinâmicos fazeres que se miram proprioceptoras em um intenso devir.

Em seu estado de derrelição, que a travessia por vezes impinge, o intelectual experiencia a efervescência que o forja. Seguindo previsões analíticas de Portes que dizem de uma revolução universitária ora em curso no país, provocada pela multiplicação dos deslocamentos espaço-territorial de docentes e discentes às Instituições Federais de Ensino, novos campi, novos cursos noturnos, o intelectual se coloca em busca, em uma revolução educacional como processos des-re-territorializantes “*no porvir sobre o novo povo e a nova terra*”, em empréstimo as conceituações de Deleuze & Guattari (2010, p. 133).

Seguindo rotas já traçadas, se depara na busca de Si, na revolução produtora ao lançar em diferenciadas construções de espaços, territórios e lugares inventivos nos

campus e campi universitários, nas cidades que os abriga, que vão se redefinindo nas políticas públicas de educação ditas revolucionárias.

Atentos aos anúncios de Foucault, acreditam que as veredas intensificadoras da travessia são a locação constituidora da viagem. Ali, na emergência do sujeito inventivo, cunhadas nas fendas, no átimo intensivo da existência deflagrando processos de subjetivações.

Em tentativas diferenciadas de que seja povoada, agora com produção de saberes, a região desértica do nordeste mineiro é uma das mais pobres do país. Como em outros espaços das Minas, encontra-se um número crescente de intelectuais docentes a comporem a nova paisagem desenhada pelas políticas educacionais nas Gerais, que abriga o maior quantitativo de IFE do país e engendra fazeres universitários nesse início de século XXI, no bojo do sentimento desenvolvimentista que volta a povoar o imaginário cotidiano. Desses, entre muitos, tem docente:

- Em uma IFE outra distante do nordeste em seu projeto de retorno à terra natal vislumbrando a acolhida familiar, aguarda a ordem de partida. Ocupa um lugar que passou a chamar de seu, como a lhe garantir a lida diária, como que uma entrada na rachadura a lhe tirar o chão. Na cratera que se abriu, caminha pelas margens, em abrigos emprestados de experiências constituidoras outras. Seu estado de suspensão é intenso. Abandonado e esvaziado para composições outras, aguarda transferir-se para um lugar inexistente das homilias dominicais do pároco a lhe indicar caminhos. Aguarda com lembranças o retorno ao inexistente. Como nos indica Gagnebin (1994, p. 120), *“lembrar-se, portanto, por amor ao passado e a seus sofrimentos esquecidos, decerto, mas igualmente, de maneira ainda mais perigosa, lembrar-se por amor ao presente e à sua necessária transformação”*.

Em sobressaltos, as interrupções e retornos se desenham como o desembarque antes da plataforma buscada. Quebra a impingir destruição e salvamento. O percurso é fraturado em seu processo em que se não previa o retorno à casa do pai e que as rotas traçadas destroçaram o destino único, destruindo continuidades, destituindo conformidades. Vislumbra-se no retorno poder restaurar a terra conhecida pelo cheiro, luzes e cores de manhãs quase sempre em imagens do outono, por vezes com a névoa fria do inverno. Com o retorno, a restauração de experiências, já distantes daquelas dos ensinamentos eclesiásticos apreendidos nos anos do colégio interno, nas respostas corretamente treinadas para satisfazerem as insatisfações perturbadoras das comunidades de trabalhadores e trabalhadores locais.

- Chegada em viagem que a desloca do Sul das Minas para o Nordeste das Gerais, percebe-se ali uma intelectual docente que ousa pensar consigo, ter em apropriações de conhecimentos. Para além de conhecer o que já tem acumulado, permite desafiar a pensar ultrapassando o acumulado. Persiste em uma constante busca de uma produção compromissada com a realidade da experiência, ali. Os anos de formação docente junto ao MST proporcionam comprometidos olhares e fazeres.

- Deslocada do interior paulista para o nordeste mineiro, a docente-mãe com o companheiro docente-pai recebe a chegada do primogênito. Sente-se bem acolhida ali, longe da terra natal e na presença e entre aqueles alguns também migrantes. Bem acolhida e já experienciando relações de amizade em acolhimentos embalados pela musicalidade e os sobe e desce das ladeiras centenárias na terra dos diamantes.

- Que chega por opção ao calor, que a tantos afasta. Assim permanece aquecida terra quente, fértil nos saberes e fazeres a serem fomentados, uns trazidos, tantos a emergirem. Desafios aceitos mesmo que sem a brisa do mar da Cidade Maravilhosa, origem.

- Ousada formar nas terras distantes, ao norte francês de Júlio Verne e ter a Si como intelectual docente na cidade portal do Mucuri. Constituindo nas frustrações e promissores modos de pensar, praticar docência na instituição que se forja ao norte, nos Vales mineiros. Lidar com a sala de aula e multiculturalidade e nas interrelações com os pares ao ser docente ali.

- A intensificar a verticalidade do existir ao atuar na gestão exigida aos que chegam sem deixar transformar em docente de gabinete, propicia constituir no cotidiano em que se processam microinterrelações que as lupas das análises apontam como corrigíveis ou apenas desvios sanáveis, transformadas em erupções transformadoras pela opção docente de colocar os modos de pensar e fazer indissociáveis.

Outros e outras a assumirem intelectuais docentes no enfrentamento em resistências às capturas capitalísticas, que insistem em suas operações de estabelecimento de uma determinada ordem, a definir rumos e percursos. Interrompem fluxos, desfazem planos de viagens constitutivas pelas experiências que engendram. Insiste o Estado como que necessário afirmar a política do bem comum restituindo ao lar e à família os desgarrados transgressores.

Que narrativas das experiências desveladoras de espaços, territórios e lugares o intelectual carrega em sua intensidade constitutiva na invenção de Si, em pensares e fazeres?

## . A viagem seguinte

*“A beleza destas imagens não nasce da nostalgia do adulto ou transfiguração, tão comum, da infância. Benjamin não evoca nenhum paraíso perdido. Ao contrário, segundo suas próprias palavras, estas imagens devem vacinar contra a saudade e a nostalgia (Sehnsucht) o adulto exilado de sua cidade natal. Porque as imagens da infância, muitas vezes, nos fazem correr este risco sentimental, justamente por isso elas também produzem uma vacina eficaz. Sua beleza não surge da saudade, mas da lucidez, do ‘discernimento’ que compreende a impossibilidade não contingente e autobiográfica, mas sim necessária e social, da volta do passado (JMG\*, 1994, p. 92)”.*

Os preparativos do caminhão com carroceria de madeira para as entregas nas cidades próximas aguçam as fantasias em desejos de infância a vislumbrar o além - terra natal, transpor os limites protegidos sob o alcance materno cuidadoso dos filhos e dos afazeres domésticos na divisão de tarefas: cuidar da casa e dos filhos alimentando-os e mantendo-os sob os olhares atentos. Junto ao pai na atividade

---

\*Refere-se carinhosamente ao nome da filósofa Jeanne Marie Gagnebin.

comercial exercida, os trajetos de idas e vindas a tomar a manhã inteira, parte da tarde ou mesmo a entrar no pedaço da noite. Intensidades de paisagens, amizades e um degustar diferenciado. Outros sabores existentes a serem experienciados fora de casa.

O preparo cuidadoso, o servir atento e o alimentar da mãe em que se saciam mais do que os dotes maternos postos na mesa são deixados para um se nutrir no provocar em uma busca de outros diferenciados quitutes de outras, produzidos a alimentar passantes, os agregados e os fixos. Experimentos no fora do ambiente da casa conhecida.

Na arte de cozinhar fortalecendo as tradições apreendidas no cotidiano dos pratos do Sul, bem como praticando as receitas vindas pedaços do território deixado, cultura no território novo nos processos reterritorializantes dos imigrantes europeus aqui chegados. Cozinha e modos de cozinhar cozer herdados.

O cuidar dos homens e mulheres da casa com o bem cozinhar, assar cozer dos pratos. No preparo para nutrir os corpos, um *“modo de fazer”* próprio. Prática *“elementar, humilde, obstinada, repetida” no espaço da cozinha e da casa toda com “raízes na urdidura das relações com os outros e consigo mesmo”*. Modos de ser da matriarca da casa analisados detida e cuidadosamente como que pitadas precisas do tempero e do ponto do cozido nos escritos da arte do morar e cozinhar de Luce Giard (2008, p. 211-286).

Esforços maternos para a precisa medida dos pratos. Tentativas persistentes e de êxito no preparo dos que acumulam pitadas diferentes na escassez dos ingredientes, no dia-a-dia dos cardápios mesmos. Preparados como se por magia materna vão ocupando todos os cômodos da casa em cheiros de abrirem o apetite antes de serem apreciados com os olhos e da culminância do degustar pelo paladar

em que sacie este e a todos os outros sentidos aguçados. A mãe, em seu domínio, se orienta com receitas buscadas na memória e recitadas silenciosamente como guia para cada ingrediente adicionado. Em um diálogo consigo mesma, vai temperando com as dicas colhidas em diálogos específicos tidos à beira da quentura do fogão com sua avó vinda do além Atlântico. Aguarda por se fazer ouvir pela filha, sobrinhas e outras aprendizes da arte de cozinhar a se chegarem curiosas e atentas mais para perto no propagar-se da tradição oral a se escutar e registrar na memória, ali, na quentura do fogão que aquece o Sul.

A viagem oferece junto o comer fora, possibilidade de sabores diversos e outros distantes do cotidiano repleto de afeto nos pratos de nutrir da mãe. No sabor que fica à espera, o retorno em breve da viagem longa. A intensidade lembrada e um degustar em deleite como se a “*Madeleine*” de Proust fosse.

Dos pratos servidos, nos do fim da Quaresma tem-se a participação de todos. Aqui como acolá. Em Minas, se sabe de regiões em que toda a produção das muitas vacas holandesas leiteiras é posta a doação na Sexta-feira da Paixão. Lá, antes do romper do sol, as vasilhas várias nas mãos de crianças, mulheres novas e homens idosos se aglomeram perto do curral. Distribui-se o leite por chegada à fila que se faz longa em curvas em espera. Todos com as vasilhas postas e enchidas até perto de entornar na sequência do caminho de volta que faz seguindo os trilhos da estrada de ferro e suas sinuosidades leves, em passos na sequência cadenciada dos espaços medidos tidos entre os dormentes.

Em casa, o canjicão sazonal de molho já de véspera recebe o leite ganho, buscado longe e fervido a lhe dar o novo cozimento. Por último, antes de ser posto à mesa, os temperos de coco ralado, amendoim torrado ou puro leite. Daquela Sexta

religiosa até a outra ainda longe, o prato serve a todos da casa, parentes chegados e agregados atraídos pelos cheiros do cozimento e dos temperos misturados.

Romper as relações de obediência ao poder de nutrição da mãe por um almoço e jantar tendo no entremeio o café da tarde torna-se um grande desafio vívido por não se saber antecipado o que existe de alimentação provisória ao se transpor a porta para a rua rumo a outras mesas. Espera que a mãe que fica não se sinta ofendida pelo desejo de experimentar nutrir em afetos outros em viagem de retorno breve.

O pai, por certo ser de ascendência de imigrantes chegados de além – mar em contínuas andanças entre uma cidade e outra no fito de firmar-se como negociante, constitui ali, no cotidiano da infância na cidadezinha no interior do Paraná, sonhos e fantasias de engendrar nas descobertas desveladas a cada curva concluída, a cada estrada vencida, até a próxima cidade em suas formas de acolhidas.

Conquista-se a viagem. Ainda criança, deve-se cumprir benfeitorias, obediências de mandados, por vezes atividades de homem feito impingido às mãos de infância: cuidar da vaca única, comprar secos e molhados faltados no armazém da esquina, fazer atividades da escola.

A viagem é um pouco isso. A vida vai obrigando a tomada de decisões desde a tenra idade. As ocorrências advindas e acumuladas no percurso constituem no entendimento melhor de gentes encontradas, do mundo mirado, de Si. Ser viajante na espacialidade, se abrigar no gosto pelas experiências conquistadas no antes, durante e no depois dos caminhos percorridos. Tem-se, a partir da viagem no caminhão de carroceria de madeira e de cidade em cidade a descarregar “*paraísos artificiais*” engarrafados em cores, sabores e embrulhos diversos, o vislumbre do partir sem data de retorno.

No ampliar impedimentos de se viver paraísos reais, outros são ingeridos em tragos no cotidiano. Pode-se perceber o caminhão carregado de prazeres, tentativas, ousadas e burlas capazes de facilitar acessos sem explicação retidos, possibilidade de jorrar, se despejar na permissividade cotidiana de conquistas vãs, outras sãs. Vendem-se paraísos engarrafados e entregues nas cidades visitadas ao longo dos caminhos do dia e pedaço da noite. O avistar do caminhão que chega chacoalhando os líquidos presos, faz soltar risos de comerciantes e consumidores. Derramam também lágrimas com a parada do caminhão ali em frente.

Na ambigüidade que a percepção permite, olha o descarregar barulhento nos braços e mãos fortes. Outras se erguem com dificuldades e solícitas do consumo breve.

Em alguns estabelecimentos comerciais se entra em reconhecimento ao local. Ali em frente, o balcão é limite, barreira intransponível a ocultar as garrafas descarregadas do caminhão e adquiridas, abertas e servidas em um esvaziar de ritmos diversos. Comenta o gosto pelas novidades vindas de longe. Contabiliza perdas e ganhos em vendas e de pessoas que se foram para o paraíso celeste prometido. Ida sem volta.

Enfrenta-se a cidade de entrega de bebida com a curiosidade de menino em suas fantasias de descobertas em cotidianos diversos. Diferem as vozes, os cheiros, o sabor das comidas degustadas nos pratos surgidos da arte de cozinhar da mãe de mãos e gestos cuidadosos e a comporem os encontros dos finais de semana em que primos, primas, tios, tias, avós e agregados a ocuparem todos os cômodos da casa, em revezamentos no improviso de mesas e assentos a comportar o esticar das conversas feitas no quintal.

Das falas, se ouve as tias professoras concursadas no Estado discorrerem sobre o cotidiano dos encontros nas salas de aulas. A diferença possível de pensamentos e entendimentos vários em um lugar único suscita vislumbres de possibilidades. O transmitir saberes, essa coisa do educar. Nos estudos, o caminho de ascensão social ouvida como percurso a ser feito importante, a ser buscado sempre. Somam-se as falas maternas e paternas sobre “*o estudar para mudar de vida*”.

Do pai, além do comércio e o fazer pesado da agricultura, o forjar-se professor da escola próxima como opção entregue ao homem letrado do lugar. Ainda criança, acompanha o pai, na tarefa nova do educar e estar ali, naquele espaço diverso da sala de aula. Moleque ali tratado como moleque, primeira lembrança da escola do pai ministrando aulas para crianças.

Para o ser docente, a imagem que permanece da primeira entrada na sala de aula acompanhando o pai, improvisado professor; a oportunidade de alguém da classe trabalhadora ascender pela vida da educação; as conversas de família das tias em suas conquistas por serem professoras.

A figura do sacerdote na comunidade é forte no Sul, em Minas e em outros pontos do maior país católico do mundo. O ambiente religioso nas regiões em que se habita, a influência da família formada na retidão cristã são encaminhamentos para o Colégio Interno e talvez ao exercício da função religiosa. Os valores repassados pelas relações com as quais se convive, as referências de modos de vida apontados em que as crenças herdadas de além-mar na imigração familiar e no território de orações em que se constitui são definidores de um percurso visto e insistido como único possível.

Interno no Colégio, há um esforço de treinamento, um preparar para transmissão de mensagens, do convencimento do público vindo do púlpito. Talvez

uma mediação a auxiliar na definição do campo da docência em viés que difere a ser empreendido em caminho outro a ser seguido.

Interno, a conclusão do hoje ensino médio e o início dos estudos de Filosofia e, na sequência, Teologia. De uma Filosofia de fundamentação Tomista, com um corte em que vige um peso maior na interpretação eclesiástica, para uma outra Filosofia em que se ampliam possibilidades de entendimento e de interpretação do mundo ao redor. Os movimentos sociais, que o exercício do estar no Colégio Interno propõe, são os mesmos que apontam o limite da Filosofia da Igreja. As práticas com os movimentos sociais em estudos com lideranças comunitárias são experiências constitutivas nos arredores de Florianópolis, Brusque e outras urbes em suas pujanças. Suas periferias e morros a comporem paisagens proibidas aos registros fotográficos dos turistas colecionadores de imagens digitalizadas e longe da retina.

Um conjunto de eventos se articula no constituir docente. Ser um menino, estar no Colégio Interno, muito bem cuidado, muito bem tratado e muito bem preparado tecnicamente para bem lidar com os ensinamentos impostos entre muros. Recebem-se crianças para a iniciação catequética no vislumbre de dons sacerdotais desvelando e a comporem as outras turmas de internos a ocuparem cada parte daquele prédio. Experiência docente primeira.

Na travessia da porta da frente do Colégio rumo à realidade que habita a cidade, contato com o mundo em seus matizes de ajudas comunitárias e interações com os movimentos sociais, vê a invisibilidade de um cotidiano outro produzido na ascese da formação imposta. A periferia e morros da cidade de Florianópolis destoam da turística orla marítima e suas luzes e pontes.

De esses fazeres comunitários, engaja-se no de Educação Popular já sem a tutela da formação eclesiástica. Desce-se do púlpito e sua leitura de mundo vista e

entendida de um plano superior para a espacialidade constitutiva de relações arenosas, lamacentas na horizontalidade das afetações cotidianas.

Da Filosofia contemplativa, passa-se para a Educação Popular, em que existe um campo de fazeres engendrados de um outro viés facilitador da vida cotidiana com os problemas da sociedade em suas complexidades, percebendo-os e se articulando em um trabalho coletivo, pensando desde a moradia, a ocupação urbana a ser apropriada pelos migrantes vindos do Rio Grande do Sul, do interior de Santa Catarina, do Paraná para uma cidade cheia de atrativos com suas praias e sem uma escola que entenda e atenda as crianças trazidas pelo deslocamento das famílias que chegam.

A ascensão social buscada é por tantos outros trabalhadores almejada. A sala de aula do curso noturno retoma a busca do “*estudar para ser alguém*”, agora na condição de educar, estar no lugar de facilitador de rompimentos e rupturas capazes de desenhar modos de vida outros em estudantes com o professor, pela primeira vez em sala de aulas que abriga o mosaico da realidade da urbe.

Paira uma tensão boa, uma positividade de se preparar de maneira adequada, passar a mensagem clara, que os outros entendam também e possam definitivamente avançar com isso. Tensão provocada pela dificuldade de articulação de conteúdos e metodologias em processo interativo e de aprendizagem em uma dependência direta do docente se constituindo ali, na diversidade e intensidades de uma sala de aula de um curso noturno de uma escola pública.

Memórias vindas vívidas nas histórias contadas por um professor tido como exemplo, na constituição do docente que se pretende ser, em uma das tantas passagens pelos bancos escolares. O querer ser igual a esse que desperta modos de ser diferenciados já que, no trato de temas complexos com a capacidade,

profundidade de tornar fácil em sua diversidade a priori difícil. Expõe como que um convite ao embarque rumo “*a ilha desconhecida*” (Saramago, 2007 ) numa viagem de como poderia vir a ser o docente e o gostar de fazer docência, sem os apelos coercitivos do Colégio Interno, sem as normas cerceadoras de descobertas, sem o comando único de um trilhar retilíneo como há muito assumido como único possível. Esse professor que se gostaria de ser igual, contribui para que se construa no docente um fazer diferenciado a provocar embarques em viagens tantas. Umas apenas imaginadas, outras possibilitam experiências.

A viagem é um pouco isso: a experiência obriga a tomada de decisões. As práticas de deslocamentos determinam raciocínios, a entender melhor as relações, a constituir como docente, ajuda a constituir como pessoa. Aquele que viaja, que conhece lugares e os tem na verticalidade do ato, adquire a capacidade de expor exemplos como se mais próximos ou que modificam, mostram as diferenças nos modos de ser.

No tornar-se docente, busca, experimenta, quase que de praxe, como numa sequência de caminhos já mapeados. Chega ao ensino universitário. Inicialmente o privado levado a exaustão. Acredita estar em constante formação para se alcançar a IFE. Decide quando optar por uma das Federais postas em concurso.

Passam anos em uma privada. Aqui, acolá. Tomando a cidade de Florianópolis, adquire experiência docente na praticidade da sala de aula. Consolida um fazer. A fragmentação ou inexistência da relação ensino, pesquisa e extensão pode levar a outras buscas: uma Federal em outra parte partindo do Sul rumo ao Norte, Leste ou mesmo a Oeste. Pensa o Nordeste, Noroeste ou outro ponto em que se possa sentir docente apoiando no tripé dito fomentador da qualidade. Deixa de ser docente há

tanto sonhado e percebe-se como apenas ministrador de aulas em uma instituição de ensino particular. Cansa.

No extremo Norte se pode ingressar numa IFE. Ao publicar edital de concurso público para docente em Boa Vista, Roraima, arrisca na concretização de estar em uma Federal, ao custo que se der.

Toma por decisão assumir os fazeres de docente na cidade de Boa Vista. A viagem, agora outra, pondo à prova decisão tomada. Deixa o Sul e suas maravilhas nem tão somente ilustradas e parte rumo ao Norte.

Deixa toda a infraestrutura de Florianópolis, cidade bonita plasticamente, bem montada, a não oferecer mais experiência que satisfaça o ser docente. Ruma-se para o Norte a consolidar o ser docente buscado em um conjunto que contemple salário adequado, o fazer negado na privada ou possível a alguns escolhidos, de pesquisar, ampliar os estudos e a ele se dedicar. Pode-se ler, estudar, ter experiências em um conhecer articulado de outras realidades que, ao Norte, difere e transita pela riqueza cultural em que a alimentação surge nutridora do alimentar comportamentos regionalizados em interação com os autóctones e viajantes de percursos vários agora em espacialidade mesma.

Do Sul ao Norte, se tem a nitidez de estar indo e chegando a outro mundo. O trânsito em distância longa possibilita pensar responsabilidades e compromissos com o público que se busca. Misto de medo e curiosidade a nutrir experiências do fora desde a entrega de bebidas no caminhão, de cidade em cidade.

Ao se chegar a Boa Vista em plena madrugada, se usa olfato e tato. Sente-se muito calor e o cheiro da terra é ocre. Ao dia, quarenta e dois graus e, à noite, o efeito expresso naquele cheiro de terra como que assada sob o sol escaldante em um regar constante pela umidade florestal.

Aprende a conviver com os indígenas, primitivos autóctones da espacialidade verde em imensidão. Aprendizado difícil e tão dificultado pelo sulista colonizador de outrora e seus colonizados.

Aqui se acolhe bem os viajantes do Nordeste, Sul e Centro Oeste do Brasil e os estrangeiros da Alemanha, Suíça e Itália. Tem-se simpatia por viajantes, de todos os cantos, cada um chegando com seus objetivos na terra de Macunaíma, já que quase final do Brasil. Eivado de pessoas diferentes, do diverso.

Aqui, na divisa com a Venezuela permissiva de passeios um pouco mais além da fronteira, encontram-se desnudadas relações na tentativa de ganhos fáceis apontando a miséria humana. Nem tudo é maravilhoso no extremo Norte. Confunde-se o bem público com propriedade privada em mecanismos de corrupção, de patrimonialismo alastrante em proveitos próprios. Tem na busca do Eldorado sonhado ou prometido a efetivação do obsessivamente almejado justificando os meios quando se mira no aumento patrimonial. Sujeitos se produzindo em certa ética do existir.

No enfrentamento dos embates cotidianos, pessoas completamente interessadas em construir o público para o bem comum, em construir uma IFE que extrapole os limites impostos, em que a burocracia não impeça que se estenda uma ponte entre o campus e a comunidade via as atividades de extensão, pela entrada da cultura local, pela saída a campo no transitar pela superfície porosa de temperatura elevada em sol tórrido, sulcos e fendas.

Acredita-se que a universidade tenha de estar com o povo, estar com os estudantes, tentando construir uma educação que vá para além da repetição pura e simplesmente do capital, do interesse privado, individual, do lucro, de uma formação profissional pura e simples no campo do burocrático. A universidade e o fazer do

educador têm de permitir algo a mais para as pessoas, um quê de humano para que o ser pense o mundo mais além, mais à frente, senão não tem sentido a função do ser docente só pelo exercício pura e simplesmente do profissional.

O estar no extremo Norte do país é muito duro, muito áspero para as mulheres, dificuldade de mulher ser entendida. Se sulista, é acostumada a tomar decisões no ambiente familiar alemão importado, se está numa ocupação espacial em que se define explicitamente da mulher ocupar o lugar da submissão, isso vai se reproduzindo no próprio ambiente universitário.

O construir algo na experiência espacial em uma “*sociedade dromológica ou hipercinética*” apontada por Virilio (1993) e a dominar as relações em experiências cotidianas em afetados modos de produção empreendidos, torna-se um dificultador para se transitar pela espacialidade na constituição de Si, no espaço acadêmico em outro ritmo. Mesmo já com anos de funcionamento, a IFE ali instalada ainda se fortalece no processo de produção e de interação comunitária e com a comunidade científica. Nas políticas de privilégios de excelências do produtivismo acadêmico, em que a quantidade é determinante para o acesso a verbas e às edificações que proporciona, deflagra um continuar a busca por condições melhores de estruturas físicas e de fazeres no constituir docente; agora numa IFE, acaba por empreender outras viagens rumo ao Sudeste.

As experiências pelas IFE se compõem com a localização espacial das mesmas. Casos de se chegar ao campus avançado para submissão ao concurso e deixá-lo antes do começo; outros em que colocar-se em retirada daquele ponto a ser experienciado ocorre no momento da posse, se assumir migrante; ainda os que chegam já com a rota de volta desenhada evitando se territorializar ali, como que

permanecendo em estado de desterritorialização constante no processo de se ver em retirada, em percurso de volta.

O Norte promissor é deixado tomando a travessia em caminhos que levam até a região Sudeste do país. No Sudeste, afasta-se do mar indo rumo ao nordeste regional em que se vislumbra a ocupação espacial a constituir-se uma diferenciada territorialidade com a implantação do campus da UFVJM, latitude 17°, 53', 4" e longitude 41°, 29', 52", no Vale do Mucuri, município de Teófilo Otoni.

Primeira experiência em Minas e também expectativas outras com o Jequitinhonha cantado ao som da viola, moldado no barro por mãos das ceramistas fincadas no sertão adentro: agrestes no habitat e sensíveis nos sentidos. O vislumbre de ver emergir do solo aquecido do sertão mineiro, como que uma fenda a fazer surgir uma universidade.

Deixados os sabores do alimento e, na cultura local, produtos do solo verde e das águas em abundância, diferem da carne de sol e do pequi do Vale do Mucuri. Mantêm-se regionalidades da culinária com toda força nutritiva e de sedução pelos sabores próprios.

Espaço ocupado por indígenas primeiros nativos a serem dissipados em nome da chegada dos imigrantes a construir ali a Manchester mineira. Ergue-se na Praça Germânica monumento em homenagem à chegada de imigrantes de outrora. Diferenciando-se na cor da pele e de olhos claros, ocupam bairro nomeado em virtude da chegada. Aos indígenas do lugar, uma casa de abrigo provisório os recebe chegados em mendicância transitada pelas ruas da urbe. Ao povo negro, conquista recente lhes restituiu terra em território já habitado no Povoado de São Julião. Reconhecido Quilombola em cantorias e ritmos de viola, de filhos ilustres já idos e outros tantos ritmados no lugar. Territórios dispersos em garimpos de sonhos

em pedras preciosas várias, do enriquecimento abrupto brotado do veio da terra buscado abaixo do solo pisado. Garimpeiros do século XXI tomam a Praça Tiradentes, principal do lugar, em vendas avulsas a lhes manter a miserabilidade da bateia. Empresários de idiomas diversos enriquecem com o suor alheio vendido em moedas de euros e dólares.

Que as sobreposições insistentemente vindas com os imigrantes não estejam sendo trazidas nas chegadas de agora com uma Universidade nascendo aqui no agreste cultural do Mucuri, portal do Vale do Mucuri rumo mais ao norte, Vale do Jequitinhonha.

O que os olhos sentem ao fitarem o brotar da terra, fincado no topo do morro transformado em platô, está envolto a muita poeira. Pelo soprar do vento que atinge aquele ponto por todos os lados, ou pelo transitar dos veículos em retiradas apressadas, a terra plaina no ar seco e desértico. Faltam florestas no entorno já há muito devastado. Os arbustos característicos do semiárido não provocam frescor, não amenizam o sol que permanece como que a pino durante todo o dia.

Tudo está por se fazer. O campus avançado é um extenso e contínuo canteiro de obras. O acesso dificultado em dias chuvosos que, mesmo raros e demarcando as estações do ano, quando desaguam, inundam a parte ao pé do morro, enlameia o topo em transformação de cidade universitária.

À indefinição da arquitetura dos prédios em construção se articulam ali difíceis relações de experiências. Há muita intriga e inveja mútuas ao se transpor o pórtico de entrada em seus protocolos de acesso, como que em um prolongamento da chegada adiada da IFE, mesmo estando ali na espacialidade de sua constituição sendo materializada. Tem-se um embate do “*dromo*” com a paciência ou a lentidão

atemporal frente ao processo de construção das paredes do campus e da constituição do ser docente aos que chegam.

O cenário que se pinta na constituição de Si e do campus se ergue no platô desnudado, plano e estriado. Imagens composicionais de memórias na experiência do constituir docente em um se fazer cotidiano, acompanhando a externalidade das cenas dos prédios erguidos, na vertical de Si. “Recepção coletiva simultânea é de um olho ubiqüitário capaz de ver tudo ao mesmo tempo” na imensidão experienciada. Intensidade de um se tornar em movimentos que diferem da cidade lá fora pelo ritmo empreendido, pelo lançar-se no forjar de experiências de ser docente, envolto ao vento e à poeira do espaço constitutivo que se desenha na imensidão do sertão do nordeste mineiro. *“Uma desregulamentação das aparências físicas em que a localização e a identificação perderam progressivamente seu significado, assim como as distinções de fundo, de forma, de posição e de disposição...”* (Virilio, 1993, p.49)”, em decupagem certamente a inferir sobre a observação da imensidão da espacialidade mirada.

Ainda em Virilio (op. cit.), tem-se a observação espacial mediada pela interface com os instrumentos de medida da informática a definirem modos de vida. No campus a se erguer, o vislumbre é face a face, com sentidos todos sendo colocados a disposição do engendramento do constituir que ocorre no campo da espacialidade. Sem mediações desejadas a aplacarem a intensidade do vívido do docente nômade que chega da viagem vinda do Norte.

Sentir a experiência de uma universidade brotando da terra, nascendo ali na aridez do clima e dos problemas a comporem as políticas expansionistas do ensino universitário em curso. Aos problemas a olhos vistos e sentidos outros, a possibilidade da emergência do novo, a capacidade de atrair docentes e discentes

de todos os cantos. Têm-se estudantes do sul da Bahia, do norte do Espírito Santo, do sul de Goiás, de Brasília, descendo para se fazerem em cursos universitários oferecidos no polo de ensino que se forja. Contribui-se com a montagem do campus em seus quadros constitutivos diversos.

O *“chegar e partir como dois lados da mesma moeda”* guiam a muitos. Deixar o nordeste de Minas para um pouco mais ao sul e próximo a IFE já consolidadas visto que o campus avançado é um pouco decepcionante: tudo está para se construir e exige uma dimensão temporal que a espacialidade desnuda aponta como quase infinita. Tempo aqui agregado às dificuldades cotidianas de se pensar um para além do imediato dado, dificultando a formação de um coletivo de docentes capazes de um fazer integrado à região que se pretende ocupar já que muitos chegam com a partida planejada. Alimenta-se a ilusão da velocidade, aludindo a ela o fazer crer que se ganha tempo. Contrapõe-se ao que nos aponta Gros (2010), de que o estiramento do tempo faz aprofundar o espaço. Há pressa em usufruir o já pronto que difere de acompanhar fazendo parte do construir na exigência de se ocupar o espaço e constituir a Si na lentidão da passada junto.

Chega a UFV – Universidade Federal de Viçosa já octogenária. Compondo o topo da lista das IFE e em que vigora a excelência do produtivismo acadêmico traçado nas políticas de alocação de verbas, faz improvável a saída rumo a UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, como que em um retorno desejado às origens.

Aqui como no Norte do país ou no agreste do Sudeste, entra pelos pórticos do campus a sociedade contraditória. A universidade contraditória se faz ancorada nos diversos interesses que a habitam, senta-se ao lado da contradição de pensamentos e em Departamentos contraditórios numa busca constante de se firmar no que possa

ser o fazer universitário demandado pela sociedade a qual as IFE devem atender em suas necessidades mais prementes. Talvez se deva retomar uma discussão no Brasil sobre para onde se vai. Há globalização sim, mas as grandes questões que assolam o país em suas regionalidades bem como em suas exigências nacionais devem mover o fazer universitário cotidiano.

Buscar, nos deslocamentos que ultrapassam a fixidez nessa ou naquela IFE, o entendimento ou a lida com as culturas diferentes, por exemplo, a indígena. Transitar pela dificuldade muito grande que é o sulista entender a questão indígena nos espaços a evidenciar formas diferentes de se constituir nas experiências.

Nas viagens, o entender a efemeridade e intensidade da experiência a se diferir da vivência aqui ou acolá. Projetar modos de vidas outros na passagem por Roraima, no habitar efêmero de Teófilo Otoni. Contribuir com os movimentos sociais camponeses e interculturais no entorno na cidade de Viçosa, Coimbra, Teixeiras; vislumbrar, mesmo que em projeções, *„com o pé no chão”*, o retorno ao Sul pela UFFS em uma outra viagem, entre tantas; ou se concretizar aqui, no Sudeste mineiro, o processo de constituir em modos e processos de subjetivação que se alinham no lembrar e no narrar essa mesma composição iniciada na boleia do caminhão, no estar fora como vislumbre de modos de invenção de Si assumidos e vívidos no forjar ser intelectual docente.

## II - Experiência

### . Deslocar como modos de rupturas

Ousar afirmar na incerteza. Ousadia prenhe de riscos a constituir o indivíduo lançado nas possibilidades. Como que um atalho diante do fluxo contínuo da estrada principal, sem dúvida de curvas arriscadas, pontos de estrangulamentos. Para além de prender a uma identidade de estampa uniforme e previsibilidade da existência, deixa o indivíduo calado já que não fala por si na descrição apresentada. Ao ousar em contar sua trajetória, talvez se encontre com a incerteza constitutiva de Si. Ousadia indicativa a suscitar elaborações tomando as escritas refinadas de JMG.

Não raro, ao término da graduação, a única certeza que se tem é que jamais gostaria de ser docente. Com uma atenção flutuante a transitar pelos gestos do cotidiano em sala de aula, percebe, durante os anos nos bancos escolares no ensino dito superior, o quanto a universidade está distante das questões da realidade da sociedade a qual pertence e se tratando de uma IFE, da sociedade que a financia. Frustra.

Por outro viés e, na maioria das vezes, fora da sala de aula, essa mesma universidade proporciona experiências incríveis, maravilhosas que levam ao ser docente por outros percursos ao aproximar-se, por exemplo, dos movimentos sociais via a extensão universitária. Ação ainda percebida como marginal por extrapolar os muros e pilastras delimitadoras apontando certo fazer específico do docente.

Uma das atividades de extensão universitária são as experiências de alfabetização de jovens e adultos, organização de grupos de jovens e grupos de mulheres em assentamentos e acampamentos do Movimento dos Sem Terra - MST.

Sob a lona preta, encontra uma leitura diferenciada do graduar em uma formação universitária: conhecer a realidade das comunidades do campo a partir de um contato maior com o MST e os movimentos sociais, tomar gosto pela leitura sob o teto improvisado incitação que difere de quando na graduação. Possibilidade de se constituir militante, distante da formação universitária empreendida e para além de um devir graduando nessa ou naquela área de conhecimento. Especialidades.

Deixada a rotina em seu enquadramento do transformar em especialista a se registrar nesta ou naquela profissão junto ao Conselho da categoria funcional, para se fazer qualquer coisa menos ser docente. Fica na expectativa de fazer valer na prática o muito teorizado em um apropriar da realidade com a mão na massa da construção societária e da constituição de Si.

Vige, nas políticas assistenciais reparadoras das desigualdades sociais implantadas, uma absorção quase imediata de quadros técnicos egressos da IFE para que fortaleçam tais políticas com a formação breve e superficial realizada: baixa remuneração com a precarização das relações trabalhistas empreendidas e nenhum engajamento que diga de algum modo do pensar fazer intelectual foucaultiano. A tecnicidade sobrepõe o pensar sobre; respostas e usos de técnicas imediatistas prevalecem frente a intervenções inventivas de outra realidade.

A aproximação com os movimentos sociais faz vislumbrar possibilidades em criações outras, o reencontro com o MST sem a égide da atividade rara de extensão universitária acende uma outra militância agora pertencendo aos quadros de formação: cumpre-se uma carga horária, com carteira assinada e ajuda de custo pagas pelo Movimento.

Como que se apropriando da oportunidade de transformação societária como ferramenta de trabalho, o engajamento na busca de práticas de modos de vida

ultrapassa o individual, assumindo, na coletividade, o fazer. Acredita-se na convergência de ações como apropriadora de diferenciados modos de vida. O ousar modificar e transformar a Si, o ser integrado ao fenômeno social em detrimento do ter um emprego formal a compor as estatísticas do propagandeado crescimento do “*capitalismo mundial integrado-CMI*”, apontado por Guattari e Rolnik (1986) e Guattari (1991); a militância engajada forjando desenhos outros às intervenções dos intelectuais do século que se inicia numa formação no campo de ação.

Na militância junto aos movimentos sociais e especificamente do MST, a possibilidade de uma viagem para o Norte se fortalece. Lá se encontra o Estado com maior número de ações do MST, tendo o maior número de assentamentos e onde a população ainda persiste em quase sua metade a permanecer no campo, “*onde acontece a vida real dos homens*”, aponta Foucault (2006). Demandas por elaborações de projetos, coordenação e assistência técnica, formação nos assentamentos. Fazeres deixados de ser apropriados nos limites impostos das IFE. Processos de constituição docente no campo das práticas e de pensares outros.

Rompe por variáveis diversas. As perdas da empregabilidade nas capturas das políticas públicas em vigor são questionadas aos olhos dos sedentários a contemplar o existir imposto. O constituir a Si nos acampamentos e assentamentos campestres é o desconhecido deflagrador da viagem rumo ao Norte em terras maranhenses.

Difere da viagem para se fazer estudante sob os auspícios dos pais atentos para que a filha se torne *alguém na vida*. A travessia empreendida rumo ao Norte faz romper a estabilidade do trabalho e os projetos de vida traçados no promissor Sudeste. Burlas feitas, codinomes impingidos: “*está-se em sana mental*”? “*Viajar para tão longe*”?

Assumir-se em desafios e constituir-se neles junto aos movimentos sociais atuantes no Norte do país, nas singularidades do Estado do Maranhão. O que o ensino de graduação deixa de garantir para uma formação em que o retrato social seja em preto e branco em vez dos matizes carregados em sobreposições como em emulsão fotográfica a obliterar leituras de uma realidade escondida nos cartões postais de admiração fácil. Fotomontagens ao alcance do todos. O viver sob a lona preta, ali, nas relações cotidianas de um dia a dia em que, se espera, o campo se erga e ocupe o espaço negado há anos.

Não raro, ainda, tornando-se os modos de formação dos docentes a comporem os quadros das IFE, a continuidade ininterrupta da graduação aos níveis de pós *stricto sensu*. O formado sem conhecimento da realidade para a qual foi graduado permanece intramuros na formação pretendida para que, no mais breve, componha os quadros de docentes a formarem os quadros de atendimento às políticas públicas assistenciais em curso, na busca da melhoria dos índices a medir modos de vidas camufláveis nas aparências refletidas do país a compor o CMI.

A hierarquia ainda persiste nos ditames entre quatro paredes da sala aula. Ali, mesmo que varie de estabelecimento educacional a outro, perduram modos em hierarquias absolutas de que se é professor, orientador a tudo ditar para os registros cabisbaixos. Mitificam diálogos a serem amparados no quantitativo de obras lidas, de pensadores apropriados na adequação do diálogo, sustentados no volume das leituras feitas. Produzem e engessam identidades fixas a ditarem aproximações de percursos para que não haja desvios, atalhos a garantirem intensificações, a desfazerem destinos traçados e em curso nas formações escolares, agora, para um mercado demarcado em suas oportunidades mapeadas a definirem a melhor formação.

Há muito disputa interna nas relações docentes estabelecidas nas IFE. Disputa-se espaço, poder em egos embebidos de vaidades vis. Erguem muros encobridores e a omitirem os embates que se fundam ainda em uma ética aproximada do olho por olho.

Aliar crenças outras, aproximações institucionais definindo políticas da existência em que as experiências produzidas no seio complexo das IFE apontem para modos de vida diferenciados, imbricados com a propalada produção de conhecimentos, princípio tão difundido aos quatro cantos e que pode a vir ser apenas um canto de sereia.

Busca em viagens rumo ao Norte, outras opções possíveis que transgridam as ofertas da formação intramuros serializada. Problematiza a formação recebida. Vislumbra que o deslocamento empreendido rumo ao Estado do norte desvele a realidade camuflada a transitar e muitas vezes habitando o campus universitário, lugar de certa prática espacial.

O deixar o “*lar doce lar*” de proteção faz-se com rompimentos. Mudança. Buscar maravilhas ainda não vistas. Ser chamada nômade, cigana, pelo impulso da partida a habitar cada momento vívido. Ter a oportunidade aliada à coragem de se ter experiências em lugar outro de cultura diferente, história díspar. Responder as indagações dos sedentários surpresos com a ousadia inerente e a produzir modos de vida em que a viagem é o determinante, a formatação do impulso do *homo viator* a constituir o *homo sapiens*.

Ter dificuldades com a rotina que estabelece rotas determinadas, sem desvios ou atalhos cotidianos. Constituir docente na viagem em que a mudança se sustenta no desconhecido da travessia, no inventivo vislumbrado ao desembarque no Norte. Por

lá se permanece até que outros rumos se descortinem possíveis e mobilize para mudanças outras.

Os anos junto ao MST propiciam atuar com famílias de trabalhadores rurais. Articulam temas estrategicamente dados pelo Movimento, como reforma agrária, políticas de reforma agrária, educação do campo. Temas que a graduação numa IFE escondida na política pública estatal de educação não permite estabelecer numa imbricação pensar fazer.

Os engajamentos desenvolvidos se desenham depois que as famílias estão acampadas ou assentadas. Direitos sociais e formação política garantem a construção de habilidades a se incorporarem ao fazer docente formal. Planejam conteúdos a serem cultivados junto a homens, mulheres e crianças. Atuar com o grupo é um trabalho que o professor precisa aprender fazer. Comunicar no sentido de compartilhar o conhecimento e fomentar, também dirigir, coordenar a construção de novos e diferenciados olhares naquilo que é a prática da aula, os atravessamentos do debate, as operacionalizações espaciais de leituras de uma forma muito particular que condiciona a formação dos movimentos sociais que é falar numa linguagem mais fácil, mais clara.

O planejar conteúdos a serem dialogados de maneira a atravessar a grupalidade e em linguagem apropriada à população a que se dirige, comunicando na perspectiva do compartilhar, fomentar os debates constitutivos, coordenar a construção ali, direto com os camponeses. Em outro viés, o trabalho em equipe profissional é realidade cotidiana nas relações que se estabelecem na busca do oferecimento em linguagem clara e um engajamento consequente aos que assumem estar no campo, longe dos centros urbanos, ainda não apropriados pelas relações formais ditadas em sala de aula.

Distancia-se das metas incorporadas dos discursos neoliberais ao cotidiano das IFE. A produtividade se mede na intensidade do processo de politização em curso, nos aglomerados de trabalhadores e trabalhadoras rurais. Desfazem os mandos únicos da ordem e da obediência servil. Dinamizam as relações construídas sob a égide da autonomia que deixa as elaborações teóricas como que imunes de práticas assim pudessem e assume feições no cotidiano embebidas nas teorias e em que se arca com acertos e com os erros que ultrapassam o fazer individual isolado e atinge a toda uma coletividade a demandar fazeres em modos de vidas diferenciados daqueles sustentados nas hierarquias indiscutíveis de sala de aula e das relações diárias como um todo.

Esses aprendizados nas relações com os camponeses se transmudam para os fazeres cotidianos de um docente que se desenha constituindo em outras fontes de aprendizagem. Cotidianidade de pensares e fazeres ao largo das rodovias pavimentadas ou das urbes de cimento armado e vidros fumês.

Ser docente no engajamento das relações sociais no campo. Incorporam relações de autonomia e autodidatismo que podem vir a comporem outros fazeres em salas de aulas das IFE, a formarem diferentes profissionais que possam assumir o estar nos processos formativos escolarizados na esteira constitutiva das relações. Que as hierarquizações reproduzidas se desfaçam, que as cores de matizes diversos coloram as cidades e os campos e que a concepção do existir e das relações seja inventada tendo o vislumbre aglutinador como sustentáculo.

Constituir intelectual docente no movimento social. A concepção do tornar pode emergir alhures dos modos de se proceder às relações no cotidiano das IFE no graduar nesta ou naquela área. Mais do que alinhar as políticas de formação seguindo a sequência graduação-mestrado-doutorado. Poder apropriar de

conhecimentos no processo junto aos movimentos sociais em que o estar engajado garante a emergência da busca de aprendizados acadêmicos outros que assim validam o ingresso no mestrado.

As práticas dos espaços em que operam os acampamentos e assentamentos do MST apontam a complexidade de uma espacialidade do aqui, que demanda ao profissional graduado ali praticante a embeber nas fontes teóricas do mestrado. Fora do eixo do Sudeste, ao Norte do país, alguns programas de mestrado e doutorado garantem estudos e formação para que as práticas se imbriquem com concepções teóricas em um desvelar as demandas latentes dos movimentos sociais.

No apropriar de alguns dos fundamentos das práticas cotidianas camponesas, percebe-se garantido o fazer docente no chamamento das IFE, de início temporário e com a possibilidade de tornar docente efetivado nos concursos públicos apropriadores da mão de obra que se vislumbra especializada e que se forma país afora.

Fazem e se desfazem vínculos. Rompe-se com a estabilidade de relações familiares, a mais diversa, quando se ousa partir. Transgressão difícil, complexidade engendrada nos determinantes da busca pelo novo, em que se articulam compromissos em modos de vida, em que se inventam sentidos outros para as relações pessoais possibilitadas. Tornar a partir.

Desenraizamentos (Todorov, 1999), no que aponta o autor, em atos necessários para que se possa movimentar numa busca em que as intensidades das rupturas valham o emergir de dizeres os mais diversos, muitas vezes avessos aos acenos das partidas. Estar junto até ao momento de partir, deixar o que fica com a opção da fixidez até que aos poucos os sinais se evidenciem na ida sem volta, em retornos

apenas para uma visita de agradecimentos que se estendem ao largo dos anos, se fortalecem nas conquistas em outras espacialidades.

Três anos de distância em militância e trabalho. A formação direta com os movimentos sociais autoriza a busca de outros estudos que subsidiem novos fazeres, apontem outras oportunidades. O curso de mestrado pode ser este entremeio. Algo os impede de perceber a militância junto aos movimentos sociais necessitando de estudos sistematizados a partir de um programa de pós-graduação *stricto sensu*. Essa obliteração em perceber apenas a docência como possível por quem passa pelo mestrado. É algo insistente. Função restritiva que os orientadores e orientadoras assumem, se por zelo com o orientando ou jargão da função.

Sendo bolsista na *stricto sensu*, o estar em sala de aula vem anexo. Alívio para os docentes efetivos sobrecarregados, objetivo do sistema educacional público universitário com a ampliação que opera para que aumente os pífios percentuais de frequência universitária no país, índices que oscilam nos doze por cento para a população de 18 a 24 anos.

A atuação junto aos movimentos sociais e ao MST, especificamente, permite uma formação que facilita o falar em público, dar exemplos figurativos para melhor entendimento da plateia ávida por conhecimentos restritos aos padrões ou proprietários de terras a perder de vista. Ali se aprende o gosto do ensinar e aprender freireano, gosto de sabor palatável a diferir do que no sistema oficial da graduação experienciada.

Desenha-se quadro em que se está no mestrado, tendo o saber e o sabor do aprendizado junto ao MST e que tanta falta faz ao ensino universitário, e tendo o chamamento para a docência concomitante ao desejo latente como paixão pelos estudos a avançar no trânsito por alguns outros conhecimentos, para depois mais

outros e outros. Cria-se assim a condição para apaixonar-se pela docência. Gostar de estudar e ler faz brotar o sabor de dar aulas, de ser docente. Primeiro porque há facilidades apreendidas do ponto de vista das práticas no MST; outra, de estabelecer relações que a militância em muito contribui. Estabelecer relações com os estudantes sem a prevalência da hierarquia rigidamente verticalizada que se encontra e se propaga nas instituições de ensino, públicas e privadas.

Ao concluir o mestrado, fica como um jargão o acesso direto ao doutorado de preferência no mesmo programa, pelo menos para os escolhidos. Graduação, mestrado e doutorado. Sequência de uma política de formação que tem vigorado, inclusive com passagem por uma universidade no exterior. Longe da realidade que se encontra expressa nos estudantes ávidos para decifrarem a necessidade das cotas raciais, as bolsas governamentais, a desigualdade que ainda grassa.

Há pressa na formação de mão de obra qualificada para atendimento aos acordos internacionais. Acordos alheios aos sem teto, sem terra, sem benefícios sociais, sem condições de salubridade no trabalho, sem assistência a saúde, sem oportunidades ao primeiro emprego, sem preservação da cultura indígena, sem saneamento básico, sem água tratada. Um povo sem.

Docentes constituídos entre os muros da universidade e carimbos no passaporte podem duvidar da existência do país Sem. Desconhecem a cor e o cheiro do sem ter. A que categoria de intelectuais docentes se permite?

A intensidade dos fazeres cotidianos parece não permitir a emergência do retorno. Deixar o Norte e voltar ao Sudeste, a Minas, para junto dos pais que envelhecem. Romper novamente os vínculos dos inventivos modos de ser. Tornar a partir.

As desculpas são muitas possíveis aos olhos dos que acompanham o desembarque na cidade adotada e que a adota como nata. Justificativas transbordam quando o movimento do percurso é inverso, uma vez que o Sudeste é propagado maravilha. O sentir-se desprovida da fixidez aqui e acolá, partir não movido pelo fim dos meios de subsistência do lugar, diga-se salário. Partir movida pelo desejo de ousar rumo ao desconhecido. A rota inicial é sempre o acolhimento dos que dizem, “*você nunca devia ter partido*”. Aqui se constitui um canto certo pra ficar, fixar ou frisar.

A chegada e a acolhida são regadas a afeto e curiosidades. Ao afeto deixado nas fileiras, outros se somam e mais outros. Deixar os caminhos, jamais.

Retorna com as experiências constitutivas em práticas outras a serem aplicadas em realidade que difere ao ocupar especificidade de uma sala de aula de uma instituição de ensino. Aguarda a oportunidade de um concurso para entrada em uma IFE que abrigue as aprendizagens construídas ao longo do percurso dos anos, nos engendramentos tidos nos acampamentos de chão batido, bandeira trêmula naquela porção de terra ocupada, ponto na imensidão que os olhos avistam. Conhecer outras Gerais das Minas que são muitas.

Impor limites abrangentes de um Estado como Minas para que aqui se concretizem as atividades docentes há muito construídas. Como que seguindo uma constante no processo de formação e prática, as instituições privadas absorvem os profissionais, até que um próximo concurso público de uma IFE aproprie-se dos ditos melhores no mercado. Nas Gerais, as IFE são várias.

Tendo agora a sala de aula como atividade profissional primeira, percebe-se mais claramente a implantação da política expansionista do ensino superior, presente logo ali, na cidade vizinha. Benesse aos proprietários do ensino privado

que insistem valerem das brechas na legislação para ampliarem suas unidades educacionais, aumentando os lucros da empresa – escola de cursos de carga horária mínima, que desconhece a pesquisa e extensão e com o codinome Centro Universitário. A artimanha é transformar o antepositivo uni em sigla. Explicita-se a unilateralidade do negócio da empresa lucrativa.

O desejo de voltar a Minas se concretiza. Tendo o Sudeste como destino provisório até a próxima partida. Cidade dormitório, cidade trabalho matinal, cidade trabalho noturno. Trajetos de idas e vindas. Trecheiro motorizado, com carteira assinada a acompanhar lá fora os passos dos “*trecheiros errantes*” marginais, a margem das rodovias sem acostamentos facilitadores.

A dedicação à docência privada priva da militância orgânica junto ao MST. O acoplamento sem limiar do mestrado ao doutorado é negado para que se entenda na prática o ser atuante a partir da sala de aula. Constitui fazeres e o ser docente, emerge e vislumbra na passagem, no devir doutorando em processo.

O deixar novamente a casa acolhedora na cidade que se assume como natal, partir para o novo. Romper em busca do conhecimento, no logo ali das Gerais em que o nordeste se apresenta promissor com a implantação dos campi de uma IFE. Possibilidade de se conhecer a cultura do Vale do Mucuri e do Jequitinhonha, uma descoberta. Nas muitas Gerais, o sul difere do nordeste. Aqui, várias manifestações culturais. Os violeiros, os quilombolas, os indígenas e suas manifestações cunhadas no resistir em “*afirmações de contrários, reinvenção de práticas a partir de uma realidade que mobiliza*”, já apontam Zanella & Furtado (2012).

Os violeiros em profusão se juntam a “*incelente maravilha*” de Pereira da Viola na comunidade quilombola de São Julião, aonde se chega depois de quatro horas de poeira de caminhada em terra batida. Maravilhas culturais, expressões do modo

de vida de um povo na musicalidade, na resistência e no acolhimento encravado no sertão a abrigar. Sentir parte de uma sociedade, de um lugar, para além do que é também só o trabalho docente. Pertencente a uma chegada e encontrar, na musicalidade e ritmado da viola, a fartura na mesa posta contrariando as leituras do Nordeste como Vale da Pobreza, do monocromático da aridez desértica, do lamento a embalar as vidas secas. Des-re-territorializar.

Aqui, como no Maranhão. Lá um caldeirão cultural, incrível, absurdo. Do reggae ao boi, ao cacuriá. O destituir das manifestações culturais e artísticas, impondo um servir apenas e tão somente para trabalhar e gastar o que se ganha na labuta, instaura uma pobreza artístico-cultural. Ao Norte, Maranhão; no Sudeste o ser tão das Gerais propicia o conhecimento das diversas e intensas manifestações culturais a se levar para a sala de aula em um fazer do intelectual docente. Na des-re-territorialização que se tem intensa e torna vívida a cada passo dado, a cada quilômetro percorrido na espacialidade do sertão mineiro se processa um hibridismo cultural que aponta e aporta intensamente a multiterritorialidade no processo de constituição de Si em curso.

Intelectual enquanto aquele que ousa pensar por Si, tem uma apropriação do para além de conhecer o restrito naquilo que já tem acumulado. Permite desafiar a pensar ultrapassando o transitado e apropriado em continuidade na constituição do *homo sapiens*. Persiste em uma constante busca de uma produção compromissada com a realidade, com os aglomerados humanos no urbano e no campo, articulados, deixa tão somente o cumprimento das metas quantitativas de artigos publicados.

No aqui de uma IFE instalada, se aliam crenças e valores individuais com as regras institucionais e as relações pessoais tidas. Política. Em interpelações de encontros em complexidades de manifestações que transbordam como água

entornada da tina, o inundar intra e extramuros, rompendo limites, se permitindo em limiares da espacialidade que se desenha no antes esquecido e subjogado sertão.

A experiência do constituir docente no fazer cotidiano vívido da militância junto ao MST sustenta os fazeres em sala de aula.

Mesmo sem o pensar permanecer para garantir o emprego público até a aposentadoria, com a sensação de que se fica para sempre, mas se pode por até trinta anos de distância, não pelo ter que fixar, mas ser embalada pelo querer no prazer de permanecer.

Na condição de trabalhadora que subsiste do trabalhar, que o ser docente seja extremamente prazeroso, caso contrário e sem problema maior nenhum, se abre mão do emprego conquistado por concurso para tentar algo alhures em que se conquista junto a sensação de realizar com os fazeres empreendidos. Permanece em deriva, com a sensação maravilhosa das levezas das descobertas em liberdades ousadas.

Mesmo sob o jugo do estranhamento das pessoas diante dos que chegam, como se o Nordeste de Minas fosse o pior lugar do mundo, vai tendo a felicidade do arriscar nas oportunidades das viagens empreendidas. Ter nascido em Muriaé, é possível amar morar'abrigo sob as lonas pretas em São Luis, no Maranhão; adorar residir em Lavras ou Franca no percurso da formação universitária entre Minas e São Paulo; deambular em sob o sol ou em oníricas noites mineiras de Campo Belo; apreender os caminhos de Formiga e Coqueiral; descobrir Teófilo Otoni em um fazer profissional de ruas, avenidas e morros. Indagam: “- *Gosta-se de todos os lugares*”? Possível gostar porque cada lugar tem uma coisa boa para conhecer, experiências diferentes enfim.

## **. Errância em modos de subjetivação**

Ser pesquisadora pode ser modo de apropriar em definitivo dos estudos feitos ao se deixar a graduação, o que distancia consideravelmente de quando se chega para graduar, em que a clínica tem a preferência de cada canto praticado do espaço escolar e toma conta do imaginário que se pretende transformar realidade após os cinco anos de distância imersa no ensino universitário.

Termina a graduação em Psicologia desejosa da pesquisa em um país em que a mesma se atrela a pertencer a uma IFE e que, para estar numa, torna necessária a entrada em sala de aula. No vislumbre da lida com as descobertas e estudos científicos, a atividade professoral passa ser um mal necessário e acalentado. Embate consigo, no perceber incompetente para exercer o magistério, há que se lidar com o próprio limite a constranger qualquer movimento rumo a sala em ensinamentos. Pura limitação e inabilidade para a atividade. Pensa.

Mira nos professores tidos na graduação. Os considerados bons, com a nítida sensação de que não se é capaz de ser tão boa quanto garantindo explicações de temas complexos a serem expostos, articulando pensamento e linguagem de forma clara para aqueles estudantes ávidos em se sentirem no ensino universitário. Tem como imagem a frear a ousadia de ser ocupante do quadrante sala de aula, os fazeres daqueles havidos definidos fracos. Jeito de ser que não se deseja jamais: não se quer fazer isso! Questiona: muito menos daquele jeito! Lembra: não se quer ser isso! E mais isso! Na impossibilidade de se perceber em fazeres como o excelente diante de temas e suas complexidades, decide-se jamais se ver em práticas nefastas para os estudantes e para o exercício profissional. Entre um chegar a ser impossibilitado e um modo de ser desprezado, o medo se instala exacerbando a incompetência. Medra não ser eficaz em seus fazeres em sala de

aula, deixar de retornar para o estudante aquilo que busca nas relações empreendidas ali.

Busca nas experiências familiares o desejo de ser docente e nada se fixa em imagens, já que as práticas para a subsistência não se aproximam do ser professor ou professora para a alimentação dos entes. O estudo dos filhos é que se pretende sem indicar caminhos desejados nesse ou naquele fazer como melhor ou pior, apenas o “*estude que o estudo trará consequências boas*”. Tem apenas imagens de brincadeiras infantis em que se era professora ou aluna na escolinha improvisada, como se era astronauta outro dia, como se quer ser tudo nas fantasias infantis e se quis ser médica nas dúvidas adolescentes.

Mesmo com a incompetência assumida, ingressa-se no mestrado. Quem sabe abrem possibilidades de, palestra em palestra, substituições em aulas aqui ou acolá, ir desenhando uma docente ainda não assumida, ir dissipando a incompetência para se conduzir um tema durante um período de discussões. Assim feito e mesmo não se desejando assumidamente aquele fazer, a educação escolarizada permanece na espreita da formação vívida a cada passo dado. O desenho que vai se traçando é como se a inevitabilidade de ser docente estivesse em curso, mesmo que não sem ver explicitamente assim, sempre se veem caminhos tantos no caminhar, percursos vários ao se decidir por um trecho a seguir.

Nos acontecimentos das palestras dadas, os retornos são agradáveis e apontam para uma interação com a plateia. Os temas sempre próximos de estudos feitos são garantidores de um ser bem aceita nas exposições feitas, nos temas trabalhados. Vislumbra que o mal necessário possa não ser assim mais tão presente como mal. Sente mais à vontade ao se intitular docente, ao praticar relações mediadas por um suposto saber acadêmico. Vai ao traçado retilíneo do mestrado ao doutorado direto.

Ingressar intensamente na prática docente pode garantir um pensar essa mesma prática quando se busca tornar professora sem os apelos capitalísticos de um vencimento que sustente um consumismo imposto. Dedicar em seus processos de adoecimento e de potencialização da invenção de novos e diferenciados modos de vida, se pensa em Si em um devir docente e em contínuos. Entende na experiência como se opera esse mesmo fazer em suas tantas facetas.

Chega ao encantamento, a um apaixonar pela docência que deixa de ser um mal e se torna necessária às articulações de modos de vida inventivos na experiência profissional desenhada passo a passo: tornar professor, intelectual ou docente.

Dos havidos nos ambientes escolares praticados no percurso até o ensino universitário, que se possa mirar naquele professor a questionar os destinos já traçados, a estratificação social em categorias distintas, o limite imposto para os estudantes das escolas públicas ao lhe fecharem as portas para ingressar numa IFE. Limite a ser burlado ao tê-lo como desafio a ser enfrentado para a escrita de percursos que diferem. Mirar ainda naquela professora que aponta possibilidades outras de saberes e fazeres profissionais para além dos padrões sociais de ascensão ou aceitação pela via única da Medicina, Engenharias ou do Direito. Buscar no percurso dos espaços escolares para que se mirem e se efetivem modos de vida outros, domínios científicos que explodam os vieses de um afunilamento perverso das perspectivas nos modos de ser e fazer profissional. Tem na Psicologia uma perspectiva outra.

As cidades paulistas são palcos, como espaços praticados em experiências familiares, de estudos na graduação, mestrado e doutorado. Da capital São Paulo, como a aglutinar os migrantes do nordeste do país, recebe também os vindos do interior do Estado como os envia para seus municípios e para tantos outros em

outros cantos do país. De Limeira para a capital, desta para os estudos da graduação em Bauru, para um retorno para a capital no ingresso no mestrado e a seguir no doutorado. A atuação profissional em Penápolis, a residência fixada em casamento em Araçatuba, antes de seguir rumo ao nordeste.

Transformar Sampa em domínios desvelados seguindo os passos de De Certeau (2008), para que seja um lugar a abrigar modos de ser e de se fazer docente na intensidade competitiva imposta como modos de vida. Estar-se atenta às oportunidades para que se arrisque atender a um chamamento para os primeiros passos da docência numa substituição ali, numa atuação frente a voluntariedade de pessoas ávidas por receberem informações e formação em Educação Especial, ou em necessidades outras que essa megalópole esconde e escande.

Estando fixada na capital paulista, é possível ousar descer a serra rumo às cidades praianas em que se articulam as atividades docentes com momentos de deleite junto ao mar: sons, cores e texturas que diferem do acúmulo de fuligem, do cinza intoxicante e das sirenes a conduzirem os passos apressados do cotidiano citadino. O que se passa nas ruas, avenidas e becos está entregue à vigilância oficial armada em suas práticas de extermínios, decifra a vida lá fora pelas sirenes audíveis nos escombros do medo. Na experiência do sobe e desce da serra, as práticas do fazer docente em que se vai constituindo, em trabalhos pontuais articulados com os estudos e as vívidas pesquisas práticas não mais como possibilidades distantes, mas, ali, cotidianamente acalentadas. Tem-se a sensação de que já conhece o universo assumido do fazer profissional nas experiências praticadas no Estado composto pelas cidades mais ricas do país.

Como o domínio de algo pode vir a gerar construção de limites cerceadores de descobertas e invenções outras, estar como que conhecendo possibilidades,

tateando cuidadosamente as revelações de modos de vida praticando a docência pontual nos pontos das urbes de traçados retilíneos, de per capita de renda tido como o mais alto do país, pode não possibilitar descobrir as exigências outras para ser docente, exigências de modos de ser na lida com pessoas de fazeres que diferem do consumo fácil e dado ali, a cada esquina da capital paulistana. Tem de tudo e mais um pouco na cidade de São Paulo.

Estar atenta a cada parte do todo que compõe os prédios transitados nas atividades de estudos para além da sala de aula, reserva surpresas em mapas desenhados. Como convites, encontram-se ofertas de viagens que diferem daquelas rumo ao mar. Essas outras apontam para outro ponto em desafios para atuar junto a pessoas que talvez sonha São Paulo dos noticiários criminais, dos acontecimentos únicos, que somente naquela capital se possam ocorrer. Capital das ousadias nas artes com seus museus dos mais diversificados a abrigarem exposições internacionais únicas e restritas aos moradores do lugar ou à minoria em condições de dedicar um final de semana e por vezes mais um pouco a descobrir os acontecimentos que se dão nos cruzamentos famosos como o da Ipiranga com São João e outros nem tanto. Encontros e desencontros promovidos pelo cosmopolitismo da capital paulista.

O anuncio fixado em um canto da parede diz da necessidade de se terem professores para atividades no Vale do Jequitinhonha, sertão de Minas Gerais. Se já docente na maior cidade do país e em tantos outros municípios de praias disputadíssimas ou de urbanismos ousados e a satisfazerem os desfiles dos carros importados, deve aceitar sem temor a viagem um pouco mais ao nordeste, distanciando do mar.

No percurso longo, põe a pensar a possibilidade de se conhecer o Vale do Jequitinhonha que talvez difira de Diamantina, sua cidade referência já que se pretende ir Vale adentro. Acha uma oportunidade bacana, um desafio posto ao se transitar para além do limite político territorial do mais rico Estado. Transitar aceito. Emergem as lembranças em que a distância pouca medrava a prática docente diante da necessidade de se articular a complexidade do conteúdo conceitual com uma expressão em linguagem que fosse apropriável para os estudantes de lá, como os que se vão ao encontro no nordeste das Gerais.

A ideia que se tem do que se encontrará é vaga, quase sem definição em imagens descritivas, alimentadas apenas na descrição do Vale como o Vale da Pobreza. Que lugar é esse? O que move as pessoas que habitam esse espaço que difere da mesma região Sudeste banhada pelo mar?

Nunca se ter saído de São Paulo e seus municípios estruturados e decidir aceitar o desafio de viajar rumo a espacialidade inabitada do Vale do Jequitinhonha estando em cidades como Diamantina, Serro, Araçuaí, Rio Vermelho e umas tantas outras cidades pequenas, e encontrar pessoas, em sua maioria mulheres mães, professoras leigas, donas de casa ávidas para manterem seus empregos em uma região em que ser docente ainda preserva um modo de ser em que se encontra ali uma fonte de sabedoria, de orientação, de cuidado ímpar para com o filho e a filha da mãe trabalhadora das carvoarias, das roças escassas, do lapidar das pedras parcas encontradas na terra remexida. Estabelece uma troca importante em que as práticas cotidianas daquelas professoras leigas urgem serem sistematizadas teoricamente para que se complete nelas um ciclo em que, tituladas na graduação, sintam-se professoras e valorizem a Si frente ao desvalio ainda despendido a elas naqueles espaços praticados do nordeste.

Numa realidade que difere daquela deixada em que não se ouve mais falar de professores leigos, fere-se a ponta da agudez de uma realidade desprovida de teorias educacionais acadêmicas e prenhe de experiências entre pessoas na luta cotidiana da sobrevivência. Similitudes entre o docente a atuar nas cidades de acúmulos materiais do Sudeste e os que praticam a Si na docência nas cidades de baixa renda e de pouca densidade populacional. Nestas, se é docente na inventividade de um fazer constitutivo a espraçar caminhos outros, invenções de modos de vida em acúmulos de possibilidades na espacialidade a habitar e convidativa à inventividade.

No afã de se graduarem, sustentados na prática vívida em cotidianos de educadoras, dedicam de dez a doze horas de labuta, não na ponta do cabo da enxada, mas com os cotovelos firmes na mesa e olhar e ouvidos atentos aos conhecimentos vindos de longe a fiar uma beleza no fazer que se tece a cada dia nas aulas dadas.

A imagem desafiadora do tornar docente frente àquelas professoras em formação e de uma prática invejável se fixa no olhar perplexo das acomodações tidas para recuperar do cansaço daqueles corpos que falam. São alojamentos improvisados em escolas em seu período de férias; finos colchonetes espalhados pelo chão acomodam precariamente corpos enfileirados e cheios de vida. Entregues, como em merecido descanso pós dia de batalha travada e com muitas baixas na linha de frente da guerra da sobrevivência e de tornar público e de qualidade o ensino oferecido em municípios esquecidos. A noite é pausa. Como estratégia, a exaustão que evite sonhar com os meninos deixados de favor com a vizinha atenta ou com a avó centenária em mando de resmungo forte. Ficam entregues às orações a consumir as últimas forças do corpo protegido do calor e gélido no inverno sobre

falsos colchões de espessura ínfima. Pulsa ali o desejo de uma conquista espriada por cada canto daquela sala transformada dormitório a acolher as professoras que se fazem estudantes para transformarem docentes a cada encontro de estudos a tomar todos os dias das férias que seriam para descanso. Da linguagem usada aos conhecimentos expressos em cada aula, há que se projetar “*mega docente*” frente aos desejos expressos daquelas mulheres e homens ao suportarem maratona que abate em aprendizados tidos. Corpos acolhidos, expostos em sua esmagadora maioria de mulheres.

A cena exige ser mais que uma boa docente descoberta nas aulas ministradas para os estudantes hospedados nos hotéis da beira-mar das praias do litoral paulista. Sensibiliza ao se dedicar anos de estudos na tentativa de se entender a função professoral, na saúde e na doença, provocada pela prática em um cotidiano em que a teoria muitas vezes não condiz com a realidade da indisciplina a mover aquele aluno ou aluna no dia a dia da arenosa e criativa sala de aula de uma escola do ensino fundamental no Vale do Jequitinhonha.

As situações de um cotidiano que difere e têm na relação em sala de aula uma criança que incorpora e pratica a indisciplina explícita, sem meios termos. Na relação, um professor leigo que, sensível àquela realidade, carece de poder recorrer a uma inventividade teórico-metodológica, da afetividade nas relações vívidas a outra que o remeta para fora de um fazer pregado no bom senso quase materno quando se exige um saber científico já por muitos descobertos e negados àquelas mulheres, professoras leigas do Vale.

Na interação estabelecida em sala de aula com aquelas mulheres estudantes, recebe retornos de que tem valido aqueles encontros na apropriação possível de uma reflexão feita e que aponta para, no cotidiano, poder agir dessa ou daquela

forma que ultrapasse o bem cuidar quase materno na relação professora - aluno. Vêm a tona as distinções estruturais das urbes que se distanciam espacial, cultural e economicamente e se aproximam tão fortemente quando do trato com os problemas gerados na relação em sala de aula. Aqui, um enfrentamento em que a crença no fazer engendram e fundam a experiência de ser docente; lá, a desvalorização da profissão aliada com uma vasta rede de informação e de ofertas de teorias salvadoras, oriundas desde uma IFE e passando pelos pórticos imponentes dos ensinamentos religiosos dos templos a ocuparem os mais diversos prédios em cada esquina paulistana.

Estar envolta à diversidade da prática docente que se pretende de uma intelectual pesquisadora forja o ser autônomo nas experiências empreendidas. Deseja um pouco mais que somar integrando um grupo de pesquisa de uma IFE ou uma IEE – Instituição Estadual de Ensino universitário a ocupar a capital e o interior paulista. Grupo esse já com seu catedrático a dizer os rumos possíveis dos encaminhamentos dos resultados alcançados, medidos pelos *papers* publicados em nome do grupo em codinomes Laboratórios. Talvez o Jequitinhonha aceite a autonomia da pesquisadora para atender a escuta feita na sensibilidade das relações estabelecidas naquela espacialidade das urbes e suas questões específicas no sertão. Talvez aqui a Psicologia pensada como devir revolucionária tenha aderência nas intensidades vívidas daqueles cotidianos a constituírem indivíduos em suas diferenças a serem praticadas. Que a ciência se adeque e permita integrar àquelas relações mediadas pelo estar totalizado no dia pós dia daquela sala de aula a ocupar pontos ímpares no sertão. Relações autônomas por situarem, na especificidade do ali, em intensos processos de subjetivações em que

uma IFE ousa integrar, sem ditar em prepotências os modos de ser testados em refrigerados e inodoros laboratórios instalados na região mais rica do país.

Profissionalmente, pode pensar ser mais útil no Jequitinhonha ao se desejar utilizar a ciência a serviço daquelas pessoas em suas singularidades respeitadas enquanto diferenças naquela espacialidade. Como na imagem de um deserto sem pegadas-guia, estar no Vale a implantar uma IFE provoca o desejo de permanecer. Na escassez de uma infraestrutura em que faltam prédios, pessoal e papel para impressão do sentido na experiência de se estar ali, estrutura há muito já alcançada pelas universidades a alavancarem os índices de qualidade de vida no Sudeste próximo ao mar, sobra aqui oportunidades e se mira ser pesquisadora autônoma nas construções dos campi e na constituição de Si. Sair lá de São Paulo independente da cidade torna uma necessidade sem outra saída possível. Diamantina apresenta-se como oportunidade de ingresso numa IFE e agrada.

Ao longe no Vale, sente falta dos amigos e familiares que ficam. Os pais, mesmo já desejosos de partirem rumo ao interior do Estado, ainda permanecem na capital paulista. Com o deslocamento rumo ao nordeste da região, abandona as viagens cumprindo os pequenos trechos entre uma cidade e outra, para ser docente em uma instituição particular na urbe vizinha, retornando sempre àquela de dormir em que se fixou temporariamente.

Na cidade de morada nova, estranha desde o acesso mais lento da internet à ausência de trabalhadoras a serem contatadas para contratos de prestação de serviços da casa: lavar, passar, cozinhar. Nas relações empreendidas, mesmo ao se pagar pelos serviços, lida como se um favor fosse e inexistem combinações fixas. Há uma mutabilidade de horários e dias para se efetivarem os serviços combinados

de marceneiro, faxineira, babá, cozinheira e outros tantos fazeres em perdas tidas em que a rotina de uma IFE subtrai do cotidiano docente.

Na contrapartida, as relações estabelecidas podem apontar para modos diferentes. Nas tentativas de se comprar objetos para a decoração da casa, a atendente da loja, encontrada pela primeira vez na caminhada pelo comércio local, oferece que se levem os objetos apreciados para testá-los na casa sem o compromisso de ter de adquiri-los caso não se agrade tanto. Um contraponto às desconfianças que permeiam as relações no agito das cidades em que o medo acompanha cada passo naquele cotidiano. Aqui, o objeto vendido, que pode vir servir na morada nova, pode ser levado e testado *in loco* sem a necessidade de aquisição sendo de gosto duvidoso, em desagrado à imaginação. Encanta o tapete, não persas a simbolizarem os tradicionais jardins sagrados a comporem em seu breve retângulo as quatro partes do mundo, sim o Arraiolo, levado inteiro para dentro como um jardim do mundo a compor a metragem em combinação com a casa e a mobília da casa. *“Tudo se passa como se fosse uma questão de honra não deixar se perderem os rastros de seus objetos de usos e de seus acessórios”* a comporem o interior do apartamento (Benjamin, 207,p.59-60).

A residência pode ser de soleira direta na rua. Construções típicas do período do ouro e do diamante, são pórticos a anunciarem a entrada e a saída, demarcadas. Tem em pedra a moldura dos umbrais em seus mais de dois metros de comprimento acima, pesada. A soleira imponente e a abertura ampla das partes da porta são o anúncio do espaço de dentro a diferir do espaço do fora, sem omitir. Ao abri-la, quem sai avista ao longe, pisa imediatamente o passeio público do espaço fixo das pedras disformes, ao se deixar os fazeres e abrigo privados. Lança vislumbre ao transitar de moradores locais, em sua maioria substituídos pelos turistas nos finais

de semana, a ocuparem as ruas do centro desenhadas com suas inúmeras sacadas no andar de cima, torres com seus sinos a anunciarem as rezas centenárias nas igrejas a abrigarem os mandatários e súditos.

O caminhar impede a pressa nas pedras disformes a comporem ladeiras em um sobe e desce incessante. Está sempre a subir ou a descer as ladeiras e becos, estes cantados e a abrigarem as festas populares e os grupos de Serestas que passeiam em noites de luar ou escuras, na tentativa de agradarem turistas e alguns ousados autóctones a burlarem as barreiras físicas e imaginárias a lhes afastarem da prática de sua própria urbe.

Lá na cidade deixada, a travessia do espaço privado entoa rituais de apreciações do jardim imponente em representações do mundo, passos medidos até se atingir a rua com a abertura solene do portão de acionamento eletrônico sem os toques em registros de digitais. Pode optar pelo forçado anonimato, no acomodar escondido no ofuscamento dos vidros fumê dos veículos estacionados nas garagens do subsolo dos edifícios de proteção máxima, a ganharem veloz a impermeabilidade das ruas da urbe apressada. Aqui, deixa-se o espaço privado dos acontecimentos de burlas constantes em quebras de regras e desobediências a se segredarem nas relações tidas e, no passo seguinte, se alcança o espaço público da rua em que o romper às normas, tidas como cerceadoras dos modos do existir, exige convencimentos, invenções cotidianas no testemunhar de cenas segregadoras, medidas pelo endereço, cor da pele, se turista e seus acúmulos de registros fotográficos vazios de si ou nativo do lugar. Ser docente da IFE a fomentar a vida econômica da urbe de caducidade turística difere o tratamento na mesma intensidade que faz tomar em sobressaltos ao se medrar alvo fácil de inexistentes ações de assaltos. No limiar da soleira, se deixa o espaço privado e se passa a

compor os passos moventes fugidios e em desequilíbrios de Si na imperfeição exigente das pedras fincadas na terra dos diamantes não vistos. Ao menor e leve toque, se tem a sensação de desnudar as cenas da vida privada desveladas aos passantes ouvidos e tidos ali, beirando o lado de lá da porta.

Tem um estranhamento daquela passagem repentina entre o dentro, privado, e o fora, público, a constituir em limiares os modos nas experiências urbanas. Dentro, se temem arrombamentos e descobertas das cenas domésticas produzidas do outro lado do limite segredado. Como se um breve toque em parte da porta a abrisse. Medra descobrir as relações privadas com um arrombamento ou no toque leve de entrada desautorizada, como se fragilizado fosse não apenas o vívido do lado de dentro, quão também o transpor a soleira de fora para dentro.

Fora, olhares acompanham “*o caos do acontecimento inesperado, a fugacidade da experiência, o perigo do anonimato*” (Baptista, 2010b)” do casal de docentes chegados para processos de lapidação em subjetivações acontecidas lá no campus em construção e na intensidade do equilibrar cotidiano das pedras disformes em passos lentos e atentos aos passantes, que se confundem com os de finais de semana, a outros tantos que chegam de passagem breve. O praticar em passos a urbe, diz do reconhecer o dentro habitado no fora que passam a compor com seus corpos imersos no espaço das ruas e becos, em ladeiras exigentes. Como se sachês, em infusão captam cores, cheiros e sons em suas novas integrações de moradia no fora e no dentro, transeuntes. Compõem fluxos incertos, como que ameaças da saúde da urbe ou da alma até que “*a cidade da ordem do capital*” dome as vidas ainda não assépticas aos moldes que vigoram (Baptista, 2010a).

Fixada, permanece a imagem do deserto sem as pegadas-guia tornando a possibilidade profissional de ser docente na efetividade da experiência naquela

espacialidade. Constitui ali, na ocupada imensidão do Vale, uma carreira da intelectual docente em seus grupos de pesquisa, relações com estudantes, proximidades com os docentes outros e se ousa, ainda, a construção de uma residência fixa para abrigo, enquanto dure a passagem constitutiva de Si.

O deslocar para o Vale abriga a concretização de uma série de sonhos vívidos da graduação ao se tornar docente pesquisadora. Sonhos acalentados e impensados nas práticas de um cotidiano paulistano em seus múltiplos atravessamentos, estabelecendo modos de ser e de se constituir em uma lógica atrelada a práticas bem definidas em limites de alargamentos impedidos. Das faltas sentidas ao se deixar, as possibilidades tantas que se apresentam em um horizonte alargado e transitado.

É forasteiro em terras de garimpeiros fixados. Outros chegados a frente abrigam os que vindo em passos outros em deriva. A possibilidade de transitar da marginalidade de quem chega forasteiro para um pertencimento em posicionamentos na urbe que acolhe e que expande e não exangue. Aproxima a tantos que se percebem embarcados no mesmo trem, longe dos amigos deixados, da família que ficou, avançam como que na caminhada por uma espacialidade desértica, pois na multiplicidade dos percursos possíveis. Na travessia, o instigante por provocar ao desafio de se construir algo, de instituir nas possibilidades de uma horizontalidade alargada. Chega e encontra acolhida para a expansão.

Está em uma espacialidade que se estranha, em processos de des-re-territorialização intensos, em que o trazido difere, precisa ser selecionado na aplicabilidade no nível do local novo que se pratica. Das expressões, dos sotaques carregados, aos modos de se deslocarem pela espacialidade, a urbe que recebe provoca exigências para que se aproprie e seja apropriada pelo forasteiro. Se

transita um lugar novo em que se busca chamar e sentir, necessárias construções linguísticas e de tratamentos que introduzam o novo sem perder de vista o incorporar ao que encontra, aproximam e tencionam as relações empreendidas.

Diferenças intercedem nas relações tidas nas urbes do sertão como que os ditos fossem apropriados à maneira do lugar, na intensidade da autonomia própria da espacialidade, de que fala Massey & Keynes (2004), em suas formas próprias do dizer sem ferir a etimologia da palavra. Dá um sentido outro ao aqui tratado como “*gominha*”, “*mercadinho*” ou “*perua*” que se distancia dos objetos nomeados sob a influência paulista. A sonoridade em ritmos pouco apressados, intercalados em pausas longas e pontuações linguísticas do “*uai*”, faz saber que se está no nordeste de Minas de falas cantadas. Os gestos permanecem em profusão afetando os dos modos na urbe. Escapam aqueles apreendidos, operam no intervalo improvisado do diálogo composto nos posicionamentos diversificados a definirem a intensidade dos modos de se praticar a espacialidade no sertão. Comparar, descrever, apropriar e ser apropriado nas diferenças efêmeras, frágeis e circunstanciais e a elaborar uma prática de leveza exigente, como aqueles percursos tidos e que definiram uma “*ciência prática do singular*” em De Certeau e sua equipe (Giard, 2008, p.21)

Como que em uma disputa para apropriar da territorialidade que a transitividade suscita ter em multiterritorialidade proposta por Haesbaert (2006), em que as apropriações de perdas e posses constituem territórios diferenciados do lá atrás então pisado diferindo ainda daquele mais distante deixado. Na emergência, novas e diferenciadas apropriações não acumulativas naquela espacialidade praticada a denominar lugar do trânsito, propício ao processo de constituir em cuidados de Si.

Vê acolhida em multitudes em que a gestação de um filho ocorre imbricada na edificação da IFE e na imbricada constituição do docente intelectual no amparo de

tantos vindos e atentos aos advindos. Vislumbre primeiro na estranheza para se chegar, do sentir pertencente. Está bem acolhida e decide ter o primogênito no aconchego em encontros ali.

No lapidar de diamantes brutos “*levantados do chão*”, nas relações estabelecidas com os que chegam, estudantes e outros tantos docentes, o constituir em constantes devires. Nas práticas de Si, ali, no Vale do Jequitinhonha, o tornar intelectual docente na experiência cotidiana. Lapidar intermitente em aproximações com o que se almeja, engendrando a possibilidade de outros tantos tornarem docentes na constância da sala de aula, em uma sala de pau-a-pique no arenoso e inóspito adiante, como em embates na cotidianidade da IFE em construção.

Nesse lapidar, o comprometimento de estar junto com os estudantes do Vale. Nos contatos, dentro e fora da sala de aula, no estreitamento de amizades, que facilitam um atravessamento desses indivíduos em Si e um atravessar como que contribuindo para o alargamento em devires do horizonte na espacialidade praticada.

Permitir constituir docente, tendo na imagem das professoras leigas do Serro em que, as aulas começando às sete, obrigando a divisões práticas em grupos para que, às cinco, alguns pudessem tomar banho, ficando ao longo do dia sem novas possibilidades de se banharem, uma vez que as aulas se esticavam até as sete da noite. O outro grupo que não conseguiu tomar o banho logo pela manhã o faria na parte da tarde, revezando todos os dias da semana para banhos em horários alternados, na tentativa de acompanharem as dez horas diárias de aulas que sonham garantir a graduação e a permanência no emprego.

Na imagem, o que as pessoas fazem para a sobrevivência em um emprego que depende diretamente da graduação, mesmo que adquiram um conhecimento mínimo

aparente, mas que se desdobra múltiplo no vívido de cada ato experimentado. Ao intelectual docente, o dedicar a constituir para que outros tantos docentes se constituam, mesmo que as condições de salubridade beirem a perversidade. A imagem dessas professoras lá em condições lastimáveis: comendo mal, dormindo mal, um calor insuportável no verão, um frio cortante no inverno. Abrigadas em uma escola de férias muitas vezes dormindo no chão, muitas sem colchão que levava a apelo à comunidade local em empréstimos de anteparos para os corpos junto ao revés do solo frio e quente, constituindo o tornar docente para aquele ou aquela professora em formação.

No processo de des-re-territorialização empreendido, fica o alento ao desprendimento da terra natal na estrutura que possui e deixa de ser oferecida como acolhida. Deslocar para uma espacialidade ainda não praticada e ser absorvida no pertencimento da incerteza e na estranheza do lugar, da urbe que se descobre, sente na intensidade de habitar. Prática do espaço em uma transitividade que vai da estranheza ao acalento, do desenraizamento ao intenso pertencer. Somente o fato de se estar ali possibilita isso: constituir a Si.

## . Desvios em constituições de Si

Perder das certezas dos destinos traçados e se lançar no restauro dos modos de vida na inventividade dos imprevistos e imperiosos atalhos, fendas e riscos da espacialidade praticada.

A Cidade Maravilhosa se alarga na horizontalidade até o sopé das montanhas circundantes a lhe emoldurar quadros em suas provisoriades a romper limites. Atravessa-se diariamente essa composição de quadros ilustrativos dos postais vendidos a turistas, sente em todos os sentidos, pela janela do lotação, que nem tudo brilha “*gema de ovo*” no vislumbre do outro lado. Pergunta insistentemente, e sem respostas, as relações possíveis de vidas instaladas no aglomerado fixado em Manguinhos sobre o perigo iminente de oleodutos e gasodutos omitidos; sobre os sentidos refeitos para os moradores dos casebres empilhados e perfilados ao longo da Avenida Brasil: molduras humanas em modos de morar e se constituir em moradias sub - humanas.

Na expansão do Rio rumo às Serras do entorno, chega a Saracuruna para cumprir plantão doze por trinta e seis. Antes de se instalar bem na porta do Hospital público a parada do ônibus, caminhava quarteirão, matagal, trilhos e atalhos forjados para na distância provocadora a experiência quase de morte dos passos frágeis a cada travessia. No conjunto, os riscos pelos terrenos baldios, espreita fácil para a criminalidade oficializada na cidade que deseja continuidade das Maravilhas cantadas, ultrapassadas as linhas limítrofes. Aqui, as juras de fim de vida fazem oscilar os óbitos de cada Plantão no Pronto Socorro de gestão compartilhada entre o Estado e o Município. Neste, o mandatário cria sua lei, burla regras equânimes e faz o medo definir quem deve movimentar o serviço funerário oferecido.

É tênue o atravessar do portal que distingue as normas coletivas e as prevalentes impostas pelo mandatário da vez. Exterminam as desobediências ao Estado colateral. Para que se atenuem as dores reclamadas em ritos de lutos dos óbitos identificados ou dos indigentes constantes, é preciso contrapor em riscos a ordem dada.

À lisura da experiência de um fazer profissional naquele cotidiano atrela-se o risco de vida em territórios de governos, oficial e análogo, determinados e disputados em leis conflitantes em que as maravilhas da cidade vizinha podem deixar de ser miradas na amputada volta para casa no fim do dia.

As rodovias - avenidas na composição de imagens de cenas daquele cotidiano - são constantes limiães em atravessamentos contínuos a definirem certa política de vidas e de mortes envolvendo os trabalhadores da saúde e os trabalhadores usuários dos serviços públicos de saúde.

As ruas são labirínticas quando definidas, sinuosas constantemente nos atalhos e trilhos de andar trôpego e amedrontado dos que ousam pisar por caminhos outros daqueles determinados e assujeitadores. Aqueles traçados, limites entre a vida e a morte, não sofrem da assepsia das largas avenidas oitocentistas a desenharem as Maravilhas poetizadas da cidade que se confunde com as da Baixada Fluminense.

Que o lembrar de cenas composicionais sirva para que se possa definir o constituir docente na espacialidade que incita o que pode diferir de quando se depara com a questão da docência em si, no atravessamento da experiência que desloca. Deixa a restrição da sala de aula mesmo sendo ela que leva a ser docente, já que parte dela como elemento prazeroso no estabelecimento de um que fazer, constituição de Si. Da sala de aula tira as possibilidades inventivas, as potencialidades de relacionamentos com o outro, do percepto daquilo que vai se

trocar, o questionar as verdades ali naquele lugar que atrai em um construir e constituir na multiplicidade o pensamento.

Urge pensar o ser docente numa universidade em construção que impõe também, para além daquilo que caberia a um docente, outros elementos inimagináveis a demandar uma efetiva contribuição, como a questão da gestão, assim posta para os que chegam.

Mesmo numa concepção de um formar para o humano e não para o mercado meramente o que no ensino universitário pressupõe investigação, tem, ainda, dimensões que remetem para a pesquisa e a extensão. Ter a sala de aula, a pesquisa e a extensão como horizontes no fazer docente. Outros horizontes postos como a prática administrativa e a de gestão se praticam ali na construção do campus, da expansão universitária e de constituição de Si.

Tem um dedicar que não se articula tirando a potencialidade de uma certa produção de conhecimentos junto com a comunidade nas atividades extensionistas, no distender investigativo da pesquisa. O dedicar ao campo da gestão, que impele ao desconhecido, desvela em desafios que impedem o preparo detido de uma aula em suas exigências inferidas diante dos questionamentos que se espera diferentemente em cada turma que diverge em suas verdades.

Tem um diferencial constitutivo importante no campo da gestão, o campo da administração imposta que permite conhecer um pouco a instituição IFE sob outro enfoque, o de suas relações, de como funciona. Abre uma dimensão diferenciada como em paralaxe também para o docente naquilo que ele pode apropriar ou abandonar para a elaboração conceitual. Também tem isso. É sempre uma contradição.

Do ponto de vista de ser docente numa universidade, não se acha que se tem de assumir outras coisas além dos três elementos em tríade: ensino, pesquisa e extensão. O que em muito difere do ouvido e dito no processo de formação e se distancia dos prazeres e desprazeres dos anos de escolarização que por vezes começa muito cedo.

Da memória lembrada, sabe que lá pelos dezoito meses contavam que já frequentava a escola. Sabe de lembrança não contada que, por volta dos oito e nove anos, se cumpria a integralidade do dia na escola, das sete às dezessete.

O sair de casa, transportado por percurso repleto do novo, a cada dia tirava daquelas viagens no itinerário da escola a monotonia de um repetir. O anteparo de vidro da janela era o que impedia o uso de quase todos os sentidos diante do mundo e, na mesma constância, suscitava a imaginação no decifrar das cenas que se passavam do lado fora. Por vezes fixo, quando no deslocamento do veículo em movimentos de curvas e avanços, lá fora ganhava ritmos quando da parada obrigatória no sinal fechado. Duas partes separadas sem deixarem de interligarem em movimentos distintos, em descobertas decifradas na “*trajetividade*” (Virilio, 1993, p.107) da casa de regras conhecidas para a escola de descobertas inventivas.

Na idade entre nove e quatorze, a imagem refletia no espelho as encenações da professora em fantasias nas aulas dadas para turmas inexistentes aos olhos dos outros ao redor, enquanto empenhava para ver refletido o desejo de tornar docente.

Na precocidade dos fazeres escolares desde a tenra idade, faz-se dezessete anos já no primeiro ano da faculdade em que o construir conhecimentos fascinavam: sentava na frente, buscava o entendimento das explicações professorais. Já no segundo período universitário, torna-se monitora e, em ocasião da ausência do

professor, assume-se à frente de uma turma do curso de Serviço Social, em substituição ali, no lugar do professor José Paulo Neto.

Concluída a graduação, queria-se conhecer a realidade. Como era a realidade da assistência social? Indagam por que não fazer logo o mestrado já que era somente desdobrar o Trabalho de Conclusão de Curso. Não. Pode-se não querer essa vida acadêmica.

Mesmo que se fique um longo período sem trabalho, pode-se não querer ir para um programa de mestrado ou doutorado em contraposição a uma realidade que em turbulência confisca a poupança nacional desestabilizando empresas, provocando cortes de vagas de trabalho capazes de absorver a mão de obra recém - saída da universidade.

Em meio a cursos de especialização que fundamentem as atividades profissionais praticadas na saúde pública, acredita que necessite ainda da aquisição de mais elementos sustentadores da prática e que com ela se articulem. No engendramento, o entendimento de ambas, articuladas.

Na trajetividade ampliada em percursos de tornar docente pode nunca estar em uma universidade privada, como condição primeira. Pode estar sempre atrelado a universidade pública, sentindo mais a vontade para fazer valer o desejo de se trabalhar com pesquisa, ensino e extensão, embora digam que o professor substituto não trabalhe nessa tríade. Portas permanecem abertas a acolher nas IFE os interessados em estudos, em práticas que desvelem a realidade lá fora. Estar como professora substituta, compor grupos de pesquisa em aproximações constantes com a realidade das comunidades e das demandas sociais as mais diversificadas. Experiências de um constituir docente junto a IFE, sem ainda a efetividade concursada.

A docência o tempo todo se relaciona com a prática profissional, com a pesquisa e a possibilidade do ensino. Termina o mestrado e novamente não se atrela com a entrada no doutorado quase como uma obrigação, um processo retilíneo e sem outros vislumbres. Deseja a busca também de outras demandas a serem pesquisadas para assim enfrentar um doutoramento. Opta por um processo que faz emergir possibilidade de entradas outras no campo da sala de aula, agora efetivada como servidora aprovada em um concurso.

As experiências das viagens deixam de se dar na região metropolitana em que se percebe sempre em casa com a volta no ocaso do dia. Confundem limites, mesmo se estando sempre na sua cidade. Tem a possibilidade de uma viagem ao Sul, rumo a uma IFE no Paraná; ao Norte, próximo à cidade de Belém, e no Sudeste já ocupado deixando a vista para o mar e seguindo rumo ao sertão Mineiro, em Teófilo Otoni. A distância do Pará desanima; o frio do sul assusta. Opta pelo calor do Vale do Mucuri. Desconhece a cidade que até então não se sabia existir; lá se está implantando campus avançado de uma IFE. Aguardam a chegada de docentes vindos de todos os outros pontos.

A tomada de decisão para uma viagem tem um quê de irresponsabilidade aos olhos que apenas veem de longe à posição efetivada. Se grávida, os olhares em desconfiança reafirmam julgamento. O que impele deixar a Cidade Maravilhosa rumo ao norte mais quente e seco da região administrativa mais pobre do Sudeste?

Vínculos empregatícios que garantam vencimentos para uma sobrevivência em aumento patrimonialista no cotidiano pode não significar estar vívido nesse modo de vida. O enfrentamento desse modo rotineiro pode se dar pelo rompimento com o mesmo numa invenção de outros trajetos de fuga em desvios que apontem para as incertezas na espacialidade e seus desdobramentos. O deslocar como invenção

rumo ao nordeste da região Sudeste mais rica do país em que se pese pedidos de exoneração de cargos, a imprevisibilidade de adaptações à cidade que aguarda, o desconhecer essa nova urbe, sentindo-se completamente “*nua, crua e grávida*”. O desconhecido faz imaginar a ausência de apoios, o encontrar uma morada nova faz chegar como projetando retornos breves diante do dilacerar em passos no caminho escolhido.

Descobre que a cidade de Teófilo Otoni não é acolhedora para com o estrangeiro que chega. Sente, logo na chegada, a inexistência de lugares de lazer, de convivências, de socialização. Não se é arborizada, não se tem praia, roda de samba, coisas da cultura deixada. Aqui, é local de trabalho que proporciona possibilidades inventivas e de invenções em que a estada por essa espacialidade se abre em horizontes mais longos daquelas de quando se chega desprovido. A potencialidade de se praticar a Si na arquitetura de uma universidade é algo diferente de se estar no já arquitetado de uma IFE consolidada. Como não se tem nada a olhos vistos, tem o mundo a construir. Isto é um movimento de um recorte pessoal e intenso para se chegar e que exigirá permeio outros para se deixar o chão pisado, agora habitado na espacialidade desvelada. Querer estar no inexistente para construir, querer fazer na construção que se desenha na espacialidade desnuda de um platô oferecido no entremear de possibilidades. A docência aqui faz sentir diferente outros tantos elementos em aproximações diferenciadas.

Movimentos constitutivos de Si: viver sem ser só trabalho de manhã, tarde, noite, madrugada, sábado, domingo e feriado. Estar efetivada numa IFE pode vir a ser a possibilidade de trabalhar e se intensificar em um constituir em processos, em um tornar intenso em engendramentos.

Aquela trilha que levava ao Hospital de Emergência em que se cumpria plantão doze por trinta e seis esgota, vai adoecendo ao longo do caminho. Processos nas relações de poder no dia a dia de trabalho em enfrentamentos para que a classe profissional não fique subordinada em seus saberes frente a outra categoria que quer definir seus atos.

Outros poderes se fazem presentes em que a gestão compartilhada Estado e Município é fachada para garantir ao mandatário municipal o mando único. Impera a lei do silêncio ou emudecida pelo fixado no cano que tem mira certa. Na correlação de forças com a Polícia Militar, que ficava dentro do espaço hospitalar fazendo dali um lugar com outras práticas em diversos momentos de risco, seja do paciente ou do profissional. Corria riscos em demasia: ao atravessar o mato em trilhas, na convivência técnica silenciosa com os autores de assaltos, estupros e assassinatos. Compartilha o indesejado imposto.

O Serviço Social confirma óbitos sem apontar a negligência fortalecedora da fábrica de mortes para enriquecimentos ilícitos. Os mesmos que atestam em cartórios são os que vendem os serviços funerários. Os portadores da notícia fatídica cobram a liberação do corpo sem vida para as cerimônias de despedidas a serem providenciadas desde que novamente pagas nos emolumentos funerários depois do pagamento no registro cartorial. Máfia do Óbito. Essa parte omitida da Cidade Maravilhosa se alastra por hospitais que exigem serviços submissos da Assistência Social, da Psicologia e outras atividades profissionais.

Para se imaginar ingressando numa IFE sonhada, necessário férias forçadas, sumiços consentidos. Troca de endereço, alteração dos números da chamada telefônica. Some de Si e do mundo para que os estranhos não se aproximem a dizer ou fazerem em ato a precarização da vida, em morte anunciada. O permanecer em

obediência a Si na insustentabilidade do ser ali em que a voz destoante é calada, o brilho nos olhos apagados. O pedido de socorro não escutado vai intensamente adoecendo o corpo que se cala em movimentos negados, em dores indesejadas, em erupções sintomáticas em cada poro.

Com ou sem o concurso efetivado, toma a decisão do rompimento em pedidos de exonerações. Deixar Saracuruna em desligamento de muita felicidade; deixar a função municipal em exoneração outra, na sequência de mais outra, até ver livre para uma viagem que ultrapasse os limites íngremes da Serra a emoldurar as Maravilhas da urbe decantada.

Desloca rumo ao nordeste no Vale do Mucuri. Leva em processos o constituir no enfrentamento da coragem a desvelar o enquadramento de modos de vida e de mortes. Talvez no sertão a ausência da brisa trazida do mar e a florescer a costa seja amenizada com o choro e os primeiros reclames da criança que viaja no ventre, alhures, a ocupar o espaço habitado da moradia nova a constituir. Estar grávida que redimensiona todo o processo de deslocamentos de casa para o trabalho em um modo de vida de riscos evitáveis.

A docência em Teófilo Otoni faz enxergar melhor talvez outros elementos que se podem aproximar em formas de elaborações que diferem em ousadias buscas com o se estar ali na articulação prática presentes no ensino, pesquisa e extensão.

É possível perceber a Si como uma intelectual?

Sim e não. Não no sentido se se pensa a intelectualidade na produção permanente de conhecimento. Elaborar uma tese, por exemplo, em que a mesma pode a vir se desdobrar em publicações; via pesquisa, pela via da sala de aula. Que fazem refletir o cotidiano, que se planeja, que se pensa. A IFE a se constituir em seu

campus novo pode vir a fazer sucumbir ou erguer toda e qualquer forma de elaborações conceituais pretendidas.

Estar no Vale do Mucuri possibilita uma construção em que se torna possível articular profissionais para além muros do campus em que os poderes Legislativo, Judiciário e Executivo disponibilizam pessoas para juntos com o intelectual docente, produzirem processos de transformações há muito reclamadas pelas comunidades abrigadas no entorno do campus como nas cidades espalhadas em pontos pela imensidão quase desértica. A IFE extrapola seus muros que a prendem no produtivismo exigido e se espraia provocando desmontes e remontes de fazeres naturalizados e petrificados na direcionalidade do único. Emergem oportunidades de ações de envergaduras ousadas, de desdobramentos para fora atingindo urbes aquecidas pelo calor do sertão e desassistidas de invenções frente às demandas latentes já que muitas delas naturalizadas em suas fragilidades e abrangência restrita frente o que os sentidos captam na entrada por inteiro e intenso do docente a atuar para além das salas de aulas.

As cidades do Vale como que reclamam as ausências de políticas públicas e a IFE tenta apropriar-se das queixas. É logo alí, em Ladainha, passando por Malacaxeta, Campanário, Poté, Itambacuri, Itapé, Catuji, Pavão, Crisólita, Frei Gaspar, Ponto dos Volantes, entre tantos outros pontos subsumidos na poeira do Vale. Pontos em que os espaçamentos que os distanciam garantem pensar possibilidades inventivas a lhes ocupar cada pedaço, cada quilômetro transitado de habitação escassa. Emergir por aquelas paragens o que o múltiplo em modos de ser diversos, sem mandatários únicos ditatoriais. Sem se deixar em metropolização de unções que na mistura apura os obedientes e depura os que desobedecem ao então posto.

Deixa que o conteúdo programático das ementas das disciplinas se desloque um pouco indo para a realidade que a compõe. Que os estudantes universitários no Vale se percebam nas queixas incorporadas ao serem ouvidas lá naquele cotidiano que reconheciam como o único possível. Mais do que a escrita do projeto de pesquisa, é saber do problema a se pesquisar, a compor as aulas e as atividades extensionistas e intencionistas. Em descobertas, desvelam Quilombos omitidos, barragens impostas, a exploração sexual masculina e feminina de crianças na Praça Tiradentes, principal da cidade sede. A questão do trabalho das empregadas domésticas, dos adolescentes em conflito com a lei em sua Casa de Passagem e Casa de Permanência. Que se desdobrem em intervenções no espaço expandido e de abrangência do campus que se constitui aqui no Vale. Abrir portas para a entrada da realidade local em que se fixam estudantes, intelectuais docentes para além da construção arquitetônica dos prédios a comporem a estrutura que se pretende para o vasto platô plantado acima, em sua supervisão do altiplano. Que se enxergue e acesse o que a vista acessa no horizonte longínquo, deixando voltar à realidade acolhida em sala de aula e nos projetos que escapam para além das folhas digitadas.

O que é ser intelectual docente hoje numa universidade pública?

Envolve uma série de questões políticas que absorve não somente o fazer no exercício profissional propriamente dito de estarem sala de aula. Presente questões políticas em subjetivações outras que se fazem no cotidiano de poeira na ocupação da espacialidade do Vale, o que tem demarcado inclusive a chegada e a partida de docentes na IFE.

## IV – Espaço

### . Espacialidade

- Deslocamentos em modos do existir

*Eles não compreendem que, na demarcação das implantações, das delimitações, dos recortes de objetos, das classificações, das organizações de domínios, o que se fazia aflorar eram processos – históricos certamente – de poder. A descrição espacializante dos fatos discursivos desemboca na análise dos efeitos de poder que lhe estão ligados (FOUCAULT, 1988, p.159).*

No diálogo de Foucault (op. cit.) com Hérodote, no capítulo intitulado *Sobre a Geografia*, tem-se certa reclamação deste por acreditar que a geografia foi de alguma maneira esquecida nos escritos foucaultianos evidenciando aqueles da *Arqueologia do Saber*, reafirmando assim uma postura pressentida de relegar os estudos geográficos a uma Ciência Natural. Ao acompanhar aquele diálogo, evidencia a queixa sobre a espacialidade sendo silenciada para o evidenciar da questão da temporalidade que lhe sobrepõe nos estudos filosóficos e ao que se refere ao processo de subjetivação. Evidências detectadas pela influência exercida “em Bergson ou mesmo antes, em que isso começou. O espaço é o que estava

*morto, fixo, não dialético, imóvel. Em compensação, o tempo era rico, fecundo, vivo, dialético”* (Foucault, op. cit. p. 159)

Desfeitos os equívocos sobre o silenciar inexistente, encontra-se, na obra de Foucault, o uso de metáforas espaciais, geográficas que, ao serem articuladas com os estudos realizados, lhes dão certa clareza desveladora das relações de poder que engendram. Notadamente, alguns dos termos emprestados da Geografia e utilizados por Foucault apontam, segundo o próprio autor, para as estratégias das relações de poder empreendidas para delimitar territórios militares, regiões administrativas, domínios jurídicos – políticos os mais diversos. Ao referir-se inclusive à figura panóptica na descrição das instituições em termos de exercícios de poder expressos na arquitetura, as figuras espaciais estão presentes e a elas se referem a “*análise dos efeitos de poder que lhe estão ligados*” definindo modos e processos de subjetivação dos indivíduos. Dentre essas instituições, as escolares ganham destaque ao se transitar pelas estruturações em curso dos prédios a comporem estrategicamente os novos campi universitários distribuídos numa espacialidade que altera o desenho dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha.

Situados ao nordeste, chegar a esses campi exige o deslocar em travessias as mais diversas e diversificadoras de experiências tantas. Forjam mapas diferenciados no e do semiárido do nordeste mineiro com a expansão da Universidade do Vale do Jequitinhonha e Mucuri. Mapas que contêm desenhos de relações de poder colocadas na pauta do dia das reivindicações docentes bem como das políticas públicas da educação como sistema e do ensino universitário especificamente. Os traçados no desenho da espacialidade que se configura, são apropriados pelos docentes que chegam numa perspectiva constitutiva de Si. Como que abandonam as indicações nomeadas da espacialidade a ocuparem em práticas intensivas e

desenham outras ao decidirem enfrentar os atravessamentos que os intensifica na transitividade. Ultrapassam os viajantes a enviarem mensagens codificadas das relações de poder empreendidas como que delação dos atos subversivos nos campos de batalha (Foucault, 1988,p. 163), para serem ali vozes em ações nas inter-relações suscitadas, nas experiências que os constitui.

A emergência da questão da espacialidade nos processos de subjetivação e que se toma emprestada da Geografia em Haesbaert (2006), Massey (2008), Massey & Keynes (2004) e Santos (2004), se sustenta na problematização que se coloca da viagem, do deslocamento feito pelos sujeitos em suas travessias dessas espacialidades, no cuidado de Si, no tornar docentes na experiência intensificada no e pelo trajeto. A espacialidade engendra enfrentamentos, por exemplo, nas relações de poder que emergem ao se ousar transitar, deixar o estável da fixidez. É o que põe à prova o intensificar que produz movimentos de uma cidade a outra, é o que emoldura quadros existenciais frente às cores ou ao monocromático de suas paisagens vistas, cheiradas, calcadas sobre a derme e que afeta não somente os sentidos em engendramentos exógenos mas o quão intensamente as constituições endógenas, inseparáveis em modos de afetação experienciados e que se sabe intensos.

Espacialidades incertas como método adotado para dizer da transição em processos, de um ponto a outro, e com isto em uma constituição de Si que se opera nos deslocamentos e nas experiências que engendam ao se colocar em travessias.

Encontra-se ainda em Foucault (2006) ser a época atual, preferencialmente a época do espaço. Já que simultâneos o longe e o perto, o lado a lado se colocam na problematização dos modos de existir. Ele evidencia a história constitutiva pela via da espacialidade em que lugares sempre houveram muitos deles sagrados ou

profanos, mas sempre em destaque para se ter acesso a eles ou na proibição de frequentá-los. Espacialidade que se pode perceber, transitar e estar na elaboração do determinar político de fazer surgir dela uma IFE, engendrando constituição de indivíduos, docentes que a transitam.

Na espacialidade a se erguer uma IFE, os pontos que a compõem são apontados por Massey & Keynes (2004) e Massey (2008) e a definem no intenso que provoca ser conceituado como sendo: produto das inter-relações acontecidas ali no intenso das assim chamadas interações pequenas porque local, até as chamadas ações globalizadas; esfera das possibilidades em existências múltiplas composicionais em distintas trajetórias a lhes inferir vozes e fazeres diversos em multiplicidades constitutivas; aponta ainda a espacialidade definida ao estar sempre sendo feita, em constante devir, numa indefinição que a impede fechar-se sobre si mesma, é sempre abertura. Em destaque o que apontam como em uma intensa e constante abertura, condição para ser transitado, múltiplo e aberto. Explodem barreiras e limites ao se ter a abertura e atravessamentos como constante.

A Região está intimamente relacionada à questão de comando em exercício de poder sobre determinada espacialidade delimitada para o implante das políticas estatais, entre elas as educacionais. A região do Mucuri é uma apropriação espacial providenciada por um processo de aplicação hoje de políticas de expansão universitária onde a presença do Estado vem sendo feita com provimentos em ausência, sustentando na falta em justificativas para retornos antecipados dos que para lá caminham. Na perspectiva do cuidado com as pessoas que habitam aquela região delimitada politicamente, sempre foi a espacialidade em falta e que vem contribuindo para que seus habitantes migrem em busca das satisfações negadas ali. Com a implantação da IFE, emergem possibilidades antes nunca vislumbradas

em um processo diferenciado de ocupação e uso daquele solo que se abre em sua horizontalidade. Novidades que se anteparam em conflitos entre os do lugar e os que chegam e são vistos em ameaças como que tentando tirar o “pouco” existente.

A região do nordeste mineiro compõe o nordeste brasileiro na evidência da faixa da escassez e da falta. Instalar ali uma IFE pode ser percebido como uma tentativa de operar diferenciados modos existenciais, entregues como tarefa aos docentes que aportam na instabilidade vislumbrada entre tantos motivos o de difamada como inóspita. Há limites impostos na ocupação da espacialidade pretendida com a definição de região nordeste e o que nela inexistente e que a constitui. Estabelece um limiar em alargamentos para uma produção outra com a chegada dos docentes que ali vislumbram outros modos existenciais.

Que relações podem existir entre poder e saber na espacialidade delimitada como região nordeste? Os que chegam e se fixam, podem acreditar na produção inventiva ao pretenderem ocupar aquele espaço e se reterritorializarem ali?

Os que retornam antes mesmo de se permitirem afetar pelas intensidades das possíveis forças que os atravessam, cumprem com aquela região político-administrativa apenas o definido pelo Estado ao lhes impingir precariedades abaixo do sol escaldante. Codinomes que vêm servindo para que se extraia e explore dali suas riquezas minerais a lhes nomear apenas nos símbolos paradoxais de “capital das pedras preciosas”, na urdidura das negociações exploradoras e empobrecedoras dos habitantes do lugar.

Os que retornam, deixam de ocupar os limiares na inventividade de modos existenciais. São pegos nos limites estabelecidos como únicos e possíveis de se

viver ali como quem chega para explorar e ser explorado na quentura do clima árido e desértico no nordeste assustador.

Ainda aos passos de Massey (op. cit.) a espacialidade se processa com o que a constitui nos inter-relacionamentos que produz e que nela operam. Relações que buscam intensamente um processo de determinação dos indivíduos e objetos operando e a intensificando definindo “*uma de suas mais disruptivas características – sua capacidade de possibilitar novas relações-umas-com-as-outras de trajetórias previamente discrepantes*” (p. 70). Portanto, ainda segundo a autora, “*uma genuína produção contínua do novo*” entre sujeitos e coisas, determinando e sustentando a existência e propulsão da espacialidade. Uma das dimensões da possibilidade da experiência na construção das diferenças, em que se instalam multiplicidades irreduzíveis, forja o diverso.

Na espacialidade, a constituição relacional de subjetividades em modos de ser específicos nas políticas de produção empreendida. Ação que se distancia das concepções dos modos de produção marxista e põe desvelada a inventividade dos indivíduos interagidos nas diversificadas maneiras de se relacionarem, agredindo ou se afagando, no campo em que operam os processos de subjetivação. Em um “*jogar dentro da espacialidade*” instigado por Grosz (apud. ib. idem. ,p. 94).

Nas inter-relações dos que chegam em um expor a Si em desenhos diversificados nos modos de se constituir. Adentra na imensidão do plano a olhos vistos e daqueles traçados nos bastidores e a serem apropriados pelos que ousam transitar sem um paralelismo divisor e sim na integralidade da arquitetura externa dando forma aos prédios como instituição de ensino que se estabelece. Articula, a emergência, o brotar de Si constituído ali na espacialidade, nas “*práticas, e esses processos heterogêneos por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar*

*consigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo*” (Rose, 1976, p. 36).

A espacialidade como a possibilidade da existência na condução de Si, em enfrentamentos que a própria condição assumida abriga. Estar ali e deixar de se atrelar de maneira irredutível no cumprir à risca as determinações do Estado, vislumbres outros se apresentam em devires constantes a romperem sistemas fechados de modos de ser. Experiência em simultaneidades de modos em fazeres diversos atentos às inter - relações que o indivíduo estabelece em estratégias propiciadoras de processos de subjetivação que único enquanto específico, difere e sustenta em técnicas de Si a emergência do intelectual docente. No contemporâneo convocado a um deslocamento que, longe de distanciá-lo de Si, é onde ele opera sua intensificada constituição, distante do “*deixar sem chão*” ao lhe propor um suposto “*abrir mão*” do já construído lhe possibilita brechas em fendas sobre a trilhada aberta a desenhar novos modos existências. Constância de devires, sem nunca deixar de ser já que em trânsito, opera apropriações nas experiências da espacialidade.

Espacialidade não como a fixidez que ao prender as coisas ao seu solo comprime as possibilidades que engendram o vívido em aberturas a operar os acontecimentos. Nas travessias, cada passo faz brotar ao revés microdiferenças buscadas no falar e fazer, nos avanços e cautelas do caminhar, naquilo que se externaliza em “*formas pelas quais os indivíduos compreendem, julgam e conduzem a Si mesmo*”(Rose, op. cit. p.41)

A expansão universitária divulgada como novo modo do existir, levando ao deslocamento e até aos novos campi universitários, tem seu efeito acalentador já que os campi inexistem, existindo apenas como platô desnudo. Frustram, geram

retornos antecipados ao findar a viagem aos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri. Pensa uma estrutura de funcionamento como se esta devesse vir *a priori* da experiência na espacialidade propiciada pelo estar ali, em busca da invenção de novos modos existenciais.

Como de praxe, o capitalismo vende um produto acessível a poucos mas que mobiliza o desejo de todos por possuí-lo, no aqui transitado, o vivê-lo no campus universitário. Falas elogiando outros campi já estruturados de outras IFE não tão a oeste, ou mesmo na reivindicação de apoio à construção de moradias para os que chegam expressam o frustrar frente ao que se depara o viajante-docente. Movido pela intensidade de uma IFE, na experiência de uma instituição ainda destituída de forma, cor, a ocuparem a espacialidade em que se possa transitar.

Torna premente a lida com possibilidade que exige um abandono de um antagonismo. Do lado de cá um pertencimento intramuros a uma categoria que se ressentida destituída de sua expressividade produtiva de conhecimentos e de vislumbres de engajamentos e radicalidades transformadoras nas mais diversas questões postas e reclamadas socialmente. Imposição de um produtivismo como condição de pertencimento à lista dos docentes capazes do pleito de reconhecimento e bolsas em um atrelamento ao patrimonialismo alimentado pelo capitalismo. No vislumbre extramuros, se concebe, quase mitologicamente aos olhos da mesma sociedade, como categoria dos bem remunerados no cargo federal que ocupam. Aos que chegam, muitos já atingidos por reformas previdenciárias a lhes retirar condições mínimas do envelhecimento esperado em amparos, os docentes em busca da IFE se deparam com uma instituição de ensino em construção remetendo-o a uma constituição também de Si, ali. Oferece-se à espacialidade avistada no horizonte alargado do espaço nu, a ser praticado, tornado lugar

enquanto práticas de Si empreendidas em um constante processo de des-re-territorialização.

Estar presente nesse apelo ao deslocamento pela espacialidade como uma das características das recentes transformações produzidas pelas políticas estatais provocadoras de uma des-re-territorialização intensificadora de possibilidades de invenção de experiências, já que remetendo os docentes em um constante deslocar-se e com isso constituir.

Fundado em composições nas quais sobressai se constituir na individualidade mirada em um modelo dado sócio e culturalmente em que características dos processos de deslocamentos e de sucesso profissional se articulam e formam o quadro de sucesso e de derrota, os docentes que chegados naquela espacialidade evidenciam suas constituições individualistas. Atritos e confrontos entre os pares, de dedo em riste ou em discursos em exposição do eu ferido, afloram e apontam um modo de ser que segue o individualismo que grassa os modos cotidianos.

Somam vivências em que os processos de subjetivação em um constituir psíquica culturalmente vão sendo intensificadas na esteira comparativa, de modelos a serem copiados, categorias do ter para ser percebido, defendido e sustentado e praticado em enquadramentos outros da existência humana.

Que a espacialidade transitada seja a da “*era do espaço*” como possibilidade se pratica técnicas em cuidados de Si na constituição relacional da experiência dos indivíduos que se podem ter como determinantes, em suas inventividades. O aflorar no solo do chão praticado da espacialidade percorrida, os fluxos constitutivos do docente. Abertura de frestas para um expressar sem o acoplamento expressivo com a produtividade exigida em normas ditadas. Potência em relações existentes,

mutáveis e que se exigem coletivizantes no afetar a muitos no processo de des-territorialização praticado.

A não linearidade da história aponta para uma questão espacial em que os sujeitos se constituem, produzem a si mesmos numa relação aberta, pois ocorre em interrelação com a multiplicidade, com o mutável em constante devir.

Na construção de novos modos de operar no campus universitário em obras físicas para sua composição espacial, está a prática vívida no modo de ser expresso na espacialidade. Ainda apela para uma postergação do intensificar a Si como se houvesse um tempo futuro em espera e ao qual pertencesse a existência, como se afetar pela experiência fosse um desobedecer infundado ou um egoísmo cerceador de possibilidades interacionistas ou mesmo de uma alteridade constitutiva. Fala de um *“daqui a dois anos ou mais”* como se a experiência e suas produções no existir fossem de efeito retardado, negando o aqui e privilegiando um tempo como o único imperativo a dar significado ou a interpretar a ação lhe imputando validade.

Se desprezado o solo que sustenta em privilégio do tempo futuro, tem nesse modo de ser e compor um deixar de apropriar da condução de Si, apontado por Foucault ao longo de seu percurso de intelectual docente. Descuido de um Si que se elabora e se produz nas inter-relações espaciais a que se coloca nas travessias para além de uma região administrativa como o campus, mas que se prolonga e estende para atrás do horizonte delimitado pelo avistar geográfico.

Pensar e experienciar a geograficidade da história nos movimentos em técnicas engendradas a comporem a espacialidade.

## . Territorialidade – desterritorialidade - reterritorialidade

- Intencionalidade do existir

Ter a oportunidade de se estar no território escolar desde os quinze anos de idade difere em muito da maioria dos docentes que cumprem um ritual acadêmico de formação e de fazeres. A estes, a promessa de uma espécie de “*quarentena*” de escolarização para que possam estar “*pronto*” e assim, ao surgir do concurso público, entrar na IFE, preparados para a lida ali, naquele território outro que se espera de fazeres e saberes inventivos.

No início da trajetória docente, havia a área de arte. Professora de música, como profissional. A primeira experiência que leva ao território escola, lugar sala de aula. O acesso ao ambiente escolar facilitado pela precocidade de ser professora faz da docência o quintal da casa, eido, uma extensão. Como que em um prolongamento inserido a mais na casa habitada, a ser praticado naquele lugar em que se intensificam relações, se desenham quadros nos modos das experiências vívidas, tidas no dia pós dia: a sala de aula. Mesmo tendo iniciado no ritmo, o primeiro abandono dessa prática ocorre também precocemente.

O se apropriar dos projetos em capturas programadas de Si deflagram modos existenciais outros e podem engendrar subjetivações como estando não mais em suspensão, como que em um contínuo ininterrupto a se propagar no espaço e lugares transitados. Efetivar-se como projeto de pianista aos nove anos provoca o abandono, como em um atalho, para retomar lá adiante. Segue compondo a linha da música praticada por atalhos trilhados e não na retilinealidade de um assujeitamento incontestado. Interrompe-se o percurso como um sumidouro, a brotar adiante, em que a apropriação do projeto opera como modos de vida no aqui.

A exigência de ainda criança permanecer, duas vezes por semana, sentada durante duas a três horas em cada dia, deixando de estar no correr do brincar infantil na conquista de lugares ainda não vistos e percebidos possíveis. A experiência da iniciação musical permanece vívida mesmo que postergada a sua expressão.

Tinha-se uma experiência musical inicial na relação de vizinhança em que se ouvia por todos da rua a professora tocar. Ao se estar naquele aprendizado e não responder numa sequência didática com expressões musicais esperadas aponta para a precocidade do aprender. Adiar para que possa responder ao que se espera.

Mesmo com todas as justificativas dadas não se elabora a perda de algo que permanece latente, vívido, já em muito desejado. Perguntas emergem em busca de respostas que justifiquem deixar de fazer algo que se tem prazer em fazer e cuja interrupção torna sem sentido, visto que, na vida cotidiana, prevalece o desejo de permanecer. Evidência de experiência, entre tantas, em detrimento de uma vivência de algo passageiro. Permanece intenso mesmo que não praticado mais cotidianamente.

Envolver com os registros de Si que a experiência opera e que, ao que se refere à música, é como ter que fazer composições musicais nos teclados do piano exigente como arranjos no cotidiano em que caiba o dedicar na busca do prazer de dedilhar as teclas de marfim. Em tentativas de retorno em que os arranjos vívidos deixem de inserir um cotidiano outro nas relações experienciadas, a frustração é iminente. Necessária a destreza dos dedos, já endurecidos pela não prática. Começar tudo de novo em iniciativas que podem frustrar até a um abandono realmente e há muito tentado evitar.

Sem a opção na cidade habitada de se ingressar em um curso de graduação em música, opta-se pelo de Psicologia. Deixa-se de novo a dedicação exigente da

música de sons e técnicas do piano para entregar-se à formação que habilite para a formalização de ser docente em uma IFE, depois de passagens por organizações educacionais privadas, aqui e lá no exterior longínquo.

Trazer sempre a percepção de que a escola é o espaço de atuação profissional, em que se faz fazendo-se a Si. Onde se sente bem, percebe-se em modos de existir que se intensifica em experiências. Abandonam-se outros espaços ofertados em outros ramos organizacionais: empresa, clínica, hospitalar que perduram passos poucos apenas. Na escola, na arte professoral apresentada constante desde os quinze anos, em relações diferenciadas do ser estudante transformada docente, compõem este estar ali, intensos no constituir.

Atuando na docência em faculdades privadas já evidencia o “*ser esponja*” ao ambiente em um contaminar-se inteira em filtragens sensíveis do que interessa, do que se torna significativo no processo em curso. Estando aqui inicialmente, vindo de lá em viagens diferenciadoras da ambiência vívida experienciada.

Aqui, a experiência docente pós-abandono da música ocorre no rico Vale do Aço, noroeste mineiro: no trânsito entre Governador Valadares, moradia e Ipatinga, prática de sala de aulas. Lá, na ousadia da viagem além-mar, a experiência do mestrado e do doutorado a ocorrer em terras francesas: Université de Picardie Jules Verne, região de Picardie, ao norte da França.

A cada correspondência enviada o enlace com o desconhecido. Falar do desejo de lá estar como que tecendo uma rede que ampara. Expressar em gestos, no imaginado, nos estranhamento do sorriso acolhedor. Fazer no verbo conjugado novo da língua a exigir domínios em decifrações que acompanhem o gesto a ocupar e a fazer-se na espacialidade desconhecida.

Tanto a dimensão conceitual de nomadismo nos estudos de Deleuze & Guattari (2002, p. 11-110) em apropriações acadêmicas a lhe retirar sua prática pelo espaço em corpos que se locomovem, bem como no conceito de território em que os autores provocam para uma ampliação dos modos em lugares de afetação do existir em vez de um fechamento ao se pensar as práticas engessadas, operam em subjetivações. Em um fechamento quase que privatista nas apropriações conceituais, talvez se encaixe aqueles que propagam o fim dos territórios a partir dos modos do existir projetados pelo capitalismo globalizado, apontando para um indivíduo que se despotencializa como que entregue ao cumprimento de uma ação a ele programada.

Ao se atentar para estudos outros ao longo da obra conjunta de Deleuze & Guattari, depara-se com um desvelar de posições conceituais sobre a espacialidade e o movimento pelo espaço como modos de fuga ou de desterritorializações intensas a comporem as experiências constitutivas dos indivíduos. Deleita-se ao ler no diálogo o que algumas apropriações reducionistas de seu pensamento largamente praticadas na academia tentam impedir de vir à tona que é a importância que Deleuze concede ao movimento dos corpos pela espacialidade. Atrela a um nomadismo muitas vezes posto em restrição, aludido apenas ao pensar que transita, nega o movimento do indivíduo pensante, andante em suas idas e vindas às linhas composicionais de experiências em modos do existir molar, molecular em seus processos intensos de des-re-territorializações.

A possibilidade de sempre experienciar um território, define o indivíduo em busca e se constituindo em uma constante multiterritorialidade, como nos propõe Haesbaert (2006), em que se tem a *“exclusão aviltante ou as inclusões extremamente precárias”* a que as relações capitalísticas relegam boa parte da

população ao redor do mundo. Inclui em seus quadros os docentes das IFE em suas mobilidades forjadas na aprovação de um concurso público que os remete rumo ao nordeste mineiro. Como no ainda, pode-se dizer, "*de um, o mais elementar território da sobrevivência cotidiana*". Leitura do território não apenas como fim de algo, sua desterritorialização, mas a emergência do novo no território, sua reterritorialização vindo a compor em uma multiterritorialidade.

Pensa muitas vezes a desterritorialização como fato concreto ao se ter o indivíduo em trânsito, como que estando assim destituído de Si, como que esvaziado de suas experiências e do processo de subjetivação engendrado para ficar desprovido à espera de que se instaurem outros territórios para que ele então se faça novo a partir de sua restituição territorial como que benesse em oferta dada. Ledo engano se se aponta que a divulgada desterritorialização seja, com o fim dos territórios anunciados nos modos de vida impostos pela globalização em que se situam a IFE localizada no deserto do nordeste mineiro, anunciada como um novo território, como que lugar da experiência constitutiva dos indivíduos em seus engendramentos ali inventados.

Haesbaert (op. cit.)\* se dedica a oferecer uma quebra desse fechamento nos modos utilizados para o pensar Deleuze & Guattari ao transitar pela espacialidade em um intenso processo de des-re-territorialização desse indivíduo anunciado como desprovido de território no mundo globalizado. Ao se acatar as conceituações político-filosóficas de espacialidade defendidas por Massey(2008) e Massey &

---

\*Na obra de Rogério Haesbaert trabalhada, se destaca em diálogos estabelecidos para os estudos aqui restituídos, o capítulo 3, p.99-141.

Keynes (2004), chega-se às afirmativas haesbaertianas possíveis de serem pactuadas, de territorialidade definida pelas relações de poder, afeto, sonhos, habilidades vívidas nessa mesma espacialidade. Por ser ali a abertura para as emergências singulares, tem a territorialidade em suas dimensões propulsoras de processos des-re-territorializantes dos indivíduos em um constante estilo de invenções.

Territorialidade, território como descontínuo em sua operacionalidade agregadora e desagregadora, como que implodindo e espaiando des-re-territorialidades sob os passos e nos atos do indivíduo. Longe de um fechamento sobre ditadas formas padrão de compor nos intercruzamentos rizomáticos, mas como diverso nas possibilidades dos que o habitam, o fazem praticando em suas mobilidades em passagens constitutivas. Territorialidade composta em modos de possibilidades expressivas repletas de autonomia inventiva, expressão da singularidade.

Com uma formação acadêmica na graduação tida apenas com docentes graduados a se constituírem ali, naquela territorialidade de uma faculdade particular em início de carreira, deixa de se expandir os horizontes com orientação recebida na sala de aula ou amiúde sobre o porvir. Desconhecem-se possibilidades de construções em estudos outros, de práticas que ultrapassem a mera aplicabilidade de técnicas decoradas e abreviadas como um receituário psi recomendado para todos os profissionais a aplicar a toda a sociedade.

Opta pela saída rumo a terras estrangeiras em um des-re-territorializar da cultura dominada e dominante, se sai com projeto “*sem pé e sem cabeça*” pela ousadia que o forja em uma experiência a extrapolar o cumprimento burocrático de toda papelada em traduções juramentadas para o envio a Universidades Francesas, estabelecimento de uma linha tênue que seja pista ao se ultrapassar o limite

fronteiriço demarcado política e culturalmente. Fica-se no aguardo de respostas que permitam efetivar a ousadia em viagem internacional inimaginável no imediatismo de um ali, quase egocêntrico dos primeiros acordes do piano.

Parte sentindo como que totalmente em despreparado ao se interromper a quarentena programada e assumir-se em enfrentamentos de um cotidiano outro. Intensifica-se um processo de desterritorialização como que o apreendido nos modos de vida praticados se desfizesse se esvaindo em um desuso ao se propor a Si ser estrangeiro em terras de culturas outras.

Pensa-se praticar o desconhecido, pisar o chão em rumos indefinidos, seguindo apenas as setas indicativas ao estrangeiro que chega na busca de um definir-se a Si na espacialidade, território outro, descoberta do lugar. Tornar-se e constituir-se ali, reterritorializar a cada pegada cravada naquele solo apenas sonhado. Estar intensificado ali, onde a interação se fragiliza nos códigos apreendidos para as satisfações básicas do ir e vir. Mas para onde? Como que esvaziado de Si e em um recompor-se a Si na intensidade de cada passo dado para que o rumo se descortine e se apresente naquela realidade construída no peso do corpo carregado pelos pés que passeiam sobre o solo preme do existir.

No reterritorializar talvez se perca da terra distante, talvez se cante a Canção do Exílio até que se volte para cá a se fazer na experiência que explode com representações construídas em idealismos e tidas do como seria o Si, ao Ser ali, in loco na estrangeiridade do espaço a se praticar como lugar, em des-re-territorializações.

Pensa-se em tantos que vão e vêm já com suas datas de retorno agendadas e que se permitem a experiência de ser estrangeiro em terras outras, que muito diferem, talvez doa ameno se se compara de ser estrangeiro na própria terra, na

experiência de um estranhamento por rostos e língua conhecida. Têm os tantos que foram ou chegaram empurrados por condições adversas e permaneceram aqui ou acolá. Uns alongando experiências, alguns em experiências radicais; dentre tantos se pensa em Vilém Flusser, Stefan Zweig de uma lista longa. Para as bandas de lá se sabe os que a ditadura exilou. Anistiados, regresso de um tanto. Tem, ainda, os não mais voltados em que *“o exilado de retorno ao país natal não é todo semelhante ao estrangeiro em visita – nem mesmo ao estrangeiro que ele mesmo foi, no momento em que debutou no exílio”* (Todorov, 1999, p. 16).

Não há fuga no cumprimento de etapa estudantil para se constituir mestre e doutor em terras estrangeiras. Forja na experiência radical, aventura nas terras europeias em viagens de alargamento dos limites político-territoriais, dilatados por transeuntes dos países vizinhos e aqueles vindos a conhecer o antigo continente em um constituir novo.

Os quadros em registros vão se compondo em multiterritorialidades de experiências, acessíveis a poucos que ousam enfrentarem-se nas incertezas intensas ao se deslocar. Nas pistas e caminhos trilhados por Haesbaert (op. cit.), acompanha-se o geógrafo implicado com pensamentos sobre os modos de se praticar a espacialidade. Necessário desfazer do mito do indivíduo desterritorializado em vista de suas transformações, suas viagens impostas pela globalização de um capitalismo mundial provocando deslocamentos pelo espaço em busca de Si, constante reterritorializar. Deixa o território ocupado, feito lugar de expressões várias a comporem a possibilidade da expressão do indivíduo que se coletiviza em fazeres operados ali em seu território existencial outro.

Se a multiterritorialidade é realmente acessível a poucos como defende Haesbaert, ela só o é pela imposição das capturas capitalísticas em *“agenciamentos*

*de corpos e dos coletivos de anúncio*” em um embate constante e constitutivo se desenhando e manifestando-se na espacialidade vívida pelos docentes nas intensificações de se constituírem em viagens-deslocamentos, seja transitando pelo velho continente ou pelos sertões do nordeste, desertos a lhes atravessar intenso.

Ao se seguir os passos haesbaertianos, depara-se com a conceituação integradora de território permitindo uma abordagem de territorialidade em que as dimensões mais difundidas estão presentes. Alude ao território como seara dos embates político-estatais no exercício do poder em relações empreendidas; como dimensão simbólica difundida pela antropologia ao se pensar as produções oriundas das expressões culturais que emergem do habitar e produzir-se ali e, por fim, nessa imbricação, a dimensão econômica numa alusão possível de ser adotada ligada ao marxismo para se falar de relações e forças de produção. Imanentes nessa imbricação processos de subjetivação que esse engendramento constitui ao evidenciar ali um indivíduo desrreterritorializado na territorialidade vívida.

Segue a trilha aberta por Haesbaert atento a essa potência dos processos de subjetivações em que o indivíduo é intensa e constantemente um desrreterritorializar. Deixa um território engendrado em suas dimensões para, no trânsito pela territorialidade, esse se articular com um Si que não se desvincula ou necessita de espaços outros não praticados para ser.

Na viagem, em um deslocar-se, rompem-se vínculos que prendem, projeta-se no embarque em um constante desrreterritorializar, rumo ao desconhecido, transitado apenas nas cartas e documentos de tradução juramentada e em frases compostas para as comunicações mais imediatas ao se pisar aquele solo.

Da chegada até a entrada em sala de aula para a retomada dos estudos, agora para fazer mestre e a seguir doutor em Psicologia, ocorre apenas o reconhecer o

terreno agora transitado. Espaço a ser praticado até que se possa chamar de seu, a sala de aula comporta diferentes sotaques e idiomas cada um de cada canto do planeta, que vai aos poucos possibilitando dialogar em língua única que se espera amenizadora da distância e lembranças ficadas e fincadas à espera do retorno.

No abandono da música ao abandono da terra natal, espera-se que ambos, partes constitutivas de Si, encontrem espaços outros e se manifestem.

A entrada precoce na sala de aula pode ser resgatada com a aula a ser ministrada agora em outra língua. Descobre-se com a habilidade de domínio linguístico outro diante da necessidade de se apresentar, se abrir, se mostrar os primeiros resultados da ousadia de desafiar os limites impostos. Se por um lado o ser docente vai se processando mais habilmente, mesmo que em outro idioma, receios emergem e nem tudo é de domínio fácil. Nos enlaces cotidianos, o simples gesto do uso do dinheiro em relações de compra e venda difere; o trânsito local em um ir e vir em que se privilegia o transporte coletivo tendo o metrô por opção primeira, estabelece barreiras inexistentes. Necessário permanecer em um reconhecimento tático do terreno até que cada pedaço seja de domínio hábil, na intensidade de se saber sempre em composição de modos existenciais que se sabe, de antemão, incompleto.

Ao se passar alguns meses em terras estrangeiras, a língua dominada, pois que também de origem latina, pode-se aventurar em ser docente do idioma apropriado, no ensino de língua para os vindos do Japão e China, distantes e sem nem mesmo um alfabeto próximo como os ingleses e franceses ali presentes. Apropriada a comunicação verbal, o estabelecimento de relações diferenciadas a serem feitas no contexto de uma formação e prática distinta, de um país diferenciado em que seu povo e seus modos de vida diferem, coloca-se como novos desafios a serem

experienciados naquele cotidiano de ensino em que por séculos forjaram-se outros indivíduos intelectuais docentes de outros cantos do planeta. O aprimorar-se ser docente se dá em terras distantes do país de origem.

Esse formar-se em um intensificado processo de des-re-territorialização em que até mesmo o chão que se pisa respira outros modos de vida e de se manifestar, desvela uma formação em que a imbricação pensar-fazer ocorre em processo. No dia a dia da sala de aula, se experimenta a teoria em concepções de um cotidiano. Longe de um estar pronto ao se passar pela “*quarentena*”, apregoados nas estruturas educacionais da graduação e da pós-graduação, o tornar docente forja na aplicabilidade do pensar-fazer cotidiano na intencionalidade do existir.

Essa atividade apreendida faz com que o ensino de determinada disciplina transite por diferenciadas aplicações na diversidade que apresentam. Pode evidenciar a intervenção da Psicologia na Administração, no Serviço Social, na Educação, não apenas apresentando os conceitos psi, mas intensamente engendrando àquelas áreas os saberes psi. Modos de ensinar apreendidos em um processo de formação em que os modos do existir se expandem para além dos limites de domínios isolados em torres de castelos de saberes inatingíveis. Transdisciplinariedades vistas, discutidas e colocadas na prática cotidiana da sala de aula.

Ao retornar ao país de origem, tem-se a sensação, que logo se dissipa, de que se pode perder muito daquilo que se processou pela possibilidade de sua não aplicabilidade em terras conhecidas. Um desreterritorializar que exige uma expansão de Si já que “*destituído*” do próprio território que não se percebe mais como de Si. Des-re-territorializar no próprio território, expansão de Si, alargamento de fronteiras, inventividades de limiares forjadores de modos de expressões que

comportem desde a apropriação nova da língua materna e dos vínculos sócio-culturais que ela possibilitará, porquanto atravessada por outras línguas em idiomas distintos os quais se forjaram na necessidade da viagem empreendida.

Sentem-se as diferenças em cada gesto praticado na espacialidade a tornar a desvelar. Questiona-se o que se faz consigo ao se alocar na espacialidade que se constitui ali, também seguindo para o norte já em terras *brasilis*, sertão de Minas Gerais. Da estrutura centenária de construções de saberes de Picardie para o platô desnudo de esqueletos arquitetônicos e salas improvisadas meio a constantes poeiras levantadas pelos ventos do sertão do Mucuri. O que se faz de Si ao optar por desreterritorializar ali?

Dá-se um descanso devido pela longa viagem em descobertas apreendidas. Descanso para chegar. Elaborar as maravilhas avistadas. Perceber nos desafios praticados. Decantar as experiências no constituir transformado. Expressar-se junto e com o outro transformado, em relações constitutivas. A opção por um canto sossegado, impregnado de movimentos lentos de um interior fincado na novidade de uma IFE que surge, pode facilitar os traçados de rotas e rumos diversos que o horizonte alargado solicita. Pode-se querer ficar quieta. Deseja quietude em descanso para Si mesma transbordando de descobertas feitas na viagem de que se chega.

O sentir-se única com o título de doutora em Psicologia conquistado em terras estrangeiras pode gerar ostentações devidas. Buscar uma universidade de renome no Sudeste próximo ao mar ou ao Sul pode ser o que se espera e o que os olhares vigias direcionam. Saber com os estudos até então a diferir da prática costumeira no país fazem surgir convites de IFE já consolidadas e nichos de excelência impostos

pelos ditames do Estado em que se tem acesso a financiamentos e bolsas conquistadas em *papers* produzidos em série.

Opta pelo trajeto rumo ao nordeste ao abrigo do sertão mineiro. Aqui, onde se constrói uma IFE com toda sua inventividade em aberto, a receber e acolher as bagagens e seus viajantes a desreterritorializarem em conhecimentos, projetos e ousadias, na construção e constituição a que se oferecem intensos, pois de possibilidades inumeráveis.

Deixa a ostentação oferecida, assume inventora do percurso empreendido.

Abandono novo faz doer na decisão tomada. No campus, deixa a especificidade da área trabalhada e artimanhas da atuação em privilégios. A Psicologia há que se espriar pelos diferentes cursos abrigados no novo sem o atrelamento de se atuar apenas e tão somente na área estudada. Abandona em prejuízos o curso de Psicologia para trabalhos em áreas afins. Perde em exigências possíveis com os da área psi. A produção em elaborações conceituais de conhecimentos será amena, construída com os de outras áreas. Busca-se conciliar os fazeres e saberes mediados com a frustração latente da perda no abandono optado.

No sertão do nordeste mineiro, a IFE abriga parcela da população em idade universitária antes esquecida e criada na carência social, financeira e nutricional de uma espacialidade arenosa. Ávidos para frustrarem os projetos capitalísticos de mão de obra barata impingidos a seus cotidianos, percebem agudamente a IFE como um abrigo contra a insistência capitalista de lhes tirar a intensidade do pensar, a beleza do desafio enfrentado, o tornar-se a Si almejado. Aqui a lida é com o desfavorável, em que o impossível se apresenta como opção de se lapidar pensadores a contestar aqui e alhures esse modo único dado como certo. À força do destino, opõem as “forças em presença”.

Chegam momentos em que se afina a percepção de Si como sendo uma intelectual docente. Produzem-se conhecimentos na pesquisa, nas discussões dos grupos de estudos, na ida ao campo. Produz-se ali na sala de aula no oferecer o conhecimento em modos de pensar e ler o cotidiano em formas diferenciadas daquelas tidas como únicas possíveis. Deixar o modo rotineiro de pensar o pisar o solo arenoso para vislumbrar caminhos outros a serem trilhados neste mesmo chão que vai além da poeira levantada. Constrói ali, na sala de aula em conceitos diferentes, formas de pensar destoantes, visões de modos outros. Espaço praticado transformado em lugar de intelectualização transfigurar do mundo. Ser intelectual docente quando do interagir com a cultura e os fazeres do diferente ali, na diversidade e intensidades a ocuparem todo o campus e as vidas fora dele. Visão ampliada a partir do ponto que se aprecia em mobilizações capazes de alterar em ampliação o mundo há muito visto apenas por um ângulo avistado da janela limitadora do horizonte.

Ser intelectual docente numa sala de aula de uma IFE no Vale do Mucuri se faz repleto de imagens das viagens empreendidas. Talvez modelos mentais a se remodelarem aqui. Enquadramentos de professores tidos no percurso dos quais se tiram trejeitos numa composição modal na processualidade do docente em curso.

Pensa em memória na captura das imagens retidas. Decupar as tantas que ficam são constitutivas dos modos engendrados no aqui da sala de aula, do campus avançado no Mucuri, na intelectual docente que se intensifica na espacialidade transitada.

Tem a cena em imagem da professora já falecida que fazia de sua bravura e agressividade o modo de ensinar. Recorria sempre a agressões físicas como método e com o consentimento materno. Não se deseja reproduzir gritos e outras

agressões conhecidas em sala de aula em que o choro compulsivo era a única resposta aceita e a mediar até se chegar aos enfrentamentos adolescentes. Cessam as agressões sofridas.

No assumir a Si de se forjar na dedicação do aprender, na exigência do saber praticado. Confrontos com os professores tidos na graduação e que sendo apenas graduados transitam por exigências aquém, diferindo largamente praticado. Dos tantos tidos, aquela que ao concluir o semestre nada acrescentou de novo. Das cadeiras enfileiradas, as reivindicações para que se repetisse cada dia de aula dada porque de aprender, nada. Já concluído o semestre a professora volta para se explicar e em crise de choro apela pelo sentimentalismo distante do conhecimento exigido. Chora, humilha e deixa registrada a cena de um modo de ser docente indesejado.

Ao chegar a terras francesas, desembarca com anedotas trazidas e escutadas. Dentre tantas a de que o francês não toma banho. Constata *in loco* que realmente não toma, sustentado em motivos culturais, climáticos e ambientais. O docente francês também não toma banho. Sendo verão na França, o hábito de alguns muda, as roupas são mais leves. Outros permanecem com suas jaquetas pesadas a esconderem o odor fétido do banho adiado. Se professor em uma sala de aula de janelas cerradas melhor que permaneça com a jaqueta posta: a ventilação só encontra a porta quando aberta. Chega outro professor notadamente de banho adiado que, ao retirar a blusa, nem mesmo o abrir repentino e necessário de todas as janelas fez amenizar o odor. Da turma de uns quinze alunos, apenas quatro insistentes latinos permanecem entre o agredir o uso do olfato e a audição atenta a cada palavra dita. No exigir de se formar mestre e doutor em cultura que difere, o olfato afetado é apenas mais um domínio cultural outro em curso.

Do alto do púlpito, a brilhante professora de francês erudito difere ao proferir conhecimento invejável sobre os temas clínicos tratados. Com sapiência ímpar e de domínio conceitual admirável, mistura a postura frente ao livro aberto e o fitar um ponto que se desloca pela sala, sem fixidez, na limpidez das frases compreensíveis no trato de temas tão fugazes. Jamais se esquece em todo momento de se estar em sala de aula, o domínio da teoria e da interpretação dos casos anotados em detalhes. Do alto do púlpito as interpretações fluindo e atingindo os atentos naquelas expressões de sabedoria. É cena que compõe e acompanha cada momento de chegada em uma sala de aula, fomentando o tornar docente.

Aqui, deixar instalar nas habitabilidades precárias de uma urbe que começa a receber fluxo de docentes em busca de moradias a comporem os cenários de trabalho na IFE, é um processo por vezes doloroso no tornar docente no sertão. A ausência quantitativa de moradias, a deficiência na qualidade na oferta de serviços de atenção doméstica. Soma em dificuldades. Trabalhadora docente e optar por filhos sozinha pode tornar uma multiplicação de dificuldades elencadas para se permanecer. São opções feitas e assumidas como modos de vida e que em suas articulações apontam por cotidianos repletos de pequenos processos desreterritorializantes até que se chegue a noite com um delinear da rotina que se processa, junto aos filhotes ainda exigentes daquela a se chamar de mãe em sua ausência a ser consentida.

Postas em cuidados alheios, as cenas infantis produzidas são de agressões sofridas em praça pública praticadas por aquelas que deveriam ser as guardiãs nas horas de trabalho diário da mãe intelectual docente. São choros audíveis a distância e através de cada travessia por cada parte da casa na noite silenciosa até encontrar as cuidadoras de olhos cerrados, ensurdecidas aos gritos misturados a choros que

pedem, ali no cômodo ao lado, simplesmente colo, em cenas que se desenham: o mapa da casa torna ineficaz. A fortaleza construída é frágil a melindrar a constituição dos desprotegidos que a habitam ao serem relegados em abandono consentido expresso nas lágrimas de falas primitivas em choros ouvidos ao longe. Como em escalada, sobe cada degrau em esforços de Sisifo na tentativa de alcançar o quarto infantil, se anseia oferecer o afago reclamado. O corredor retilíneo torna labirinto trilhado, a atenção redobrada e a suscitar invenção do caminhar a cada passo dado. Medidos passos feitos guias em descompasso. Abre a porta com esforço, o choro estridente ganha eco na noite de silêncio interrompido, pedidos de socorro estremecem a estrutura corpórea e ocupados todos os outros lugares da casa. As cuidadoras de serviços comprados dormem insensíveis no aposento ao lado, incomunicáveis.

A docente mãe por ter gerado e pai por opção deixa em abandono, na presença das cuidadoras pagas, os filhos solícitos em choros do colo negado. As amas ocupam o cômodo como se longínquas estivessem, esquecidas da função tida e remunerada em pagamentos inflacionados da intelectual docente de dedicação exclusiva a IFE.

Multiplicam os desafios enfrentados em cenas cotidianas no constituir docente ao se construir casa, família de mando único e relações constitutivas em uma IFE em construção.

Negar a intensidade do sujeito em constituir como se a aprovação em um concurso público do docente que chega fosse o início de seu estar ali. As condutas no mundo obliteram a percepção do indivíduo desterritorializado, desfeito de si na mesma intensidade que a espacialidade do processo reterritorializante

experienciado opera ao localizar na espacialidade – territorialidade - lugar da IFE instalada. Garantia de invenção de modos existenciais.

Distinguir espaço, território e lugar e suas conceituações complementares diante da necessidade de uma busca conceitual para apropriações que o indivíduo faz e que dele são feitas em suas travessias. Deixa de se hierarquizar e atua numa horizontalidade oferecida pela experiência praticada e se evidencia na intensa reciprocidade que os elabora. Espaço, território e lugar se constituem e se engendram. A noção da experiência na verticalidade de Si ocorre em um território que é aquele que se articula no espaço e comporta uma variedade de lugares férteis de experiências em devires processuais. Territorialidade em limiares propiciadores de possibilidades da emergência das experiências. Percepção dos indivíduos inseridos nessa ou naquela experiência, nos limiares compostos ao se tomar a decisão de mergulhar em descobertas não dadas, em quebras nos modos de gerar filhos a compor estatísticas em números inovadores monitorados pelo Estado. Territorialidade apontada por alguns como produtora de identidades, outros como a emergência do simbólico. Perceber a territorialidade como constitutiva do sujeito em seu processo de territorialização, ou seja, em atravessamentos, fluxos e forças intensivas que o constituem. Ter como propiciadora de modos existenciais os mais variados, polimodais, desafiadores da ordem. A ocorrência constante e às vezes com invejável êxito de se buscar uma apropriação do constituir para que ali se defina esse ou aquele modo de ser, ditado pela ordenação estatal em suas políticas públicas educacionais ou oriundo da inventividade cotidiana praticada pelos indivíduos.

Para se pensar através de Deleuze & Guattari (op. cit.) ao se decifrar o sentido molecular das relações empreendidas nas IFE como que eleito pela casta no

comando ditado como o mais adequado a atender interesses poucos, a beneficiar pequenas redes com codinomes colegiados, diretorias e chefias. Apontamentos de desafios postos e que se expressam no contraponto a ser praticado frente aos gerenciamentos ávidos por subjetividades subjugadas. Estes, imbricados, no sentido molar, com o Estado em suas definições de políticas estatais a todo canto vendida como pública, definindo processos de subjetivações impostos.

## . Lugar

- Externalidade do existir na vertical de Si

Ao externar diante dos avaliadores do concurso a posição política que sustenta o fazer que se tem, livra-se de escutas posteriores sobre atos omitidos quando da chegada, como se o dizer e o fazer diferissem das tomadas de atitudes assumidas a *posteriori* à entrada. Sabem desses modos de ser e as tentativas cotidianas de levar adiante as posições constitutivas estando ainda do lado de fora. Ao ser aprovado, exhibe por inteiro as posições ditas e explicitadas ali para a avaliação diante da banca em seu exercício de plenos poderes.

Elege a espacialidade – territorialidade – lugar engendrando processos de subjetivações para que o estar inserido evidencie o processo de potencialização e invenção de modos existenciais, ou mesmo deixe às claras capturas capitalísticas que despotencializam a inventividade, apontando os mapas dos passos já pensados e traçados: assujeitados. São vários os percursos possíveis ao estar ocupando aquele lugar: uma caminhada rumo a uma aposentadoria que os horizontes alargados fazem vislumbrar; o preparar a Si para a chegada da terceira idade com casa e proteção adequada a arrastar passos medidos de um corpo tornado titubeante; o deixar nas gavetas trancafiadas imagens e rastros de lugares entrelaçados de Si feitos para se chegar; intensificar a cada mudança de passo como que medindo o lugar no dizer e no fazer. Desrretorializar numa verticalidade de Si nas artes de criações vívidas enquanto sendo o que De Certeau (2008, p. 202) denomina de “*espaço como lugar praticado*”.

Ao se decidir pelo deslocamento, pela espacialidade, alguns fatores são relevantes para essa decisão. Com toda a repressão ainda presente nas relações de

poder de uma IEF, a possibilidade clarividente de uma posição e de ideias sem que haja represália com relação ao emprego, de não ser mandado embora porque discorda do coordenador, do chefe e tudo o mais. Ter uma construção epistemológica dentro do materialismo histórico dialético e pautar nela como referência para uma prática docente, de supervisor e de vida, pode vir a ser determinante para se decidir deslocar para o sertão mineiro.

Atuar nas dobras e desdobramentos das relações empreendidas na espacialidade praticada de um lugar. Mesmo que para alguns seja o trabalho a fonte de sobrevivência a lhe prover os meios para tal, os enfrentamentos de poderes estabelecidos e praticados ampliam consideravelmente as limites de se estar tão somente em busca das satisfações das necessidades em escalas de preferências. Um todo opera nas mais diversificadas formas dos processos de ocupação empreendidos nas interpelações cotidianas.

As passagens pelas faculdades particulares podem ser vislumbradas como uma antessala para o conhecimento tácito de como se dão as manifestações de poderes nas universidades brasileiras até que se chegue a uma IFE. Ao chegar e expor na externalidade de constituir junto aos pares no mesmo trilho, percebe que as passagens outras foram apenas anúncios brandos dos enfrentamentos vívidos nos Conselhos Escolares: pequena medida de efeito a reverberar intenso. Envolver por dentro, em passos medidos no lugar praticado e transitar pelas maneiras de se compor aproximações com o Governo Federal, o alinhar a ele ao cumprir uma programação imposta. A subserviência dos ocupantes das instâncias decisórias em comandos dos aceites as ofertas do Governo que em muito se pode diferir das posições assumidas quando se propõe privilegiar as práticas educativas nos

processos que se espera de transformação frente à realidade que força os muros ao redor.

Estar no cargo de direção dentro da estrutura de comando de uma instituição de ensino universitário público faz diferir as relações de poderes. As pessoas, alguns grupos, passam a dispensar tratamentos diferenciados sob a égide do ser diretor em que está nas práticas ali efetivadas. Ao assumir na função um posicionamento sustentado na criticidade que destoe do consenso costurado, na ausência de debates elucidativos de posições e opiniões diversas, pode deixar de ter aprovações por voto no sistema metade mais um. Acostumar com as derrotas constantes nas votações cuja vitória evidencia fato raro da expressividade destoante naquele lugar.

Valer da função assumida para a lida no cotidiano de hábitos com suas normas e imposições e, a cada passo de avanço, mesmo que em recuo, poder alterar as regras rígidas, quase régias. Desgasta nos embates com os estafes hierárquicos impostos a serem destituídos de suas superioridades ofertadas. Conquistas havidas podem não transformar um todo sonhado, caminha nas tessituras para alinhar processos mais amplos, transformadores, como as votações de praxe que passam a ser paritárias em todas as instâncias. Vitória acumulada para o campus em construção da universidade que tem inovador o novo processo de votação, doravante em regime de paridade, a envolver toda a comunidade acadêmica: docentes, estudantes e demais servidores públicos. Todos votam em todos.

Novamente o aproximar de Massey & Keynes (2008) ao pensar o uso do espaço não restrito a um processo evolutivo, e sim como devir autônomo singular dos praticantes daquele em seus atos empreendidos numa estética gestual nessa praticidade, em movimentos políticos das relações vívidas definindo no provisório de uma ética em imbricação do pensar, dizer, fazer. Prática constitutiva ao romperem

com as orientações repassadas pelos detentores de um certo poder central que os coloca ali, naquele espaço, território, lugar. Rompimento de limites padronizadores, alongamentos em transposições limiares em modos experienciais outros em que se desenha o forjar nas conexões rizomáticas em inesperadas e surpreendentes erupções. Na intensidade “ *muito mais dos contextos e interações do que as filiações e as sucessões*” indica Haesbaert (2006) para quem encontra, em Deleuze (apud. ib. idem, p. 111), a força em que “ *devires pertencem à geografia, são orientações, direções, entradas e saídas*”, em multiplicidades, acrescenta.

Desgasta fisicamente no processo de embates com reitoria, pró-reitorias, mas, ao assumir a aspereza da presidência de uma comissão com a função de definir o processo eleitoral a ser praticado ali pode expor em posição única, como que isolada por destoante, a exigir uma reflexão ampla pois difere. Transforma todo um processo no substituir os fazeres exigidos porquanto não se articulam: ou se faz gestão, ou se prepara aula e a expande nas atividades de extensão. Questões profissionais que conflitam ao se vislumbrar horizontes alargados e que se vai tecendo ali, naquelas relações que impedem a inseparabilidade do fazer pesquisa, ensino e extensão. Ocorre uma mesmice de um único decidindo o repetitivo cerimonial naturalizado como o que deve nortear as relações de práticas percebidas como novas, mesmo que exangue de invenções.

O lugar ocupado na provisoriedade de estar atuando no local de trabalho permite o perceber apropriar das ofertas que a aspereza em suas fendas ou a impermeabilidade da cobertura uniforme fazem de uma inexistente superfície uma vez que frágil e quebradiça a engolir o caminhante. Descobre processos em percursos ali, na travessia a varejo, passo a passo, metro a metro, em um aproximar e distender do horizonte muitas vezes distorcido pela abrangência envolta, a

quentura do sertão, luminosa, a cegar o lugar apropriado em que se verticaliza ao trilhá-lo na insistente radicalidade para que o diferente se manifeste. O que faz avançar passos dados nas incertezas a serem provocadas por aquele caminhar no pulso de se vencer o percurso iniciado. De entrada e com as pegadas-guia apagadas pela poeira que sobe. A absorver, envolvendo a todos.

Talvez paire na poeira levantada o questionar individual sobre o que faz de Si no processo de inter-relações ao propor ser docente. Junto a uma problematização constante do processo constitutivo, está em enfrentamentos concomitantes com aquele no qual fazem as relações em lugares apoderados e demarcados a serem despersonalizados, para que sua prática se processe em ocupações passageiras dadas pelo fazer em detrimento de definições temporais na fixidez dos seus ocupantes. Embates que acabam por adoecer as relações a serem empreendidas como intensificadoras dos modos de vida naquelas travessias.

Desvela o cru em que “*o corpo funciona sem levar as convenções, as regras, em consideração*” (Gros, 2010, p.136) na poeira levantada e que oblitera certas paisagens existentes nos esqueletos dos prédios em construção. Percebe rente a Si, na primitividade da terra remoída, como que se o amparo em títulos acadêmicos fosse o motor da praticidade requerida. Diferem. Nada é artificial na des-re-territorialidade incômoda que ousa transitar.

Assume a direção do percurso sem ainda o acúmulo de viagens empreendidas em somas de plataformas em descobertas de mundos, mas direciona para o desvelar de encobrimentos de modos de ser outros não previstos nos projetos de ampliação de um sistema de ensino com seus pórticos ditados instalados no sertão aqui e acolá. Descubrem modos no falar, fazendo ouvir o não previsto; no ouvir das réplicas sempre amparadas pelo Estado definidor do projeto e gestor dos modos de

ser; nos apertos de mãos companheiras ou de maioria inimiga como se inimigo fosse pelas ações postas. Aprendizados de escuta e silêncios, de caminhadas ao lado ou junto a trilhar direções que negam o percurso ao rumo apontado, a desvelar intensidades coletivizadas a serem praticados ali adiante em aproximações e recuos, na inventividade de cada pedaço do campo de ação.

Para além de se tornar um marxista de gabinete, tem uma ação por dentro. De dentro implodir para fora todo o processo vívido em cada encontro dos desejados intensos na inventividade construtiva de Si. De outros, desprezados por deixarem à mostra as destrutividades mútuas.

Tem dificuldade e quase luta consigo mesmo ao lançar-se a uma prática de Si. Como que em um ascetismo foucaultiano que coloca o docente se constituindo em uma cotidianidade a lhe exigir modos de fazer que se processam ali na intensidade das conexões que constituem a transitividade da espacialidade que habita, no lugar ocupado em provisoriedade da ação e em que se constrói a IFE.

Ecoa a voz emprestada para o embate no campo de batalha, as vozes de muitos há muito omitidas e seguindo o mesmo modo na imposição da mordança representativa, *“transformadas linguagens mudas do mercado”*(Baptista, 2009, p. 96). Entoar em voz dos que acreditam que ainda persiste para a universidade modos de fazer educação para um século em curso, deixando para trás, no caminho percorrido, teses e defesas já superadas de um fracasso escolar despolitizado; de uma carência cultural reverberada em audíveis fazeres educacionais outros; da quebra da indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão; do desprezo oficial pelo ensino universitário noturno implantado e negado na fonte como potente, relegando-o ao segundo lugar frente aos cursos diurnos de estudantes vestidos de branco. Nesse emaranhado de urdiduras oficiais contra o emergir de uma IFE que espera

suplante o mesmo pelas lutas empreendidas nos campos de batalhas os mais diversos. Ser singular por diferir na formação reclamada a levar adiante a educação em todas as suas instâncias. Enfrenta mais de trinta docentes de formação tecnicista como “lobos em pele de cordeiro” à espreita de fazerem a seus modos a universidade pública fincada no Vale do Jequitinhonha em reprodução dos modelos importados

Dos embates amplificadores das vozes silenciadas, aquele sobre a implantação de um Bacharelado Interdisciplinar de Humanidades pode ser percebido como o mais efetivo já que brotado da constituição de Si no percurso do caminho da formação docente externada. Tem a sensação de que o Ensino Médio de uma Escola Pública aqui ou acolá pode oferecer formação mais rica para os cursistas do que as formações pretendidas e propostas nos projetos de Bacharelados de Humanidades em curso no ensino noturno das IFE, como projetos de ampliação do ensino universitário do país.

Vive ali a emergência de Si tomada na prática da experiência cotidiana compartilhada nos embates travados, nos deslocamentos forjados pelas travessias por vezes estressantes e exigentes em demasia, pesando no corpo de excessos, barroco em suas dobras múltiplas que se deslocam pelo milhar de quilômetros entre Sampa e o Jequitinhonha. Como ao se sentir quilométrica e aturdida a travessia no arrastar do peso absorvido da sala de reuniões ao gabinete de trabalho, lugar definido para estudos e um pensar solitário.

Os excessos acumulados vão desenhando o caminhar. Tem uma travessia outra. Acumular possibilidades em mudanças de rumo, invenções de atalhos, definições de planos de viagens impensados no início, leves e sem acúmulos que pesam, apenas o considerado estratégico. Urge volume sem peso, considerável em

que se constitui um atravessamento transformador dos modos de Si na prática empreendida. Sente-se criança posta no caminhar, amedrontada com os monstros fantasiados da floresta densa, com as indecisões das encruzilhadas várias a fazerem o caminho. Menino lançado aos ferozes leões nas arenas das IFE.

Vencida a etapa de gestão frente a direção e ao olhar o caminho percorrido, mira opções de escolhas impensadas emergidas no calor do embate. O olhar a *posteriori* antes de se completar a reta, na entrada da longa curva adiante, não nutre a intensidade da opção a ser decidida na intensidade do caminhar por um dos atalhos oferecidos em contraponto ao largo de fluxos uniformes. Estando vívido no percurso que dá a experiência de forjar, do constituir intelectual docente: no decidir o rumo; no expressar da verdade; no desvelar os não ditos omitidos em modos de ser, em dizeres e fazeres que diferem e ferem.

Percebe, com uma certa satisfação pelo processo em curso, que o operar os lugares oferecidos por uma IFE é o continuar um percurso de se tornar docente instado desde a infância. Ao ter um pai docente e conhecer a estrutura de laboratórios que o SENAI oferece para as aulas, vislumbra o fazer ciência. Têm laboratórios em cada sala de aula como que instigando a curiosidade do menino atento aos fazeres do pai. Aqueles armários como que gigantesco com suas inúmeras gavetas e seus materiais químicos para as experiências fascinam. O universo da ciência provoca deleite ao ser apreciado a olhos fixos, se praticada em sala de aula ou em um laboratório é ainda mais cativante.

Ao se ter um universo familiar em que pai, tios e outros são professores, vai-se apegando, desde as primeiras descobertas além quarto de dormir, à possibilidade de tornar docente. Mesmo não sendo professora, a mãe propicia condições para todo mundo ser, como que em uma lida pedagógica no cotidiano, no cuidado

dispensado a todos para a dedicação às ciências, aguçando a curiosidade, garantindo o contato com os bichos e diferenciadas situações e conhecimentos.

Ao ingressar na graduação, as oportunidades de tornar monitor e nas chances surgidas de substituir um professor, ou dividir as aulas de uma turma com ele, é algo que fortalece o percurso. Já no primeiro ano do curso, as primeiras experiências efetivas em sala de aula, como docente iniciante.

Como as possibilidades levam ao caminho do ser docente, logo se encontra ocupando o lugar sala de aula, em abandono a outras oportunidades que talvez satisfizessem a todo e qualquer adolescente: tornar de fato um jogador no país do futebol. Segue firme no propósito de constituir um intelectual docente.

Os contatos diversificados com as ciências e a prática de interesses múltiplos nas diferentes áreas dos saberes amplia o espectro de possibilidades quando de um concurso para ingresso numa IFE.

Ao chegar e assumir funções de gestão concomitante com os fazeres de sala de aula, tem interferências nos modos planejados de ser docente. Rompem construções prévias em modelos-padrão do que fazer naquele lugar, implodidas pela experiência da gestão vívida na expressividade em sala de aulas.

A gestão permite uma maior materialização do conjunto de ações políticas e leituras sobre ideologias, preconceitos, relações entre indivíduos, formação do psiquismo para além do apreendido num curso de ciências humanas e sociais. Entende mais claramente os aspectos das construções num jogo político engendrado em que as relações de poderes se evidenciam talvez pelos aspectos de representações sociais que se fazem de determinada área de saber, desprezando as possibilidades de construções em reformulações dadas nos encontros dessa com tantas outras áreas de saberes diversos importantes para o processo de formação

acadêmica. Ter que estar subsumido a uma disciplina médica em detrimento de uma disciplina da sociologia, psicologia ou antropologia é algo que passa a ser desvelado como *modus operandi* ao se conhecer via gestão os percursos a que levam essas posturas, tanto a submissa quanto a sobreposta.

Com um imbricado engajamento no processo de expansão universitária, esse intelectual docente, ao ter a Si envolvido na gestão acadêmica como condição de permanência na IFE, no ainda não campus em construção, opera desejos manifestos e latentes de seus pares como que em um socrático interpelar todo mundo, em um cuidar de Si e de outros tantos que creem, para verem erguido os prédios e talvez mais intensamente para terem emergido ali modos de ser diferenciados, que lhes propiciem experiências ainda não classificadas ou nomeáveis por singularidades. Emerge talvez um intelectual que difere em desvios no constituir na prática de Si no lugar em trânsito construindo, uma vez que espaço praticado a partir das relações constitutivas.

Que as aulas ganhem com a experiência de gestão acadêmica o que se torna possível com o estreitamento de diálogos professor aluno, em que os acontecimentos cotidianos, ali do lado de fora da sala de aula, bem como os de acolá, na Grécia e outros países Europeus em crise financeira a influenciar as atividades daquela sala de aula. Relacionam a vida cotidiana com os eventos da universidade, a política partidária brasileira, com os países em crises, com as relações de violência social e que todas se articulam ali, naquela e tantas outras aulas. Aprende-se reciprocamente para além do cumprimento do conteúdo programático em tela na disciplina. Intensifica-se o processo epistemológico trazido pela gestão ao trabalhar com os estudantes, das formas mais amplas possíveis, o

incômodo em relação ao mundo, ao país, ao Estado e ao sertão do Vale do Jequitinhonha nas terras dos diamantes de outrora.

Nas margens, em bordas criadas nas relações de construção da IFE em expansão e da constituição docente no cotidiano ali, tem-se a iniciativa privada trazida para dentro do campus. Contratada para mediar a elaboração de projetos de gestão bem como para sua avaliação em substituição a CPA – Comissão Própria de Avaliação e sem considerar o trabalho dessa Comissão já existente, essas empresas investidas de neutralidade não se afetam pelo cotidiano acadêmico em processo e se dizem na tentativa de contribuir com o mesmo a partir dos registros documentais para se cumprir orientações de Brasília. Na esteira do produtivismo acadêmico em voga, os questionários dirigidos querem apurar níveis de satisfação a partir dos financiamentos obtidos junto ao Governo Federal como que para abrandar as audíveis ações reivindicatórias de demandas latentes a perpassarem cada relação tida. Que registrem nos quadros informativos os percentuais de pesquisa, de extensão e de artigos publicados *per capita*, as insatisfações de cada docente que chega para a construção que se efetiva no campus muitas vezes sem aparatos, incluindo aqueles de moradias para Si.

A contratação de empresas privadas para a execução da avaliação institucional, como se a mesma pudesse ocorrer alheia aos embates constantes que permeiam as relações docentes com ou sem as funções gratificadas de gestão, incluídas as atividades de ensino – pesquisa – extensão. Tríade já relegada à míngua de recursos financeiros, de estrutura e de pessoal para sua execução, bem como sendo submetidos a entraves burocráticos desenhando talvez o que Rocha & Rocha (2004) denominam como mercantilização do ensino superior, como se vigorasse o apontado como sendo o reinado da mercadoria.

Essa ação privatizada adentra a IFE conduzida por *slogans* da neutralidade e isenção como que a gerar confiabilidade na avaliação feita mesmo sendo operada em total descompasso com as relações aos posicionamentos estabelecidos naquela espacialidade praticada. Operam-se em curso processos de estruturação arquitetônica e de gestão e de constituição dos fazeres em intensidades para que a instituição de ensino tenha uma cara para então ser posta em avaliação, esta, a ser executada pelos docentes implicados, seus próprios executores cotidianos. Vê-se na privatização do processo de avaliação institucional o apontado por Rocha & Rocha (op. cit.) em que a “*ordem técnico-gerencial*” opera “*em detrimento do político-pedagógico*”.

Como que lançados às ruínas do novo no campus em construção, os docentes se enfrentam entre si para perceberem a Si nas relações empoeiradas e na disputa cotidiana para o uso do equipamento multimídia, na definição do norte teórico-metodológico a compor as ações educacionais dos processos de formação nos cursos abertos a toda uma população locorregional. Evidências de uma política expansionista com seus fluxos capitalísticos aportados na educação do ensino superior brasileiro, por exemplo, com a exploração da mão de obra via a precarização do trabalho docente ou na inviabilização de um plano de carreira, reivindicações postas no campo de batalha de greve em greve, em crescente adesão maciça.

Emergem as mais diversificadas e distintas cenas cotidianas de repulsas e atrações que forjam as práticas em experiências de poderes nos lugares ocupados e a se desenharem na IFE. Exacerbam manifestações de conflitos pela disputa e prática do poder atrelado a uma função de gestão para se fixar arquitetonicamente a IFE, como explodem ânimos nas experiências de tornar docente no lugar em que

tudo está para se fazer no plano das edificações e na emergência das relações, desde o uso de equipamento para o implemento de uma aula como nas discussões para elaborações das ementas das disciplinas a comporem o desenho de uma matriz curricular sonhada e possível de se efetivar ali. Animam-se os ânimos que tendem para as raias de fato do dedo em riste, eleva-se o volume das vozes a extrapolar a arquitetura precária da sala de reuniões; acusações mútuas em temperamentos diversos destemperados pelo calor do sertão instauram processos administrativos para se apurarem culpas e culpados pela agressividade constitutiva e sustentada no vislumbrar e avistar estar na imensidão do espaço. Diante do contraponto de se estar ali em uma IFE inexistente aos olhos que procuram, que carece ser feita descolada do papel vegetal e do desenho multicolor do projeto contrastante com o monocromático do empoeiramento cotidiano do campus. Desconhece volume tão grande de acusações mútuas e inquirições administrativas talvez como que expressão prática ao já apontado por Rocha & Rocha (ib. idem.) frente às políticas de mudanças na educação universitária sendo traçada e trazendo a *“produtividade, a competência, a autonomia, a competitividade como palavras de ordem no mercado de saberes gerando isolamento, fragmentação e tédio no cotidiano das práticas acadêmicas”*. Acrescentam-se processos de judicialização das relações docentes com seus pares na implantação de inúmeros processos administrativos, tendo como palco as reuniões que se acumulam no cotidiano.

Lá fora, os prédios se erguem em ritmo acelerado e no gigantismo do aparato burocrático que se espera. Na arquitetura em construção, os esqueletos dos edifícios nos quais não se sabe do existir que ali se processa. São constituições de Si que processam intensas na prática da experiência espacial. Podem ser

percebidos como réplicas da era de um realismo socialista em construções gigantescas, quadradas e imponentes como se Stálin estivesse por ali.

Talvez abriguem a obrigatoriedade imposta pelo MEC da proporção de dezoito alunos por docente em que turmas se compõem de cento e vinte estudantes na busca do atingimento de metas, em duas entradas anuais na IFE em expansão democrática. Que trabalho acadêmico é possível desenvolver em uma turma de cento e vinte alunos?

Estar em Diamantina cercada por morros de formação é travar a luta da coexistência de trajetórias relativamente independentes e autônomas na esfera do encontro possibilitado pelo lugar ocupado, ampliado no já apontado por Massey (op. cit.) ao dizer do espaço como produto das *“dificuldades e complexidades, dos entrelaçamentos e dos não entrelaçamentos de relações, desde o inimaginável cósmico até o infinitamente pequeno”*.

O lugar, emergido dessas mesmas inter-relações na espacialidade ao se ter um certo paroquialismo local debatido, a nutrir essas relações ali naquela especificidade, com um certo *“sentido global de lugar”*, ainda em Massey.

Novas e diferenciadas trajetórias produzidas na potencialidade eruptiva do lugar, expressão das relações existentes, mutáveis, em constante devir. Potencial de capacidades produzidas a partir do encontro e práticas de relações de poderes que emergem dessa mesma prática.

Pode-se pensar nos desenraizamentos a um lugar mesmo nele estando como apenas e tão somente na prática de atividades passageiras e pronto, não se cogitam mudanças. Mesmo se tendo experiências proveitosas, ricas na forma de entender a vida mesmo ao ministrar aulas no Jequitinhonha inicialmente, pode nem pensar em fixar ali. A primeira chegada ao Vale se processa pela cidade de Minas Novas em

uma estrutura de aulas condensadas em uma semana quando as mesmas sessenta horas da disciplina se estendem por todo um semestre letivo. Nessas condições de condensamento, são de dez a doze horas por dia de aulas, coisa criminosa, sendo a única condição oferecida para um grupo de professores leigos se adequarem à lei.

No contraste, estar no Vale do Jequitinhonha vindo da região mais rica do país, em que os dados oficiais apontam como a maior renda per capita atingindo de sete a oito mil reais por habitante; média de quase dois carros por habitante; onde se tem a maior relação de doutor de formação acadêmica por habitante. Estar em São Carlos, interior de São Paulo, rodeado por Araraquara, Rio Claro, Ribeirão Preto: encontra o centro. Existe lá uma série de coisas que não condizem com o que se vê aqui. Até mesmo a forma de se comunicar fica exigindo adequações verbais, gestuais e de contatos os mais diversificados para que se estabeleça o mínimo de entendimento, para deixar o ponto em que fala e não é entendido, ouve mas não sabe decifrar o dito.

Rememorar as ruas assépticas de fluxo contínuo, fácil, e sinalização farta das urbes ricas do interior de São Paulo, como origem, e estar aqui no sertão, em urbes de ruas de pedras disformes provocadoras do fora, do salto benjaminiano por se estar em constante desequilíbrio, em passos trôpegos em ladeiras e becos centenários de Diamantina, em que a pressa se esvai e a atenção redobra a cada movimento corpóreo. Há um desconforto no caminhar nas ladeiras íngremes, nas palavras ditas, nas lembranças da memória acionada e que constituem o estar aqui na prática cotidiana, sem o tempo, apenas o trânsito a ditar a permanência ou a próxima partida.

Na estrutura de ensino e de aprendizagem proposto em *overdose*, há apenas um final de semana para fazer entender no sertão. Inventar com relação ao

entendimento das relações pedagógicas, avaliações e tudo o mais. Constrói em desgastes de um cotidiano outro.

Na intensidade de uma abertura do mundo que descortina, no desvelar de possibilidades de relações antes jamais imaginadas constituir, fixado na parte rica do Sudeste. Ao deslocar e estar no totalmente diverso do até então dominado e a dominar cada ação, resta tão somente a invenção em um novo modo. A expressão verbal é apenas uma das invenções exigidas para aquele cotidiano de relação de ensino e de aprendizagem. O estar em sala de aula é de um lugar praticado em uma intensificação que o diferenciado exige, sem se averiguar que acúmulos de passagens se trazem para aquela prática suscitada ali.

Como na intensidade do campus universitário em construção e das relações possíveis ao ocupar uma função de direção colegiada, o estar na sala de aula em Conceição do Mato Dentro, no Vale do Jequitinhonha, exige o transitar como nas caminhadas pelas cidades nos passos de De Certeau (2008, p.169-175). Aproveita o ocaso do domingo em passadas pelas ruas silenciosas e coloridas da urbe. Ouvir as pessoas, olhar os pontos dispersos e diversos na composição dos desenhos urbanos, perceber o nome da rua a homenagear alguém do lugar, determinantes sócio-econômicos nas fachadas das casas rentes ao meio fio divisor ou afastadas por imponentes gradis, ler os avisos de festas locais, perceber modos de brincar, rir e se comunicar nas posturas postas a fitar cada transeunte em silêncio vigia. Imagens a serem trazidas para a sala de aula nos modos de ser no ambiente instituído de educação formal. Aproximação feita nas andanças pelas ruas e becos encontram-se mais próximas no lugar de expressão da sala de aula.

A agudez da percepção do outro definindo a posição política epistemológica do docente. Nos processos pedagógicos sem a pretensão de pedagogizar a vida, o

embate no encontro com o outro fica mais límpido, sem a obrigatoriedade do ser único na intensidade do diverso. Vem para o Jequitinhonha para lidar com o mundo que difere por ser em experiências diferentes. Abre para possibilidades a partir da espacialidade praticada nos caminhos que fazem chegar ao “*Jequi*”. Expansão e abertura.

O docente que chega eleva expectativas ao forasteiro nas terras do nordeste mineiro. Observado o trânsito na passagem das aulas, nos passeios pela urbe, na maneira de trazer esse mundo ampliado para a sala de aula em que, também, docentes em formação buscam apropriarem de modos outros de avistarem horizonte pela incitação em limiares da porta descerrada em detrimento do enquadramento tido da meia abertura da janela no debruçar contemplativo. Sem receituário trazido, mas na intensidade despertada nos modos de ser ali, no Vale do Jequitinhonha e também no Mucuri.

Com o que traz sem acúmulos na bagagem, as experiências no sertão são imbricadas. Estar em sala de aula ou nas ruas da urbe, ou nos escritos de uma publicação se costura no epistemológico ampliado para o modo de vida a que se propõe e se põe a experienciar. O ser intenso articula na sala de aula e fora dela, lê o mundo pelo viés científico que se assume na invenção de outros modos de vida. Estabelecem relações mediadas pela alteridade para que o outro, docente, estudante ou técnico administrativo da IFE seja percebido na relação e em potentes processos de se constituírem como indivíduos em cada lugar do Jequitinhonha.

Ouve, na constância do cotidiano diamantinense, a alcunha de forasteiro. Impregnado nos tratos da expansão das terras em que Chica da Silva acolhida se encolhia diante dos muitos vindos em curiosidade com a negra rica, postos a correr para fora dos limites até aonde avista, pelo amante autoridade local. Ou nas

caravanas dos tropeiros nas idas e vindas junto ao Mercado, para ali deixar especiarias vendidas a peso de ouro e diamantes. A urbe tem cravada em suas ruas a história construída no trânsito e passagens dos forasteiros com que se impregnam codinomes docentes intelectuais, estudantes e outros mais. Aos olhos da urbe regida por tradicionais famílias mineiras a universidade não é bem vista.

A cidade e todas as outras do arredor se transformam com a construção de um campus da IFE. Há um acréscimo de alguns milhares de pessoas a comporem um cenário turístico em fazeres decadentes. Outros modos de vida são incorporados ao cotidiano de visitantes de finais de semana e feriados prolongados. As terras exploradas para a extração dos diamantes levados junto com a melhoria da qualidade de vida local começa a receber de volta o minério arrancado. Transforma em cidade polo do Alto e Médio Vale do Jequitinhonha, assanha na acolhida dos forasteiros indesejados a lhes derramar consumos na rotina citadina, cotidianamente. Praticar essa espacialidade da urbe, em seu sobe e desce de ladeiras centenárias, de manifestações culturais as mais diversas e de paisagens naturais em cenários desérticos a abrigarem deleitosas miragens.

Aos que chegam e querem ficar, falta a estrutura deixada na espacialidade paulista. A prática aqui difere, os acúmulos são na necessidade que move os moradores em suas atividades cotidianas de uma confiabilidade à moda mineira, sem pressa. As portas das casas ainda divisam a calçada remetendo os moradores direto ao burburinho do trânsito da urbe que passa a incorporá-los. Na falta de operadores de serviços requisitados nas metrópoles, a sobra da hospitalidade e do tratamento aproximado nos modos de ser por essas bandas das Gerais.

Dos cursos já no novo campus em construção, o de Medicina autorizado forjará a chegada de novas levas de garimpeiros do século XXI para a lapidação de

mentes. Ao fetiche com o novo, a transformação da cidade das serestas e cantigas amenas noite adentro. Efervescência a afetar a todos, autóctones e forasteiros, os fixos e moventes, os que permanecem e os que vieram só olhar, “*gente a sorrir e a chorar* (Nascimento e Brant, 2012)” no chegar e partir imposto com as construções arquitetônicas aparentes e outras tantas de indivíduos em desenhos diversos dos modos de ser no sertão do Vale do Jequitinhonha.

Que o calor do verão e as baixas temperaturas intensas na imensidão quase desértica do Vale deflagrem experiências sem a monotonia uniforme do calor e o voltar a Si do inverno gélido. Que as violas do povo do Vale ecoem a movimentar os corpos em ações inventivas no trânsito pela urbe bem como no ainda empoeirado canteiro de obras que se constituem os campi de trânsito intenso nas salas, gabinetes em encontros os mais diversos.

O intelectual docente se forja ali, no caminhar desequilibrado de uma rua de pedras disformes, de pressa adiada, de cumprimentos contínuos como se próximo em parentesco fosse a frequentar a casa. Possibilidades em modos de ser, já desfeitos do frenesi das capitais, em invenções cotidianas de uma lida a impor ritmo outro para os passos apressados, para os encontros marcados e praticados entre os docentes chegados até que se fortaleçam laços outros com os sertanejos de nascimento. Laços em feitura com a chegada do primeiro filho do casal dos intelectuais docentes forasteiros amineirados.

## V – Ligação

No aguardo na plataforma para a viagem de trem, tem-se a imagem dos pátios das estações, formas emaranhadas de trilhos que se tocam, conectam, formam paralelas próximas para irem se distanciando aos poucos ocupando a área toda, formando, ao alargarem, o caminho em suas bitolas que ligam a percursos díspares. Como rizomas brotados da terra, têm essa oferta do diverso aos olhos que pensam o derradeiro apito do embarque como auxílio na decisão tomada de ficar ou partir. Decide-se embarcar ou permanecer, duvida uma vez mais qual rumo seguir. O gesto em toque sutil e preciso do guarda – chave ali no meio da fumaça e do barulho do atrito do aço da roda com o deslizar no trilho ou nas salas refrigeradas de controle dos painéis de monitoramento informatizado, altera o percurso da locomotiva potente a arrastar seus vagões de cargas pesadas entre os quais os de passageiros. Incide percursos diversos ao leve toque em anúncios do último apito do trem na plataforma.

Está em Tombos, Três Corações, Cambuquira, Petrópolis, Maringá, Muriaé ou Ubá. Tem ainda Viçosa, Tocantins, Antônio Prado de Minas até a chegada a Teófilo Otoni ou Diamantina. A Estação da Luz, em São Paulo, transformada e tendo anexo o Museu da Língua Portuguesa não perde a imponência megalômana do emaranhado de aço, do piso ao teto, a emoldurar vitrais permissivos da luz incidental. No Rio de Janeiro, a da Leopoldina antecede, na sequência de tantas outras de paradas rápidas passando pela de Deodoro e na multicolor Estação Primeira da Mangueira, a culminância na Central do Brasil em desembarques e embarques apressados em liames de inaudíveis burburinhos na dissolvência de cores e corpos meio a multidão apressada. Ainda persiste em BH a Praça da Estação, ponto de convergência como encontros em *“apoteose no enquadramento das fileiras de ruas”* (Benjamin, 2007, p. 64), antes da tomada do trem de passageiro que liga Belo

Horizonte a Vitória em que se embarca numa travessia longa de percurso certo a avistar as cidades cortadas de ângulo diverso, chega pelo avesso nos quintais e portas da cozinha aos olhos atentos e acenos tímidos dos embarcados.

No arredor da estação rodoferroviária, um ciclista interpela aqueles passos rumo ao embarque. Em desencontro do lugar agendado, fez questão de forjar o encontro mesmo que ali no entra e sai, num vai e vem a adiar a despedida.

Dialogam:

- Trabalho essa questão da viagem, do deslocamento como processo constitutivo da pessoa. Defendo que esse deslocar no caso para ser docente é um ato constitutivo, processo de subjetivação, de um certo cuidado de Si. Sobre sua viagem até o nordeste mineiro.

- Passei habitante no Vale trabalhando com educação popular no Baixo Jequitinhonha: Almenara, Rubim e cidades próximas. A dificuldade maior é estar aqui distante das possibilidades conhecidas e de domínio, brincamos que é um ponto longínquo, equidistante de todos os pontos. Isso implica uma dificuldade em participação em qualquer evento científico. Angustia pensar em sair para qualificação. A limitação da universidade que ainda está se construindo impossibilita uma situação maior de conforto. O fato de estar muito distante de tudo alimenta a decisão de muitos de saírem, é um movimento constante, muita gente chegando, muita gente saindo para suas cidades-origem, buscando universidades mais consolidadas.

- Aqui tá muito agitado, você está sentindo.

- Vamos ficar mais ali.

- Essa decisão de vir para cá, como ela afetou você deixar BH e vir para o Mucuri?

- Naquele ritmo de trabalho de professor do ensino médio e superior privado é bastante desgastante não estar estabilizado numa IFE. Pensar em qualificar e ter uma melhor qualidade de vida fez vir para cá. Num ritmo de três colégios e duas faculdades privadas é impossível pensar em qualidade profissional, em prazer naquilo que se faz. O Mucuri é uma região na qual se transita bem.

Há uma linha da metade do Estado de Minas para cima que se assemelha ao nordeste brasileiro em que falta pesquisa, faltam propostas educacionais em instituições de respeito, está muito atrofiado e é desconhecido do resto do Brasil. Pensei em ser aqui, ter uma nova universidade diante da inexistência de algo consolidado, vim “*sem dinheiro no bolso e parentes importantes*”.

Difícil definir de onde se é, por vezes sente-se muito estranho no lugar onde nasce. Sinto a vontade mais aqui, do que na terra de origem. A decisão de ser professor está ligada à possibilidade de estar onde poucos querem estar. Desde a graduação em São Paulo decidi não estar ali depois de formado, nem em outra capital. No processo formativo é fundamental e me ajuda, a área da filosofia me exige isso, ter o diverso, a diferença no cotidiano. O distinto simpatiza. Desde a periferia de São Paulo aos adolescentes da região do Mucuri, essa diversidade cultural e de visão do mundo em perspectivas orienta o saber fazer. Os estudantes, “forças em presença” que aqui chegam, estão em início da ruptura com o berço familiar, a maioria é daqui do Vale mesmo, isso mobiliza o estar em sala de aula. O processo de saída, a passagem dos estudantes pela universidade para alcançarem o mundo responsabiliza estar na sala acompanhando junto as aberturas ou os fechamentos de horizontes. A dúvida entre o ambiente confortável da casa e a instabilidade suscitadora da insegurança de estar longe.

- Que registro em uma cena do tornar docente está presente no percurso do constituir docente?

- Tem uma não, têm várias. Uma passagem de experiência na igreja, com as pastorais na linguagem eclesial. A maioria das pessoas que me influenciaram eram das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), eram mais combativas, mais à esquerda. Teve uma professora em uma cena especial que disse: - Precisa estudar mais, preocupar com o rigor do conhecimento, da ciência e sua articulação e de como esse saber pode contribuir com as lutas populares. Transita pelo paradoxo da articulação da ciência com os desejos da população, garantia da “*coincidência entre o dizer e o fazer*” (Adorno, 2004, p. 62).

O conselho dela: - estudar de uma forma que o estudo pudesse contribuir com uma melhoria na qualidade de vida minha e das pessoas com as quais interagisse. Quis ser professor. Entender isso como espaço formativo e político e não meramente formal e acadêmico.

A maioria se sente mais tranquila no grande centro, sem julgamentos morais, mas estar aqui é uma possibilidade de articular o que Paulo Freire falava de ensinar a ler e ensinar a ler o mundo.

- Com essas leituras que ensina e aprende, sente constituir um intelectual?

- Fez lembrar o Eduardo Galeano. Fizeram essa pergunta para ele, que reagiu e disse: - jamais quero ser intelectual, uma figura redonda, que fica girando em torno dele mesmo, só tem cérebro, não tem afeto, nem sexo. Essa figura dita pelo Galeano jamais querer ser. Já Gramsci entende o intelectual como estudioso e engajado, com esse transita. O intelectual e ativista está mais para intelectual do que para ativista, fazer disso um esforço de ser mais que apenas um cérebro, alguém

que sabe que sua ação vai para além da sala de aula. Tem Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Paulo Freire. Com esses dialoga.

- Traz uma postura de em qual intelectual está se constituindo? Tenta dizer desse docente mais na perspectiva de trazer esse questionamento, de que intelectual é esse na sociedade, a quem ele serve. Como que

*“o cuidado de si, assim entendido, remete não somente ao plano da inteligência ou do conhecimento – embora o inclua –, não apenas no âmbito das teorias – embora as justifique –, não somente à ordem da representação – embora a fundamente-, mas também no plano das atitudes, ao âmbito do olhar, à ordem das práticas que constituem todo um modo de existência” ( Gros, 2004, p. 9).*

- Outra imagem, ao se pensar o estar no Mucuri, tornar docente aqui e contra a qual briguei solitariamente. Faz-se graduação em Filosofia na USP que, em termos de Brasil, tem um padrão do seguinte modo: o papel do professor é um comentador exemplar, de preferência na língua do pesquisador estudado, sala de aula como lugar de exposição de sua trajetória. Os estudantes não interessam. A experiência de uma sala com 60 estudantes, aula falada ao microfone fez ver que aquilo não se quer. A sala de aula tem que possibilitar diálogos com os estudantes. A arte de ajudar os alunos a pensar criticamente em vez de repassar o pensamento de Platão ou de Sócrates. Melhor voltar para a roça onde nasci e cuidar de plantar mandioca e tantos outros alimentos para o corpo que assim pode contribuir mais com o pensar das pessoas.

O questionamento feito contribui para a gente falar e percebe que as coisas estão presentes e que a gente nem sabia que estavam. Essa fala da professora, essas imagens de um fazer docente indesejado, o que sustenta a opção pelo Mucuri, o que se está fazendo consigo no embate constante e constitutivo ao se estar aqui, em que *“pelo gesto mínimo o que consiste em deslocar o olhar, (...) visualiza o que está próximo, tão imediato, tão intimamente ligado a nós que, exatamente por isso, não o vemos”* (Foucault, apud. Artières, 2004, p. 22).

Ser uma espécie de *“anti-docente”* consigo mesmo: - achar bacana por ter experienciado a cena de aula em falas de poder com as escutas submissas dos estudantes em não saberes ditados, no paradoxal lutar incessantemente repudiando em praticá-la por saber desumana, fria e impedidora de estar com os processos constitutivos dos estudantes no ato de romperem laços.

- Sem possibilidades de esticar mais o diálogo, espera-se outra plataforma, em outros encontros para a escuta das narrativas de processos.

Despedem.

A oferta de viagens para as cidades próximas em transportes não registrados e controlados pelo Estado é uma constante em apelos pelos trabalhadores que se aproximam, oferecem e partem para novas ofertas aos transeuntes; vendedores ambulantes prometem aplacar o calor com seus produtos de sólidos virados sucos. Há muitas burlas no entorno do terminal e nenhum bebedouro gratuito de água potável para os passageiros em espera do lado de dentro. As telhas metálicas encobridoras e adquiridas para fazerem funcionar os fornos das indústrias do aço aliadas à pouca ventilação a atravessar o prédio amplia a sensação térmica no calor dos que se comprimem nas plataformas.

Ressoa o último sinal sonoro. Multiplicam as ofertas de produtos e serviços sem impostos antes de entrar para o embarque decidido após as lembranças rememoradas no calor e na polifonia dos passantes no entra e sai do terminal. Na plataforma, os de decisão tomada. Ao leve toque do guarda – chave ou no apertar do botão eletrônico os rumos mudam e convidam a viagem empreendida no processo de constituição em cuidados de Si.

## VI - Referência Bibliográfica

- . ADORNO, Francesco Paolo. **A tarefa do intelectual**: o modelo socrático. IN: GROS, F. (org). Foucault: a coragem da verdade. 2 ed. São Paulo : Parábola Editorial, 2004.
- . AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó : Argos, 2009.
- . ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro : Rocco, 2003.
- . AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 7ª. Ed. Campinas : Papirus, 2008.
- . ARTIÉRES, Philippe. **Dizer a verdade**: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. IN: GROS, F. (org). Foucault: a coragem da verdade. 2 ed. São Paulo : Parábola Editorial, 2004.
- . BAPTISTA, L. A. S. **O veludo, o vidro e o plástico**: desigualdade e diversidade na metrópole. Niterói : EDUFF, 2007.
- . \_\_\_\_\_. **A fábrica de interiores**: a formação psi em questão. Niterói : EDUFF, 2000.
- . \_\_\_\_\_. **Narrativas infames da cidade**: interseções entre Walter Benjamin e Michel Foucault. IN: Junior, D. M. A.; Veiga-Neto, A.; Filho, A. S. Cartografias de Foucault. Belo Horizonte : Autêntica, 2008.
- . \_\_\_\_\_. **Tartaruga e vira-latas em movimento** – políticas da mobilidade na cidade. IN: Corpocidade: Debates, Ações e Articulações, EDUFBA, Salvador, 2010a, p.56 a 59.
- . \_\_\_\_\_. **Noturnos urbanos** – interpelações da literatura para uma ética da pesquisa. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro : UERJ, ano 10, n. 1, p. 103-117, 1º semestre de 2010b.

- . \_\_\_\_\_ . **Walter Benjamin e os anjos de Copacabana**. Revista Educação Especial : Biblioteca do Professor, n. 7, 2008.
- . \_\_\_\_\_ . **A Atriz, o Padre e o Psicanalista** – os amoladores de faca. IN: A Cidade dos Sábios, São Paulo: Summus, 1999. pg 45 a 49.
- . \_\_\_\_\_ . **A fábula do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios**: cidade, cotidiano e poder. IN: Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação. Ira Maria Maciel (org). Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001. p. 195 a 209.
- . \_\_\_\_\_ . **O enigma do sorriso que diz sim**. Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais/RJ, Ano 25, Nº 75, Abril 2011.
- . \_\_\_\_\_ . **Neve e mistério no Rio de Janeiro**: a fábula sobre corpos e arames. Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais. N, 80, Rio de Janeiro, p. 5-6, 11 jul.2012.
- . \_\_\_\_\_ . **Impactos da (i)mobilidade na produção de subjetividade**. IN: Conselho Federal de Psicologia. (org.) Psicologia e Mobilidade: O Espaço Público como Direito de Todos. Brasília : Liberdade de Expressão., 2010. V. 1, p. 213-220.
- . \_\_\_\_\_ . **Combates urbanos**: a cidade como território de criação. Palestra proferida no XII Encontro Nacional da ABRAPSO, Porto Alegre, 16 Out 2003.
- . \_\_\_\_\_ . **Oração de um nenhum a Nossa Senhora dos Desvalidos**. Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais, Rio de Janeiro, 10 dez. 2011.
- . \_\_\_\_\_ . **Editorial e entrevista a Revista Fractal**. V. 20 – n. 1, p. 01-08, jan.-jun. 2008.
- . BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Edição Especial 40 anos, 40 livros. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006.
- . BENJAMIN, W. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: Walter Benjamin: magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas, Vol I. 7ª Ed. São Paulo : Brasiliense, 1994.
- . \_\_\_\_\_ . **Experiência e pobreza**. IN: Walter Benjamin: magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas, Vol I. 7ª Ed. São Paulo : Brasiliense, 1994.

.\_\_\_\_\_. **Passagens**. Belo Horizonte : Editora da UFMG: São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

. CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

.\_\_\_\_\_. **Seis propostas para o próximo milênio**. 2 ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.

. CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro : BestBolso, 2010.

. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 14 ed. Petrópolis : Vozes, 2008.

. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Geofilosofia**. IN: O que é a filosofia? 3 ed. São Paulo : 34, 2010.

.\_\_\_\_\_. **Tratado de nomadologia: a máquina de guerra**. IN: Mi Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Vol 5. São Paulo : 34, 2002.

. FEITOSA, Charles. **Pensar, migrar**. IN: Lins, Daniel & Pelbart, Peter Pal. Nietzsche e Deleuze bárbaros, civilizados. São Paulo : Annablume, 2004.

. FERREIRA NETO, J. L. **A formação do psicólogo: clínica, social e mercado**. Belo Horizonte : Fumec / FCH, 2004.

. FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.) **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre : Sulina, 2012.

. FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 3 ed. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2010.

.\_\_\_\_\_. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. IN: Ética, Sexualidade, Política. 2ª. Ed. Col. Ditos & Escritos, vol. V. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2010.

. \_\_\_\_\_. **A escrita de si**. IN: Ética, Sexualidade, Política. 2ª. Ed. Col. Ditos & Escritos, vol. V. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2010.

.\_\_\_\_\_. **Outros Espaços**. IN: Estética – Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2ª ed. Ditos & Escritos, vol. III. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2006.

- . \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. 6 ed. Petrópolis : Vozes, 1988.
- . \_\_\_\_\_. **Sobre a geografia**. IN: Microfísica do poder. 7 ed. Rio de Janeiro : Graal, 1988.
- . \_\_\_\_\_. **Os intelectuais e o poder**. IN: Microfísica do poder. 7 ed. Rio de Janeiro : Graal, 1988.
- . FRANÇA, S.; ROCHA, L. C da; CRUZ, P. S.; JUSTO, J. S.; CARDOSO JR. H.R. **Estratégias de controle social**: errância – criminalização - gestão de risco. São Paulo : Arte & Ciência, 2004.
- . GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo : 34, 2006.
- . \_\_\_\_\_. **Entre a vida e a morte**. IN: Otte, G.; Sedlmayer, S.; Cornelsen, E. Limiares e passagens em Walter Benjamin. Belo Horizonte : Editora Ufmg, 2010.
- . \_\_\_\_\_. **Uma topografia espiritual**. IN: O camponês de Paris, ARAGON, L. Rio de Janeiro : Imago, 1996. Posfácio.
- . \_\_\_\_\_. **História e Narração em W. Benjamin**. Col. Estudos. São Paulo : Perspectiva : FAPESP : Campinas –SP : Editora da UNICAMP, 1994.
- . \_\_\_\_\_. **Walter Benjamin ou a história aberta – Prefácio**. IN: Walter Benjamin: magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas, Vol I. 7ª Ed. São Paulo : Brasiliense, 1994.
- . GIARD, Luce. **Cozinhar**. IN: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano – Morar, cozinhar. 8ª ed. Petrópolis : Vozes, 2008.
- . \_\_\_\_\_. **Momentos e lugares**. IN: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano – Morar, cozinhar. 8ª ed. Petrópolis : Vozes, 2008.
- . GROS, F. (org). **Foucault**: a coragem da verdade. 2 ed. São Paulo : Parábola Editorial, 2004.
- . \_\_\_\_\_. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo : É Realizações, 2010.

- . \_\_\_\_\_. **O cuidado de si em Michel Foucault**. IN: RAGO, Margareth; VEIGA – NETO, Alfredo (Orgs.). Figuras de Foucault. 2 ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2008.
- . GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1986.
- . \_\_\_\_\_. **As três ecologias**. 3ª ed. Campinas : Papyrus, 1991.
- . HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo : Companhia de Bolso, 2010.
- . HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2006.
- . JUSTO, J. S. **Saúde mental em trânsito**: loucura e a condição de itinerância na sociedade contemporânea. IN: Boarini, M. L. (org.) Desafios na atenção à saúde mental. Maringá : Eduem, 2000.
- . \_\_\_\_\_. **Dromopolítica contemporânea**: o caso dos andarilhos. IN: . FRANÇA, S.; ROCHA, L. C da; CRUZ, P. S.; JUSTO, J. S.; CARDOSO JR. H.R. Estratégias de controle social: errância – criminalização - gestão de risco. São Paulo : Arte & Ciência, 2004.
- . \_\_\_\_\_. **Prefácio**. IN: NASCIMENTO, E C. Nomadismo contemporâneo: um estudo sobre errantes trecheiros. São Paulo : Unesp, 2008.
- . \_\_\_\_\_. **Andarilhos e trecheiros**: errância e nomadismo na contemporaneidade. Maringá : EDUEM, 2011.
- . \_\_\_\_\_. **Vidas errantes**: políticas de mobilidade e experiências de tempo- espaço. Londrina : EDUEL, 2012.
- . LAFERRIÈRE, Dany. **Como fazer amor com um negro sem se cansar**. São Paulo : 34, 2012.
- . LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo : ANPED, jan-fev-mar-abr, número 19,2002.
- . \_\_\_\_\_. **A arte da conversa**. IN: SKLIAR, Carlos. Pedagogia (improvável) da diferença e se o outro não estivesse aí: Rio de Janeiro : DP&A, 2003.
- . LESKOV, Nikolai. **A fraude e outras histórias**. São Paulo : 34, 2012.

- . LIMA, Vivi Fernandes de. **Trem passageiro**. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 5, número 53, fevereiro de 2010. Rio de Janeiro : SABIN.
- . MÃE, Valter Hugo. **O remorso de Baltazar Serapião**. São Paulo : 34, 2011.
- . MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro : Record, 2001.
- . MARTINS, Alberto. **A história dos ossos**. São Paulo : 34, 2005.
- . MASSEY, Doreen. KEYNES, Milton. **Filosofia e política da espacialidade**: algumas considerações. Rio de Janeiro : Revista GEOgraphia, Ano 6, número 12, 2004.
- . MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política de espacialidade. São Paulo : Bertrand Brasil, 2008.
- . NASCIMENTO, E. C. **Nomadismo contemporâneo**: um estudo sobre errantes trecheiros. São Paulo : Unesp, 2008.
- . NASCIMENTO, M.; BRANT, F. **Encontros e despedidas**. Coleção Milton Nascimento. Vol. 19. São Paulo : Abril, 2012.
- . NEVES, E.G. **Amazônia Ano 1000**. National Geographic. Rio de Janeiro : Abril. Ano 11, número 122, maio de 2010, pag. 30 a 49.
- . NIETZSCHE, Friedrich. **100 aforismos sobre o amor e a morte**. Col. Grandes Idéias. São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- . ONFRAY, M. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Porto Alegre : L&PM, 2009.
- . POLO, M. **O livro das maravilhas**: a descrição do mundo. Coleção L&PM Pocket, vol. 161. Porto Alegre : L&PM, 2006.
- . PORTES, E. A. **Expansão universitária e os pobres**. Aula Magna ministrada no Programa de Pós – Graduação em Educação, da Universidade Federal de Viçosa, em 24 de maio de 2010.

- . REVEL, Judith. **O pensamento vertical**: uma ética da problematização. IN: GROS, F. (org). **Foucault**: a coragem da verdade. 2 ed. São Paulo : Parábola Editorial, 2004.
- . ROCHA, Marisa Lopes da.; ROCHA, Décio. **Produção de conhecimento, práticas mercantilistas e novos modos de subjetivação**. Revista Psicologia & Sociedade, 16 (1), p. 13- 36, Número Especial 2004.
- . RODRIGUES, A.C.& BAPTISTA, L.A.S.(2010) **Cidades-imagem**: afirmações e enfrentamentos às políticas da subjetividade. Psicologia & Sociedade, 22(3), 422-429.
- . ROSA, João Guimarães. **Sorôco, sua mãe, sua filha**. IN: Primeiras estórias. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1988.
- . ROSE, Nikolas. **Como se deve fazer a história do eu**. Educação & Realidade, v.1, n. 1(fev 1976), Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976.
- . ROUANET, Sergio Paulo. **A razão nômade**: Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro : UFRJ, 1993.
- . SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. Col. Milton Santos. São Paulo : EDUSP, 2004.
- . SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. Aquarela Arthur Luiz Piza. São Paulo : Companhia das Letras, 2007.
- . SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 2 ed. Rio de Janeiro : BestBolso, 2010a.
- .\_\_\_\_\_. **A corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 15 ed. Rio de Janeiro : Record, 2010b.
- . SILVA. J.M.A. **Poder público e desenvolvimento**: teorias, idéias e a realidade brasileira. IN: LHA, Adayr da Silva; DI MARCO Luiz Eugênio.(Org.). Los Planes Esperanza del Humanismo Económico: el Continente indoamericano, una expresión solidaria, um testimonio histórico.. : FACOS-UFSM, 2010, V. ..., p. 983-993.

- . TODOROV, Tzvetan. **Só a ficção nos salva**. Entrevista. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 8, número 88, janeiro de 2013. Rio de Janeiro : SABIN.
- . \_\_\_\_\_. **Voltar**. IN: O homem desenraizado. Rio de Janeiro : Record, 1999.
- . \_\_\_\_\_. **Apresentação**. IN: Nós e os outros – a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Vol. 1. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993.
- . VÁRIOS AUTORES. **Surrealismo**. Espanha: Scala/Paisagem, 2011.
- . VIRILIO, Paul. **O espaço crítico: e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro : 34, 1993.
- . ZANELLA, Andréa Vieira; FURTADO, Janaína Rocha. **Resistir**. IN: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (orgs). Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre : Sulina, 2012.

### **Bibliografia Escapulida da Mesa**

- . BAPTISTA, Luis Antonio & FERREIRA, Marcelo Santana (Orgs). **Por que cidade?** escritos sobre experiência urbana e subjetividade. Niterói : EDUFF, 2012
- . BAUDELARE, Charles. **Paraísos artificiais: o haxixe, o ópio e o vinho**. Coleção L&PM Pocket, vol. 91. Porto Alegre : L&PM, 2009.
- . \_\_\_\_\_. **Meu coração desnudado**. Belo Horizonte : Autêntica, 2009.
- . BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. **Villém Flusser: uma introdução**. São Paulo : Annablume, 2008.
- . CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo : Planeta De Agostini, 2003.
- . CAMPANELLA, Tommaso. **A cidade do sol**. São Paulo : Rideel, 2005.
- . COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo : Rideel, 2005.
- . DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho de um homem ridículo**. 2 ed. São Paulo : 34, 2009.

- .HAESBAERT, Rogério. **Des - territorialização e identidade**. Niterói : Eduff, 2000.
- . HOMERO, **Odisseia**. São Paulo : 34, 2011.
- . JACQUES, P.B.; HENRI-PIERRE J. **Corpos e cenários urbanos**: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador : Edufba, 2000.
- . KAFKA. **O processo**. Coleção L&PM Pocket, vol. 543. Porto Alegre : L&PM, 2007.
- . LIMA.G.L.O. **Nômades de pedra**: teoria da sociedade simbiogênica contada em prosa. Porto Alegre : Escritos, 2005.
- .LESKOV, Nikolai. **Homens interessantes e outras histórias**. São Paulo : 34, 2012.
- .\_\_\_\_\_. **Lady Macbeth do distrito de Mtzensk**. São Paulo : 34, 2012.
- . LEVI, Primo. **É isso um homem?** 2 ed. Rio de Janeiro : Rocco, 2013.
- . MALDONATO, Mauro. **Raízes Errantes**. São Paulo : SESC SP-34, 2004.
- . MASSEY, Doreen. **Um sentido global de lugar**. IN: ARANTES, A. A. O espaço da diferença. Campinas : Papyrus, 2000.
- . MIZOGUCHI, Danichi Hausen. **Segmentariedades**: passagens do Leme ao Pontal. São Paulo : Plêiade, 2009.
- . NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo : 34, 2009.
- . PIGAFETTA, Antonio. **A primeira viagem ao redor do mundo**: o diário de expedição de Fernando de Magalhães, 2 ed. Coleção L&PM Pocket, vol. 453. Porto Alegre : L&PM, 2007.
- .POE, Edgar Allan. **Antologia dos contos extraordinários**. Rio de Janeiro : Bertrand, 2010.
- . ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas.19 ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.